

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA, SERVIÇO SOCIAL E COMUNICAÇÃO
HUMANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL

Gênero e monoculturas: possibilidades e produção de outras subjetividades

Dissertação de mestrado

Patrícia dos Passos

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lilian Rodrigues da Cruz

Porto Alegre

2024

Patrícia dos Passos

Gênero e monoculturas: possibilidades e produção de outras subjetividades

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Psicologia Social e Institucional.

Orientadora: Dra. Lílian Rodrigues da Cruz

Porto Alegre

2024

Patrícia dos Passos

Gênero e monoculturas: possibilidades e produção de outras subjetividades

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Psicologia Social e Institucional.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lílian Rodrigues da Cruz

Banca examinadora

Profa. Dra. Lílian Rodrigues da Cruz – Orientadora

UFRGS

Profa. Dra. Betina Hillesheim

UNISC

Prof. Dr. Luis Artur Costa

UFRGS

Profa. Dra. Simone Maria Hüning

UFAL

Porto Alegre

2024

Resumo

Esta dissertação objetiva tensionar a monocultura não apenas como modo de uso da terra, mas como sistema produtor de subjetividades e, assim, seu entrelaçamento com a problemática das questões de gênero, relações e limites climáticos. Refletir como as relações e as subjetividades são atravessadas constantemente por códigos, modos e padrões binários que cerceiam as diferenças e os diversos jeitos de ser e estar no mundo. Através dessas lógicas há constante produção de violência ao que escapa aos códigos universais, que atravessam não apenas as questões de gênero, mas os processos de vida e habitação da Terra. Interessa-nos pensar sobre o processo de colonização para formação dessas lógicas e como estas se engendram aos modos de subjetivação capitalísticos para sua manutenção. Aprofundamos as reflexões e problematizações acerca desses processos para entendermos as possibilidades de ampliação dos modos imaginatórios e de lógicas que diferem às vias hegemônicas de subjetivação. A cartografia é utilizada como inspiração e ferramenta ético-política que possibilita mapear tais questões através das diferentes pistas-experiências que atravessam quem pesquisa. Para isso, utilizamos a perspectiva decolonial e os feminismos desviantes para se entender as possíveis composições desses pensamentos que buscam rupturas e fugas do que há de universal, uno e dominante. Imergimos nessas conexões para pensar a possibilidade de alianças ao embate do que é hegemônico e das perspectivas que têm produzido a ideia de fim do mundo como produto de uma humanidade dita una.

Palavras-chave: monocultura, gênero, produção de subjetividades, terra.

Abstract

This dissertation aims to tension monoculture not only as a way of using the soil, but as a system that produces subjectivities and, thus, its interlacement to the gender issues, relationships and climatic limits. Reflect on how relationships and subjectivities are constantly permeated by binary codes, modes and standards that limit differences and different ways of being in the world. Through these logics, there is a constant production of violence to what escapes the universal codes, which cross not only gender issues, but the processes of life and habitation on Earth. We are interested to think about the colonization process for the formation of these logics and how they are engendered by capitalist modes of subjectivation for their maintenance. We deepen the reflections and problematizations about these processes to understand the possibilities of expanding imaginative modes and logics that differ from the hegemonic ways of subjectivation. Cartography is used as inspiration and an ethical-political tool that turns possible to map such issues through the different clues-experiences that cross those who research. To do this, we use the decolonial perspective and deviant feminisms to understand the possible compositions of these thoughts that seek ruptures and escapes from what is universal and dominant. We imerged into these connections to reflect about the possibility of alliances against what is hegemonic and the perspectives that have produced the idea of the end of the world as a product of a so-called one humanity.

Keywords: monoculture, gender, production of subjectivities, *earth*.

Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase me pertencem, na medida que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim, Invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando contadas.

Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência.

Maria da Conceição Evaristo (2016, p.7)

SUMÁRIO

<i>Segundo ato!</i>	9
1. Linhas Iniciais, linhas entrelaçadas	12
2. Inspirações Ético-metodológicas	23
3. Monoculturas da Terra e das subjetividades: seremos mundo sem a terra?	33
4. Familismo, monoculturas e violências de gênero: subjetivadores coloniais-capitalistas	46
5. O FEMINISMO? De quais falamos? Em quais apostamos?	66
6. OLHAR PARA O PROBLEMA: companheirismo e outras produções de vida	77
<i>Das palavras que não cabem em uma dissertação</i>	86
Referências	87

Segundo ato!

Normalmente o segundo ato é o trajeto mais longo de uma peça teatral, aquele que traz maior exploração das ideias iniciais e produz um caminho que leva a plateia ao encontro dessa trajetória com as personagens. Um mergulho intenso que tenta expressar o que se quis com aquela experiência até o final. O teatro fez parte da minha vida por três anos, nos quais vivi experiências que me possibilitaram muito do que penso hoje e, em cada apresentação, possibilidades de mergulhos intensos em diferentes ideias e vidas. Do pequeno ao grande teatro, o que importava não era o tamanho da estrutura em si, mas a experiência que elas proporcionavam.

Depois de alguns meses de bloqueio, sem conseguir tentar a escrita dessa dissertação – bloqueio esse que dizem ser comum após uma qualificação, afinal quanta coisa a palavra qualificar pode carregar - com muitas ideias, ansiedades, angústias e leituras em conjunto; foi essa lembrança, uma intensa e agradável lembrança dessa parte da minha vida que me fez recomeçar. O teatro é uma experimentação de vida, pois apesar de todo ensaio, ele acontece em cena, com tudo que foge ao programado. É o corpo experimentando aquele momento e reagindo, se expressando, afetando e sendo afetado sem moral. Sem a busca por um resultado dado a priori, que só é possível em troca e apresentação.

Hoje, ao escrever, entendo que há muitas conexões dessas lembranças com o processo de escrita-pesquisa, pois ainda que nos surjam mil ideias, trajetos, leituras, há sempre algo que foge e o que surge em afetação, criando linhas inesperadas. Me tomo dessa experiência teatral para retomar essa pesquisa-escrita que compõe com a vida. Para seguir apostando na produção que surge pela afetação, com acertos e erros, e em toda sua soltura. Retomo o desejo de pesquisa sem mesmo saber como ela será. Com ideias confusas e mescladas, busco me permitir à experimentação que vivi lá nos tempos de teatro para soltar meu corpo e ver o que surge, entre meses de encontros, angústia e também muitas alegrias do que a vida me traz. Espero que essa escrita seja como um segundo ato, que possibilite mergulharmos em conjunto sobre os questionamentos e caminhos porvir de relações outras no mundo. Não em um mundo pronto, mas “um” imaginado, como os do teatro, em que possamos sentir, sonhar e então voltarmos à realidade com o desejo de outros mundos, de mudanças, é isso que me interessa.

Como organizar tantas ideias e escolher certos direcionamentos para a pesquisa? Como expressar o que da vida me faz apostar nessas ideias? Gloria Anzaldúa (2000) sempre nos lembra do corpo e da vida como a possibilidade de uma pesquisa-escrita, uma não é

possível sem a outra. Deleuze e Guattari em seu extenso trabalho também nos afirmam a possibilidade de construção de uma escrita-pesquisa através dos processos cartográficos enquanto aposta ética, aberta ao saber dos encontros, da experiência e participação que tomamos na vida. Por que escrever e apostar nesses aspectos ainda nos causa medo e estranheza? Seria pelo ideal-saber que atravessa as produções acadêmicas?

Entre idas e vindas de minhas próprias ideias, conflitos com o que faria sentido trazer ou não, e caminhos sem respostas. Nesse segundo ato, segunda parte ou, enfim, dissertação, desejo encontrar deslocamentos nos processos de produção de subjetividades e modos de vida hegemônicos. Na *tecitura* desta dissertação buscamos o encontro com outras lógicas e nos interessa seguir com ideias que produzem brechas ao que violenta. Também a possibilidade de apostas em movimentos de luta em alianças, de um agir conjunto. Por isso o desejo de pensar a complexidade do engendramento colonial-capitalista enquanto produtor de modos de vida unos.

Por fim, todas as pessoas autoras e teorias que acompanham essa pesquisa proporcionam diálogos que consideram o processo de vida crucial para escrita. Além disso, tentamos a composição de/com ideias que nos possibilitam ampliar as formas de ver, viver e se estar no mundo, tensionando as universalidades e dominâncias que produzem sofrimento, na busca por outras subjetividades, afirmações de vida e diferença.

Nota inicial: a escrita expressa as lógicas de mundo em que estamos inseridas/es/os, sendo a forma que escrevemos também um caminho ao que questionamos. Questionar as universalidades e dominâncias dos modos de vida precisa passar pelo modo de escrita. Buscamos a tentativa de uma linguagem em diversidade, ainda que essa seja repleta de falhas, de lugares naturalizados que nos acompanham. Encontramos e buscamos compor com as ideias de pessoas que abrem caminhos para que possamos tentar. Dito isso, nesta dissertação há tentativa de rupturas com a universalização que ocorre na descrição de pessoas. Por isso, não será utilizado o pronome ele/dele como algo universal para possibilidade de romper com lugares estabelecidos de expressão. Ainda que se falhe pelas normas que acompanham uma linguagem, as nossas subjetividades, e isso nos traga impasses enquanto escrevemos, apostamos nessa tentativa.

A linguagem é muito mais do que uma escrita e um conjunto de símbolos que, na melhor das hipóteses, quando reunidos, produzem algum sentido. É um discurso que representa grupos, sociabilidades, práticas culturais e existências históricas (Andreone Medrado e Rhuann Fernandes, 2023).

1. Linhas iniciais, linhas entrelaçadas

tô de cama. hoje já não sabemos o que nos leva a adoecer e quando isso acontece sempre penso em ti. fico com medo de não conseguir respirar e todo dia o jornal nos mostra como o fim tá cada vez mais próximo. lembro de ti e me pergunto se não seria bom esse extremo chegar. seguimos do mesmo jeito e isso me deixa irritada, mas também paralisa, confesso. de repente só o fim mesmo, no seu limite, pode abrir nossa imaginação. lembro que tu nunca teve medo dele. toda vez que fico assim o medo e a tristeza ficam muito presentes, acho que lembro de ti por isso, tu sempre dissipava eles. ficava falando das tuas viagens de mudança do Mundo, dos fungos, da terra, do companheirismo e eu sinto falta disso. mas não quero te falar só coisas ruins, hoje também lembrei de ti por causa das sementes. nessa loucura toda parece que encontraram sementes que tinham sido exterminadas lá em 2024. achei uma loucura uma coisa tão simples ser motivo de esperança geral, sementes, coisas tão pequenas. lembrei de ti por isso, tu sempre falava que coisas muito desqualificadas pelo sistema nos salvariam. penso em ti e nas sementes e consigo respirar um pouco, quem sabe elas nos ajudem de fato.

Nessa escrita-pesquisa acreditamos e apostamos que os acontecimentos do viver são parte da produção de subjetividades, sendo impossível desconectar o processo - político - de vida das nossas práticas profissionais e pesquisas. Esse trajeto é constituído por um emaranhado de linhas advindas de distintas experiências. Quando penso nessa mescla de linhas, há importância em suas intensidades, no que elas produziram e produzem. A primeira delas emerge da minha experiência enquanto mulher e atravessa essa construção em grande intensidade, pois é o que me leva ao estágio profissionalizante em uma Casa-abrigo¹ de mulheres em situação de violência. Período que produziu muito e que me acompanha em questões que seguem se renovando e se ampliando desde então.

Lá pude ver, acompanhar e sentir a complexidade da criação em situações de violência em suas diferentes formas e também a multiplicidade dos modos de resistência ao que aniquila. O campo de políticas de saúde e acolhimento para mulheres ainda reproduz únicas formas de lidar com a violência e se aproxima de determinismos sobre quem passa por essa experiência. Esse ano de prática me permitiu ampliar o olhar sobre os diversos movimentos

¹ Estágio profissionalizante realizado durante o último ano da graduação de psicologia.

feministas dentro do que entendemos como feminismo. Foi espaço para reparar seus limites, aberturas, fechamentos, e como esses movimentos se dão em diferentes contextos.

O estágio citado também possibilitou a ampliação de lógicas e adentrar questionamentos que já me acompanhavam ao longo da graduação. Durante essa experiência o conceito de *devenir* mulher (Deleuze e Guattari, 2012) me auxiliou a encontrar formas de trabalho que escapassem dos fechamentos produzidos em espaços de acolhimento a situações de violência. Possibilitou encontrar vias de composição para pensar as possibilidades de saúde e vida com as usuárias daquele serviço. Dialogar com o conceito foi abertura para encontrar, em processo cartográfico, linhas de fuga, rupturas e criação de novos modos de ser no âmbito da política de enfrentamento às violências. *Devenir* mulher é a ruptura com o universal que atravessa essa experiência, é abertura, fissura nos padrões estáticos estabelecidos de maneira dominante e molar. As reverberações dessa prática – que atravessava minha vida em muitos sentidos – seguiram me acompanhando nos questionamentos sobre a implicação da psicologia na produção de subjetividades: pensar as lutas pelas existências em suas diferenças no que perpassa a psicologia; pensar rupturas possíveis com as universalidades e lógicas dominantes de mundo que intensificam as produções de violências.

Parte dessa experiência nos acompanha ao *tecer* essa pesquisa: como pensar as relações para além das lógicas binárias, produzindo subjetividades que diferem dos modos de vida dominantes e produtores de violências? Como afirmar o direito das mulheres sem impor um modo universal de ser? Como estar em alianças? Nos interessa refletir sobre as questões de gênero e como esse sistema afeta nossas subjetividades, repensando quais feminismos e movimentos minoritários possibilitam a ampliação dos nossos modos de ser e estar no mundo. A experiência com a violência sempre me fez tentar rupturas com as instituições relacionais dadas e desvios com o que nos é ensinado como natural nos modos dominantes de se relacionar. O fazia sem saber o que passava por essas tentativas, elas vinham das sensações, do corpo, antes mesmo de compreender seus significados e de qualquer encontro teórico. É o processo de vida que acompanha o modo que me relaciono com a psicologia e o desejo de pensar as formas de estar nas diferentes práticas enquanto psicóloga. Por isso, a busca por tensionamentos que ampliam ideias e possibilitam psicologias por lugares que abarcam a diferença e a multiplicidade das existências são linhas condutoras dessa escrita-pesquisa.

Na complexidade das situações que envolvem violência, dos movimentos feministas e das questões de gênero, sempre há diferentes concepções e vertentes para pensar esse campo. Em suas diferenças, há caminhos que ampliam a compreensão das existências e dos jogos de

poder envolvidos nas relações e suas mobilidades. Questões que já me acompanhavam, ao longo dos anos foram atravessadas por reflexões e inquietações outras, me possibilitando pensar ainda mais os feminismos em sua multiplicidade. Também quais ideias desses movimentos faziam sentido na afirmação das diferenças e se deslocavam da busca da universalização e essencialismo para vias de mudanças e luta.

Nesta escrita-pesquisa buscamos produções que ampliem nossas práticas atravessadas por lógicas e instituições universais e para com as intervenções que visam únicas formas de ser mulher, ainda mais as que passam por situações de violência. As formas rígidas com que ainda pensamos e determinamos os dispositivos de cuidado e acolhimento específicos para esses contextos sempre me inquietaram. Os fechamentos da impossibilidade de agência e criação foram questões e embates que me atravessaram ao longo da vida, em distintos momentos, mas no próprio processo de cuidado em saúde mental.

Essas linhas que me compõem também me fizeram buscar e encontrar possibilidades de psicologia(s) que fugissem dos modos universais e dominantes; com direções para as aberturas e composições que possibilitam saúde e criação da diferença para si e em processo coletivo; pensamentos que nos permitem questionar os Modos de vida em centralidade. Para Judith Butler (2024, p255) “Vivemos desse modo agora, supondo que viver assim é o modo de viver; e uma vez que essa prática repetida se torna um modo de vida, esse passa a simplesmente parecer o modo como as coisas são, ou deveriam ser”. Nos interessa nessa escrita questionar os modos estabelecidos que se impõem como universais e desqualificam a multiplicidade dos diversos outros modos de viver.

Porém, quando o modo de vida reproduzido destrói *todos* os modos de vida, incluindo esse mesmo, é preciso questionar como a busca pela destruição é levada adiante por práticas que são consideradas apenas o modo como as coisas são, ou têm de ser. (Judith Butler, 2024, p.255)

As questões de gênero, antes mesmo de serem teorizadas, me eram caras nas experiências, na tentativa de novas formas de relação e embates para possibilidades outras de vida. Por isso, a noção de devir mulher de Deleuze e Guattari (2012) me acompanhou em distintos momentos desse trajeto, pois foi conceito/ferramenta que possibilitou a ruptura com ideias prontas e molares sobre o que mulheres podem ser. Além disso, proporcionou pensar minha própria vida para além do que se dá na violência e circula por outros lugares e outros possíveis. Ainda que não seja usado nesse trabalho enquanto ferramenta conceitual, evidenciamos sua importância em minha trajetória e suas reverberações nos questionamentos aqui contidos.

As teorias queer também apoiavam esses movimentos e o encontro com os pensamentos decoloniais foi possibilidade de ampliar ainda mais esses tensionamentos. Nos interessa pensar as subjetividades atravessadas pelos regimes sócio-políticos e econômicos, pelos sistemas dominantes e sistemas de hierarquização que as atravessam e se inter cruzam. As pensamos com o intuito de desestabilizar a naturalização dos modos de vida hegemônicos.

Uma das outras linhas que nos leva à pesquisa é o encontro com a alimentação como processo político e de resistência aos padrões de vida capitalísticos. Como nos auxilia pensar Suely Rolnik (2018), padrões que são atualização do capitalismo através da produção e colonização das subjetividades para a reprodução e manutenção do mesmo - demonstram seus limites de precarização e se espalham de maneira sorrateira, não sendo apenas movimentos de um sistema econômico, mas do desejo. Foi durante um percurso de questionamentos, iniciado ainda na graduação, que as feiras agroecológicas se mostraram uma via de escape na cidade para o fortalecimento de outras possíveis redes alimentares. Foi a aproximação com as feirantes, os encontros semanais e as conversas que ampliaram o conhecimento sobre a luta pela reforma agrária e suas resistências.

O caminho inicial dessa pesquisa estava direcionado a pensar as questões das resistências de/com as mulheres do MST, tomando o devir mulher como ferramenta conceitual. Na maior parte das feiras orgânicas de Porto Alegre as pessoas feirantes são vinculadas ao Movimento Sem Terra, sendo o movimento diretamente conectado à produção de alimentos sem agrotóxicos e também a outras formas de uso da terra. O MST é um movimento de extrema significância em diferentes vias sociais. Seu surgimento se dá pela urgência da distribuição igualitária de terras, sendo importante não apenas na busca por sua garantia como forma de trabalho e dignidade, mas também pelas antigas resistências que o influenciam, como as das populações indígenas à colonização e exclusão e do movimento negro. A concretização do MST se dá no ano de 1984, em um encontro realizado em Cascavel (Paraná), e é neste que as pessoas trabalhadoras sem terra definem seus três objetivos principais: lutar pela terra, pela reforma agrária e por mudanças sociais no país (MST)². Esse desejo inicial surgiu pelo contato com pessoas do assentamento de Nova Santa Rita³, o que me despertou inquietação sobre as problemáticas da terra, da agroecologia, crise climática e reforma agrária.

² Fatos históricos retirados do site oficial do MST

³ Assentamento Santa Rita de Cássia II, situado em Nova Santa Rita, região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Encontro que faz parte da trama que acompanha essa escrita-pesquisa, pois a partir de seus efeitos começo a refletir sobre as questões da terra e seus modos de exploração. Como as monoculturas se relacionam ao gênero, aos feminismos e aos limites da crise climática? Qual a relação entre as monoculturas e a problemática dos limites da exploração da natureza e do grande dismantelamento das políticas sociais produzido pelo governo Bolsonaro (2019-2022)? Dessas lógicas, das binariedades e dos avanços da extrema direita? Da colonização e nossas formas de relação, sistema de parentesco, sistema de gênero e raça? Monoculturas e capitalismo? *Extratificação* da terra e da vida? *Capitaloceno*⁴ e *Plantationoceno*?⁵ Pensar as questões de gênero e diferença é o que me movimenta em muitos sentidos.

Em um primeiro momento, na tentativa de pensar-pesquisar sobre essas problemáticas por outros lugares, o MST pareceu ser o ponto central e guia da pesquisa. Além disso, era uma forma de seguir refletindo sobre esses pontos tão importantes sem falar apenas sobre as passagens pela violência. Mas ao longo desse processo, os diversos encontros com os pensamentos e pessoas autoras decoloniais se intensificaram na trajetória do mestrado. O que produziu ainda mais questionamentos sobre as lógicas colonizadas, binárias e o quanto elas atravessam os modos de vida e estão interconectadas com o cerceamento por outras formas de mundo. Problemáticas antes pensadas a partir das leituras das teorias queer e filosofias da diferença, tendo como centralidade o capitalismo/neoliberalismo e sua produção de subjetividades. As vias e conexões com a colonização e problemática de sistema-raça para a construção desse sistema-mundo são possíveis pelos pensamentos decoloniais e sua abertura para pensar o entrelaçamento da criação desses sistemas ao processo de colonização.

Nos utilizamos do termo sistema-mundo que foi cunhado por Oliver. C. Cox, espreado em seus usos, e amplamente pensado por Wallerstein na análise dos sistemas mundiais (1999). O nosso encontro de reflexão foi a partir de Grosfoguel (2020), que possibilita pensarmos os sistemas culturais e sociais para além do que a modernidade impôs em seu significado e que usualmente chamamos de sociedade. “O Conceito de “sistema-mundo” é uma alternativa ao conceito de “sociedade”. Ele é utilizado para romper com a ideia moderna que reduz “sociedade” às fronteiras geográficas e jurídico-políticas de um “Estadonação”” (Grosfoguel, p.55, 2020). Nesse sentido, o conceito nos auxilia a desviar da lógica homogeneizante e da colonialidade imposta nas análises dos sistemas e das formas de vida a partir do referencial moderno que não adentra a multiplicidade das diferenças sociais

⁴ Termo cunhado por Andreas Malm , pensado e popularizado por Jason Moore (2022)

⁵ Plantationoceno termo de Donna Haraway em: *Anthropologists Are Talking About the Anthropocene*, a publicação aconteceu em 2016.

em distintos sistemas culturais e de vida. “Esse olhar eurocêntrico moderno não somente reduz a noção de Estado a “Estado-nação”, como também reduz sociedade a essa forma de autoridade política muito particular do mundo moderno/colonial” (Grosfoguel, p.55, 2020).

O encontro com essas outras perspectivas tem sido extremamente importante para tensionar ainda mais o que já era caro. Ampliar a crítica da produção de subjetividades neoliberal pela composição da colonialidade e racialização; e também colocar em questão aspectos que antes eram despercebidos pela minha localização enquanto mulher branca. A perspectiva decolonial possibilita o contato com as outras lógicas de mundo que produzem e sempre produziram outras formas de vida, mas durante a colonização foram aniquiladas para que apenas um modo – de lógica eurocentrada - fosse validado. Essa imposição violenta atravessa diversas esferas da vida, do desejo e das formas que analisamos e enxergamos o mundo. Como nos ajuda refletir Oyèrónké Oyěwùmí (2004), esse processo é longo, e suas produções de sentido foram impostas e propagadas durante os últimos cinco séculos descritos como modernidade. São sentidos criados para que essa universalização admita as distintas explorações de sua perspectiva. “Significativamente, gênero e categorias raciais surgiram durante essa época como dois eixos fundamentais ao longo dos quais as pessoas foram exploradas, e sociedades, estratificadas” (Oyèrónké Oyěwùmí, 2004, p.1).

Os encontros dos últimos anos trouxeram ainda mais possibilidades de buscar alianças com pessoas e ideias que ampliam e desestabilizam o Mundo⁶, tensionando sua produção de uma única humanidade e o apagamento da multiplicidade do existir através da universalização. Ao longo do processo de *tecitura* do projeto e da intensificação dos encontros teóricos citados, surge a dúvida sobre a pesquisa envolver o campo e contato direto com o MST, ou ser traçada a partir do conjunto de experiências, de fragmentos, teorias e pessoas que me atravessavam e possibilitavam um processo cartográfico. Durante o tempo de indagação sobre não estar em campo, o encontro com o MST permanece na aposta de uma relação e não como lugar de pesquisa. O movimento segue como ponte e mais um dos nós do conjunto de encontros e linhas para os questionamentos sobre o processo de colonização, das binariedades e das monoculturas que atravessam o mundo e as subjetividades. Esse encontro foi um dos muitos, das distintas experiências-pistas que dispararam as diferentes questões que me trazem até aqui e possibilitam pensar a vida de outras formas. A pesquisa é uma *arriscação* de refletir/colocar em análise os Modos que guiam muito do mundo e atravessam o que ele pode ser. Uma *arriscação* requer abertura e criação, certamente envolvendo

⁶ Quando o mundo aparece com letra maiúscula há intenção de localizar um mundo que expressa os modos de vida dominantes e sua universalização.

incertezas de sentidos que se constroem. Assim, assumimos o desejo por essas questões de pesquisa, e mesmo sem ter como dimensionar seus efeitos possuímos grande interesse em suas aberturas e brechas.

Dito isso, é a partir desse conjunto de encontros que chegamos à linha central da pesquisa: refletir sobre o engendramento entre as monoculturas da terra e subjetividades, a binariedade do sistema de gênero/sexo com a exploração brutal da natureza, do sistema de hierarquização do não branco e do não humano. A problematização das desigualdades de gênero nos leva às monoculturas que atravessam a terra, mas também - nossas - relações e formas de vida. Esse trajeto é necessariamente transpassado pelo tensionamento dos modos de subjetivação coloniais-capitalistas⁷, como do sistema patriarcal. Vias múltiplas que se entrelaçam à crise climática para pensar a imposição das lógicas binárias e das monoculturas para viabilização da universalização da eurocentricidade como forma de vida e sistema-mundo. Malcom Ferdinand (2022) aponta para as fraturas coloniais que separam ou desconectam tais questões, as colocando em lugares distintos em seu processo histórico. Para o autor, pensar em uma ecologia decolonial é se atentar a esse processo de construção em suas diversas formas de exploração, da terra às humanidades, reparar o entrelaçamento do que possibilitou essas dominações. Para possibilidades de desvios dessas lógicas as vias de relação não podem mais ser desconectadas, é preciso refletir sobre a complexidade desse aparato para nos deslocarmos das lógicas duais desse constructo.

Eis a dupla fratura. Ou se coloca em questão a fratura ambiental desde que se mantenha o silêncio da fratura colonial da modernidade, de suas escravidões misóginas e de seus racismos, ou se desconstrói a fratura colonial sob a condição de abandonar as questões ecológicas. Entretanto, ao deixar de lado a questão colonial, os ecologistas negligenciam o fato de que as colonizações históricas, bem como o racismo estrutural contemporâneo, estão no centro das maneiras destrutivas de habitar a Terra. (Malcom Ferdinand, 2022, p.31/32)

Emaranhado que nos mostra a importância de cada vez mais imaginarmos mundos diferentes para o Mundo. O feminismo branco, de lógica ocidental ou eurocentrado, adentra esse caminho como parte da reflexão sobre a conexão entre o processo de colonização e a própria construção de gênero/sexo⁸; e como seguiremos apostando em lutas que rompam com

⁷ Ao longo do texto há uso de diferentes termos, como colonial-capitalístico, colonial-neoliberal e também neocolonial, neoliberal ou capitalista. Como há constante modificação desses termos pelas demandas culturais e coletivas, eles fazem sentido em conjunto por suas mudanças e relocalizações.

⁸ Me utilizo das ideias de algumas pessoas autoras que nos abrem caminhos para a ruptura de uma lógica que ainda pensa o corpo como algo natural e biológico e o gênero através do âmbito da produção social. Colocar gênero e sexo sendo ambos atravessados pelas produções, marcações e códigos sociais nos ajuda a pensar nas diferenças e multiplicidades, no que atravessa um corpo. Diálogos com: Letícia Nascimento (2021); Judith Butler (2019 e 2024) e Paul B. Preciado (2018), além da própria colonialidade envolvida na construção desse sistema María Lugones (2014).

as lógicas binárias e suas dominâncias para novos mundos em aliança. María Lugones é um dos encontros para adentrarmos essas perguntas. A autora nos possibilita em suas diferentes produções, avançarmos e colocarmos em questão as óticas construídas e atravessadas pelos processos de colonização para pensar não apenas a colonialidade, mas a colonialidade do gênero como parte crucial desse constructo. Além disso, ela fornece pistas para olharmos o que se validou como história feminista e quais as possibilidades para alianças com outras óticas de mundo.

Ao usar o termo colonialidade, minha intenção é nomear não somente uma classificação de povos em termos de colonialidade de poder e de gênero, mas também o processo de redução ativa das pessoas, a desumanização que as torna aptas para a classificação, o processo de sujeitificação e a investida de tornar o/a colonizado/a menos que seres humanos. Isso contrasta fortemente com o processo de conversão que constitui a missão de cristianização. (María Lugones, 2014, p.939)

Repensar os usos da terra, a relação com a natureza, é colocar em questão a história linear produzida pela colonização nas subjetividades e buscar possíveis rupturas com os modos hegemônicos de vida e os sistemas que o favorecem. Malcom Ferdinand (2022) nos possibilita entender que só estamos vivenciando os momentos de limites climáticos pelo histórico do engendramento - colonização, racismo e hierarquização, por esse modo específico de habitar e se relacionar com a terra e a Terra⁹. “A tempestade ecológica em curso revela danos e problemas associados a certas maneiras de habitar a Terra próprias da modernidade” (p.47). Trata-se de poder romper com a universalidade das lógicas impostas como naturais e questionar os sistemas de desigualdade que se perpetuam em função do cerceamento de alternativas pela imposição dessa unidade de vida.

A globalização para os humanos não existe, o que existe para eles é a história do eurocentrismo – da centralidade, da unicidade. O que chamam de globalização é universalidade. Não no sentido que nós entendemos por universalidade, mas no sentido da unicidade. (Antônio Bispo dos Santos, 2023, p.17)

Buscamos pensar lutas relacionadas e em aliança às questões dos limites desse sistema-mundo. Nos interessam composições dos sentidos de lutas pelo aumento das possibilidades de vida a partir das ampliações de como habitá-lo, das alianças que estão nesse enfrentamento. Posto isto, o que se busca é pensar sobre a afirmação de vias de passagem aos jeitos de ser instituídos de forma hegemônica e binária às pessoas; também os tensionamentos das monoculturas interligadas ao processo de colonização através das questões da exploração da natureza e como elas fornecem a manutenção dessas lógicas.

⁹ Ao longo da dissertação usamos a letra maiúscula para localizar a Terra enquanto mundo e a terra enquanto solo.

Pode-se começar a observar o vínculo entre, por um lado, a introdução colonial do conceito moderno instrumental da natureza como central para o capitalismo e, por outro, a introdução colonial do conceito moderno de gênero. Pode-se notar como este vínculo é macabro e pesado em suas ramificações impressionantes. Também se pode reconhecer, com o alcance que estou dando à imposição do sistema moderno colonial de gênero, a desumanização constitutiva da colonialidade do ser. (María Lugones, 2014, p 8)

Guattari e Suely Rolnik (2013) exploram as complexidades das lutas sociais e tensionam o que se constrói dentre todas tentativas de capturas capitalísticas reproduzidas também nos grupos sociais. Nos interessa a via de atenção aos modos normalizantes que atravessaram o feminismo branco-ocidentalizado. Esses modos atravessam noss-as¹⁰ subjetividades e por isso é necessário repará-los, para que os jeitos de pensar lutas pela diferença e pluralidade não se produzam de maneira universal, mas sim em formas minoritárias e coletivas. Como refletido pela autora e pelo autor, reparemos na importância da afirmação da diferença e dos devires para que as lutas sigam em processos de resistência, escapando aos modos dominantes de vida produzidos pelo sistema colonial-neoliberal e seus padrões. Esses são pontos de atenção, no sentido de sempre estarmos em negociação com as padronizações que nos atravessam, com os desejos pelo poder. Tensionamento que possibilita ampliação das formas de negociação, entendendo que, muitas vezes, adentramos reproduções de vida e desejo que precisam ser deixadas de lado. Nossa intenção é pensar sobre as possibilidades de outras subjetividades que se diferem à produção hegemônica colonial-neoliberal e cisheteronormativa. “Na análise micropolítica é preciso estar atento às linhas de fuga, que são moleculares, ou seja, é preciso olhar para o que vaza ou foge, que escapa às organizações binárias” (Betina Hillesheim, Lilian Cruz e Lutiane de Lara, 2024, p.53).

A partir das reflexões trazidas até aqui, retomo algumas questões da pesquisa: quais engendramentos podem ser visibilizados entre gênero, lógicas binárias, monoculturas e o processo de exploração/colonização? Como produzir possibilidades de rupturas com as produções das violências a partir da afirmação das diferenças e multiplicidade? Como o processo de colonização/catequização se reatualiza na produção de apagamentos das diferentes perspectivas e formas de vida através das monoculturas do pensamento? Como os avanços da extrema direita se relacionam com as monoculturas? Essas são questões que

¹⁰ Ao longo da escrita, a cada apontamento dos modos de subjetivação dominantes havia intenção de localizar que apesar de distantes eles nos atravessam e em algum sentido nos constituem. Dessa forma, tentamos usar o hífen para expressão de que “os modos” em algum sentido são noss-os e não anular esse tensionamento. Os jogos de escrita e palavras não são uma certeza, mas resolvemos experimentá-los em abertura para quais efeitos terão.

ampliam nosso interesse em refletir sobre as formas da monocultura da terra/Terra e como elas atravessam os modos de relação/vida e subjetividades.

No primeiro capítulo “Trajeto Metodológico” dialogo com as ferramentas conceituais escolhidas para a construção da dissertação e narro o percurso de escrita e as inquietações que o alteraram, mas também o tornaram possível. No capítulo seguinte “Monoculturas da Terra e das subjetividades” discorro sobre a importância da terra no projeto colonial-capitalista e os efeitos das monoculturas no mundo e produção de subjetividades. Em “Familismo, monoculturas e violências de gênero” discutimos as reverberações do projeto moderno como do sistema monocultural nas formas de se relacionar e sentir. No capítulo “O feminismo?” adentramos na aposta de lutas feministas aliadas às questões de embate ao extremo climático e os sistemas que entranham o projeto estruturante moderno. Também tensionamos a unidade de luta feminista na intenção de localizar as ideias que apostamos. Por fim, em “Olhar para o problema: companheirismo e outras produções de vida” buscamos encontrar brechas e construções possíveis nos tempos atuais de extremo climático e sensações de fim para pensar e agir em conjunto.

O movimento da escrita, acho que até o movimento da própria vida, eu acho que o movimento da própria vida é o movimento que você faz para vencer a dor ou para vencer a morte. Eu acho que alguma coisa assim, é o espírito de sobrevivência mesmo, né? Esse desejo de você agarrar-se a vida de alguma forma, e pra mim a literatura é essa oportunidade que você tem de se agarrar a vida, né. Porque você registra a vida, você inventa a vida, você discorda da vida. E escrever...tem até um texto meu também em que eu digo isso: escrever é uma forma de sangrar... porque você... é porque é uma forma de sangrar mesmo, e a vida é uma sangria desatada

Fala de Maria da Conceição Evaristo, 2023

2. Inspirações Ético-metodológicas

Em meio a essa direção ético-política, a opção da tecitura de narrativas como instrumento metodológico afirma uma política da escrita que não busca “dar a voz” aos corpos, mas ao contrário disto, dar visibilidade e dizibilidade às vozes que esses corpos, nesses (re)encontros produziram no corpo-pesquisadora, aberto ao que poderia vir a acontecer em sua vulnerabilidade no encontro com os outros. (Raphaella Daros, 2018, p.62)

Por isso, a pergunta que se tece é: como fazer a escrita participar se não deixando as afecções bagunçarem as memórias, as narrativas e os pensamentos? (Raphaella Daros, 2018, p.63)

A ideia de uma escrita-pesquisa feita a partir do processo rizomático das memórias, vivências e encontros da trajetória de quem pesquisa, se entrelaça ao mapeamento teórico e faz a cartografia ser ferramenta e inspiração ético-metodológica para esse trajeto. Ao longo da *tecitura* dessa dissertação as possibilidades metodológicas estiveram em questão, em desestabilização, para pensar os modos de subjetivação que nos atravessam e como fazem parte do pesquisar. Deixamos as ideias iniciais de estar em um local específico (MST) e apostamos em um processo de pesquisa-trajetória: que mistura e aposta nas vivências, encontros, fragmentos que atravessam quem escreve. A cartografia como inspiração por suas possibilidades e aberturas enquanto ferramenta metodológica adentra esse caminho. Ao pensarem a cartografia, Deleuze e Guattari (2011) exploram o conhecimento como fruto de experiências, trocas e implicação. Um processo ético e único, atravessado por um emaranhado de linhas, rizomático por tudo que o contém. O mapa não apenas como recurso de investigação física, mas de mapeamento das experiências, dos modos de subjetivação, jogos políticos sociais e intensidades dos encontros que se produzem. Um mapeamento explicita a importância da implicação para uma pesquisa, mas também traz a possibilidade de construções em abertura, sem resultados e respostas dadas a priori, mas que surgem dentre as conexões dos agenciamentos e vivências.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se as montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, grupo, formação social. (Deleuze e Guattari, 2011, p. 30)

Os autores trazem a importância do saber não estático, do processo fluído que pode ser a pesquisa considerando a troca. A produção de conhecimento é feita por muitas partes, surge a partir de diferentes pistas, encontros e pessoas, ela se dá em movimento. Nesse jogo

rizomático do qual falam, a escrita faz parte da complexidade de todas as linhas que atravessam quem pesquisa, desse campo em aberto, que pode expressar um pouco desse emaranhado.

O ideal de um livro seria expor toda coisa sobre um tal plano de exterioridade, sobre uma única página, sobre uma mesma paragem: acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos pensados, indivíduos, grupos e formações sociais. (Deleuze e Guattari, 2011, p.25)

O saber se cria em composição, estando quem pesquisa/cartografa não distante ou em neutralidade do que pesquisa, mas em constante troca, embate e afetação. A escrita-pesquisa em trajetória é um campo para reflexão sobre nossos posicionamentos enquanto profissionais da psicologia, atravessamentos da vida, desejos e localizações - para a possibilidade do tensionamento dos mesmos. A escrita não é estática, ela se transforma e se cria em encontro, adentrando o que pode surgir destes. “A cartografia diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação de paisagem.” (Suely Rolnik, 2011, p. 23). A cartografia visa perceber os processos percorridos pelas pessoas, e como Suely Rolnik (2011) nos ajuda perceber, as paisagens psicossociais também são cartografáveis, sendo seu processo de mapeamento móvel e flexível, diferente das produções estáticas, ele se dá no acontecimento dos encontros.

A cartografia acompanhou e possibilitou meu trabalho de conclusão na graduação, e foi via para construção de uma escrita através dos encontros e trocas de afetos, sendo de extrema importância para o que se dava na experiência de acompanhar os processos de subjetivação envolvidos em uma Casa-abrigo; local atravessado pela violência, mas que também continha tantas outras produções. Foi ferramenta essencial para que o olhar pudesse estar aberto para percepção do restante que estava lá. Que não fosse fechado pela brutalidade que a violência contém, possibilitando a percepção das composições possíveis, dos deslocamentos, movimentos subversivos, potencialidades e novos modos de ser produzidos por aquelas mulheres e mesmo do que eu podia ocupar em diferença estando naquele lugar.

Durante esse trajeto metodológico, a cartografia se revela como uma possibilidade ética de expressão das experiências que atravessam quem escreve e qualifica as criações que surgem no encontro com diferentes ideias e produzem novas formas de sentir, novos mundos, possibilidades de subjetividades outras. “A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros” (Suely Rolnik, 2011, p. 23); são os processos e também os

desmanchamentos que interessam a essa pesquisa, as distintas lógicas que se desmancham, as verdades que se rompem e abrem possibilidades de criação, de escapes das normas que nos fecham. Explorar a busca por outros mundos, deslocar os dominantes, passar pelos desmanchamentos e experimentar o que surge para colocarmos nossos olhos prontos em questão.

A pesquisa não se dá de forma linear, sua própria construção foi modificada diversas vezes pelos encontros que me atravessaram durante esse período. Não há pesquisa sem o processo de encontro, ele é o ponto inicial para sua elaboração, onde as ferramentas conceituais acompanham esse percurso e tornam possível o tensionamento e reflexão dos mesmos, das realidades, dos processos de subjetivação envolvidos e dos fazeres da psicologia social.

É que enquanto se está vivo não se pára de fazer encontros com outros corpos (não só humanos) e com corpos que se tornam outros. Isso implica, necessariamente, novas atrações e repulsas; afetos que não conseguem passar em nossa forma de expressão atual, aquela do território que até então nos reconhecíamos. Afetos que escapam, traçando linhas de fuga - o que nada tem a ver com fugir do mundo. (Suely Rolnik, 2011, p.49)

Nesse processo escolhemos não fazer as visitas aos assentamentos e estar com as pessoas do MST. A troca e o deslocamento dessa ideia inicial surgiram por alguns questionamentos: a mudança na relação das visitas no assentamento enquanto pesquisadora faria sentido? Como esse atravessamento afetaria os encontros? Seria interessante para aquelas pessoas? Abandonar a possibilidade de estar em campo certamente não é um processo fácil, ainda mais sendo a experiência das práticas que envolvem a psicologia linhas centrais do que escrevo. Para essa decisão, retomamos que a cartografia não busca objetos, ela acompanha processos e requer implicação no que se pesquisa e não necessariamente tem o campo como única possibilidade.

Se o cartografar é estabelecido por territórios múltiplos e se dá na afetação do que cada encontro produz em quem cartografa, Luciano Bedin (2020) nos mostra que um processo cartográfico pode ser feito a partir das experiências e memórias de um corpo, essas processuais. Nesse sentido, as pistas, os fragmentos, não são materialidades advindas de um campo em específico, um campo físico, mas do que acompanha a vida. Nessa mescla de muitos encontros que me levaram e pensar o que penso, a sentir o que sinto e a perseguir as questões e inquietudes dessa dissertação. Cada leitura, cada ideia, filme, literatura, pessoas próximas, aulas, são encontros que me possibilitaram criar esse caminho, e as reflexões aqui apresentadas.

O campo é o próprio tempo de pesquisa de um corpo, onde todos os elementos que o atravessam e o afetam produzem processos experienciais e quando o alteram se fazem cartografáveis no sentido da cartografia não como uma metodologia, mas uma ética.

Em outras palavras, penso ser fundamental a uma pesquisa que se diz cartográfica, a análise de como se relaciona ou não com os pressupostos de uma ética cartográfica ligada à produção e obstrução do desejo, do acolhimento às linhas de fuga, do respeito ao processo de constituição e assim por diante. (Luciano Bedin da Costa, 2020, p.28)

Dizem ser mais interessante teoricamente dialogarmos com as pessoas autoras, que as saquemos de um lugar distante e as coloquemos em uma conversa que nos aproxime das sensações e que os conceitos deixem de ser apenas conceitos, mas possibilidades de realidades outras. Nessa aposta, retomo (Gloria Anzaldúa, 2000, p.233) e lembro: “Eles mentiram, não existe separação entre vida e escrita”. Seria isso, uma outra aposta, olhando para outras linhas, para trajetória que também se dá como campo. A cartografia enquanto ferramenta ético-política para sensibilidade do mapeamento dos encontros que me trazem até aqui, esse processo de coleta das diversas linhas e pistas-experiências que nos atravessam enquanto um corpo em trajetória que está na construção de uma pesquisa.

A narrativa tecida como atividade do pesquisar coloca-se como memória de acontecimentos dispersos, e, tendo a vida como matéria, recusa a escrita explicativa para afirmar a potência de uma escrita descritiva, que através de uma relação artesanal e ensaística, segue evitando interpretações e possibilitando aproximações. (Raphaella Daros, 2018, p.68)

Nesse sentido, a pesquisa é constituída por diferentes experiências de vida, em conjunto com as ferramentas teóricas. Os fragmentos não aparecem diretamente, estão como pistas que me atravessam e se expressam na construção das narrativas ficcionais. O processo ficcional, ainda que não seja ponto central, compõe a ética cartográfica e também permite que os fragmentos estejam presentes, fazendo aparente as pessoas que me acompanham, as cenas, artes, pistas e momentos que estiveram comigo através do que (re)invento. Além disso, nos tomamos dessa abertura para também trazer fragmentos ficcionais que não sejam nossos, mas que acompanham os caminhos desejados. No começo do trabalho trouxemos Maria da Conceição Evaristo (2016) pela sensibilidade de sua escrevivência, e ainda que não a usemos como método, nos toca profundamente as invenções que ela adentra para que possa narrar o mundo de outras formas e, em sua tentativa de recriá-lo, há também recriação da própria vida. Cartografia, possibilidade de mapeamentos, de agenciamentos como ferramentas de análise, que possibilitam qualificar os processos de vida que nos acompanham e “nos convocam a agir em prol de uma ética cartográfica, não importando ao certo se o que estamos fazendo é ou não

é uma cartografia” (Luciano Bedin da Costa, 2020, p.30); mas os entendo como uma qualificação da coletividade, sem uma autobiografia individualizada, mas de quem está no e com o mundo em abertura para diferenças.

Assim, uma pista comporta necessariamente uma abertura à criação de outras pistas. Uma pista é uma oferta que não se fecha às singularidades e imprevisibilidades do caminho, porque entende que cada caminho é singular. Desse modo, uma pista evoca a produção de conhecimento baseado menos na necessidade de produzir certezas e mais na necessidade de produzir confiança. (Tadeu de Paula Souza, 2015, p.77)

Esse caminho também traz a possibilidade de expor a experiência sem que ela seja a via condutora da pesquisa, mas sim uma de suas linhas, que também estarão sendo colocadas em tensão. As subjetividades são atravessadas por localizações que passam pela crítica pensada, logo, a busca é através dos agenciamentos refletir sobre que passa por uma enunciação coletiva e não individualizada. A subjetividade é produzida por agenciamentos, esses que produzem deslocamentos ou sensações estáticas.

Os processos de subjetivação, de semiotização não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microsociais), em em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra-pessoal, extra-individual (sistemas maquímicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e produção de ideia, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos e assim por diante). (Guattari e Suely Rolnik, 2013. p.39)

Agenciamentos fazem parte da existência, mas também atravessam enquanto ferramenta conceitual o modo que conduzo a minha prática clínica e as minhas outras práticas psi - estando esse conceito diretamente conectado com as reflexões contidas nessa pesquisa. Trechos ficcionais também expressam agenciamentos, construções das realidades e pessoas envolvidas, visando a possibilidade de uma narrativa que tenta colocar através das cenas o que me implica enquanto autora, os tensionamentos que me perpassam.

Utilizar narrativas ficcionais significa ampliar a possibilidade das contações sobre o que vivemos e por isso essa ferramenta adentra esse trajeto de escrita-pesquisa. Ao escrever sobre o estágio em uma Casa-abrigo para mulheres durante o fim da graduação, poder narrar através da mistura de personagens e da ficção me foi de extrema importância. Foi construção a partir de fragmentos de cenas de arte, literatura, do contexto da casa, mas também da minha própria vida. Construção que possibilitou a contação a partir da composição das diferenças, das diversas localizações e marcadores, o que proporcionou um deslocamento das minhas

próprias experiências e existência. Foi abertura para pensar o que envolve as violências no Mundo, mas também para poder me (re)contar de outro lugar. Naquele momento, sendo estudante de psicologia e, em algum sentido, entendendo o quão importante é que todas nós, atravessadas por esses acontecimentos, possamos nos narrar por outros lugares que não sejam apenas o da violência, nos contando de outras formas, colocando o mundo que está dado em tensão.

Todo narrar é político e toda política é narrativa. Todo narrar é afirmação de uma memória e toda memória é afirmação de uma narrativa. Toda narrativa é real e toda realidade é narrativa. Toda perspectiva onto-epistêmica ético-estética assume uma certa variação de políticas do narrar que envolvem uma certa relação-produção da memória, um certo estilo do viver juntas e um modo de perceber-fazer a realidade vivida. (Luis Artur Costa, 2020, p.187)

O mesmo autor aponta que a realidade vivida e seu sentido político nos auxilia a apostar nas narrativas ficcionais como possibilidade de transformação e também de saúde em recontar, reviver e poder compor histórias de maneira coletiva. Desse modo, apostar nas narrativas ficcionais como parte dessa pesquisa é entender a afetação que possibilita sua criação e o caminho do saber compartilhado. Onde cada encontro possibilita o tensionamento dos nossos mundos, os fissurando, e nas rachaduras abrindo as possibilidades de outros. Ela possibilita a fuga dos caminhos prontos, das binariedades e monoculturas pela política da invenção. Uma estratégia ética que compartilha dos tensionamentos e aberturas na produção de uma pesquisa: “Exploramos, em nosso grupo, a ficção como estratégia cartográfica na produção de conhecimento em uma perspectiva clínico-política ético-estética, partindo de uma experimentação para percorrer e tensionar nossos modos de existência” (Luis Artur Costa, 2020, p.186).

Essa aposta no tensionamento dos nossos modos de ser é também uma aposta em processos estéticos de vida, em uma psicologia que fuja de lugares deterministas e universalizantes, que aposte nos deslizos e escorregões da criação e da não resposta. A aposta na saúde requer abertura para devires e para não lugares, onde nossos saberes técnicos e teóricos nos permitem passagens, mas não lugares finais.

Trata-se, assim, de uma política do narrar que assume como objetivo não a pretensa reprodução-representação dos nossos modos de ser, mas sim o tensionamento dos nossos modos de ser, dizer, pensar, ouvir, ver, fazer, etc... (Luis Artur Costa, 2020, p.193/194)

Durante minha vida, o encontro com o processo de ruptura com a representação me possibilitou encontrar saúde e imaginação sobre outras vidas possíveis. Em minha prática, que está diretamente ligada aos acontecimentos que carrego, acredito nas possibilidades da nossa

re-contação como aposta em práticas de saúde e mudanças de realidades. A ficção produz aberturas em processos tão rígidos e nos permite devir. Nos diversos questionamentos que me atravessam e deslizes também, há constante tentativa de me aproximar de uma psicologia acompanhada do que faz sentido em minha vida. Pois; “O mais profundo é a pele, pois na superfície do contemporâneo se expressam todas as batalhas históricas. Cartografia seria este exercício do pensamento de acompanhar trajetos e devires de diferentes vetores que constituem as distintas realidades” (Tadeu de Paula Souza, 2015, p. 76).

Apostamos em psicologias que nos permitam - sempre - encontrar modos de vida que se conectem aos nossos desejos e que possam diferir, sem amarras ou faltas produzidas por lugares de moralidades que colocam em centralidade certos padrões como os mais saudáveis. A cartografia enquanto uma ética de pesquisa possibilita que a ferramenta dos agenciamentos e a narrativa ficcional sejam aliadas nesse processo. A cartografia composta por essas outras ferramentas/estratégias se dá como possibilidade de transformar as diversas pistas que me deparei, as pessoas que encontrei, vivências e experiências, frustrações e violências, momentos alegres e afirmativos. Tudo isso que anda em conjunto e me possibilita questionar as formas de viver e também de pensar. Apostar no processo de ficção é entender que não há pesquisa desconectada da vida, mas também que o que conto não é apenas um eu meu, mas diversas pessoas, esse eu coletivo que torna possível ampliação para que haja outras formas de pensar e narrar a vida.

Luciano Bedin da Costa (2014) nos possibilita compreender que cartografia é sempre acompanhar processos, um eu em encontro com pistas advindas do coletivo, dos acontecimentos e intensidades que atravessam e modificam quem cartografa. Esse caminho nos dá pistas de que não há de fato a busca por um resultado a priori ou vias únicas de verdade. “Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (Deleuze e Guattari, 2011, p.19). Mas a possibilidade da construção da pesquisa a partir do que possibilita o saber circular e que nos atravessa com questionamentos que produzem fissura no que cerceia outras lógicas de mundo, das práticas psi, do pensar e do sentir. Esse caminho se deu por linhas cruzadas e advindas de muitos lugares, sem certezas. A tentativa de uma trajetória metodológica para uma pesquisa-escrita/ pesquisa-trajetória de todas as coisas, de passados e presentes, apostas e frustrações, não soluções e a ideia de ficar com o problema - como nos alenta Donna Haraway (2023) - para criação de outras redes e imaginações.

A memória assim evocada não fala, portanto, de um passado perdido e remediado, que se encerra em um tempo datado, mas de um passado que atualiza o presente,

sendo o tempo um movimento em espiral, em que presente, passado e futuro se cruzam. (Raphaella Daros, 2018, p. 67)

O objetivo desse trajeto de questionamentos é a possibilidade e abertura para a criação de modos de vida e relações/subjetividades que escapem da produção de violência, do dominante e da manutenção desse sistema-mundo. Das lógicas que impõem a universalização da humanidade e da vida. Ao longo da minha trajetória acadêmica, as teorias queer e as filosofias da diferença me ajudaram a ampliar essa perspectiva, trazendo as problemáticas que ocorrem ao praticarmos e pensarmos a psicologia ainda de forma dual. Também o processo de refletir sobre a moralização das existências e sua genealogia (Nietzsche, 2009). Tardamente a psicologia social se alia aos pensamentos decoloniais, tardiamente eu tenho esse encontro, mas o percebo como possibilidade de aliança. A compreensão de que a trajetória teórica é colonizada, como nós-as subjetividades, nos convoca a tentar outros diálogos e a entender se composições são possíveis. Revendo o que já vinha (e ainda vem) sendo dito, mas foi desqualificado e anulado em suas epistemes, não sendo visibilizado na teorização e construção acadêmica de saber.

Nesse sentido, explico que essas reflexões estão apoiadas na articulação e composição dessas teorias, na tentativa de possíveis diálogos sobre as diferentes ideias que tentam romper com as lógicas universais do viver “Entendemos também que os nossos tempos e espaço demandam uma urgência: ampliar nossas análises e tensionamentos, examinar os conceitos com os quais frequentemente operamos, colocar em questão nossas formas de subjetivação” (Betina Hillesheim et al, 2022, p.108). Por isso apostamos nos movimentos que abarcam a diferença e as possibilidades de coexistências.

A racionalidade colonial naturalizou as dicotomias que ela mesma produziu, dando origem ao que pesquisadoras e pesquisadores denominam de colonialidade. A matriz de pensamento sobre o qual a colonialidade se assenta, portanto, é o resultado da hierarquização das culturas, dos territórios, dos gêneros, das raças, das sexualidades, das religiões, etc. (Betina Hillesheim et al, 2022, p.116)

Essas diferentes teorias se conectam aos modos que nos fazem questionar as lógicas binárias que padronizam de diversas formas nós-os modos de vida pela manutenção capitalística-colonial, elas são composição para pensar a teia que relaciona essas questões. Entendo os diversos limites que atravessam esse trabalho, entendo meus próprios limites e contradições. Uma pesquisa produz algo, mas que nunca expressa o todo e nem o deveria, pois essa não seria lógica de produções de saber em abertura.

Escandir, expandir, dilatar fronteiras e os domínios do conhecimento. Quais passos, andanças/ caminhos se fazem urgentes, insurgentes neste sobrevoos? A inconclusão,

a abertura, a dúvida e a ressonância são ferramentas de que não podemos abrir mão.
(Lilian Cruz et al, 2023, p.85)

Nos interessa a expansão, as possibilidades de outras lógicas, outras subjetividades. Ainda que estas pareçam imperceptíveis em esferas macro, estão inseridas em seus movimentos. Acredito nesses movimentos e tento essas páginas, pois até hoje o que fecha nossas corporalidades, relações, vivências, experiências e impõe códigos universais, é produtor de violência. Com essas perguntas, nessa articulação de teorias, nos interessa o encontro com novas lógicas. Poder aprofundá-las na intenção de que aberturas se produzam nos modos de se relacionar e estar habitando o mundo. Acreditamos que nos encontros, até mesmo o que nos parece imperceptível também produz efeitos e diversidades.

Dessa vez, dir-se-ia que um prato racha. Mas é antes quando tudo vai bem, ou tudo vai melhor sobre a outra linha, que a fissura acontece sobre essa nova linha, secreta, imperceptível, marcando um limiar de diminuição de resistência ou aumento de um limiar de exigência: já não se suporta o que suportava antes, ontem ainda; a repartição dos desejos mudou em nós, nossas relações de velocidade e de lentidão de modificaram, um novo tipo de angústia surge, mas também uma nova serenidade.
(Claire Parnet e Deleuze, 1998, p.147).

No dia que anunciaram o colapsômetro como “medida de proteção e seguranças planetária”, eu ri e chorei. Montaram um circo em Davos, a gente acompanhou pelas redes. Todos os palhaços, doidos e leões decrépitos que mandavam no mundo estavam lá. Sem mágicos, no entanto. Ninguém tiraria da lapela uma solução. Sem equilibristas. Ninguém ponderou prós e contras com os números apresentados pelas pesquisas. Nem faquires. Ninguém estaria disposto a se deitar em chão duro ou engolir metal que a gente sentia na garganta. Só aquela gente para a qual você tem nojo de olhar. Gente de terno com tecido liso e sapato lustro.

.....

Eu tinha combinado de ir ao cinema com a Paula, uma coisa banal, um pequeno alento. Mas a primeira coisa que ela me disse quando me viu foi que, se as abelhas entrassem mesmo em extinção, o mundo ia acabar. As abelhas eram um dos principais índices que o colapsômetro contabilizava. Não contabilizaram temperaturas nem derretimento das geleiras, apesar de terem apresentado um “termômetro”. Eu disse a ela que o mundo não acabaria. Não era uma afirmação otimista. Ela disse que eu tinha razão. O mundo, a terra, o universo, tudo isso levaria uma eternidade para se extinguir. E talvez a causa da sua extinção fosse um asteroide em rota de colisão, um campo magnético intruso, mas a gente, a raça humana, essa sim terminaria. Eu soprei fumaça e disse: que bom.

.....

Tem que acabar a humanidade, estamos empestados.

.....

Não é todo mundo que tá empestado, como tu disse, e tu sabe. Tem gente que nunca quis acabar com isso aqui. O problema é que ninguém ouve essas pessoas.¹¹

¹¹ Trechos de Natalia Polesso em A extinção das Abelhas, p.25, 26 e 27.

3. Monoculturas da Terra e das subjetividades: seremos mundo sem a terra?

pensei em ti de novo. essa semana choveu, depois de tanto tempo vimos água caindo do céu e foi tão estranho. ou vivemos com medo das águas tomarem conta ou elas não aparecem por anos. a chuva foi bastante intensa, no início eu gostei e depois lembrei daquele terror de 2024. fiquei com medo e queria que tu estivesse aqui. acho que aquele evento nos explicitou que o extremo climático tinha chegado, era um processo e a gente já tinha entrado nele. tu chorava diariamente e sentia muita raiva, mas via coisas que eu não enxergava e de repente só consigo perceber hoje. tu falava do caos. o caos que atravessava todo mundo, na realidade, sempre existiu, sempre esteve lá pra muita gente e naquele evento ele só se mostrou e alcançou outra parte da população. te via falar das pessoas que sempre estiveram buscando garantias coletivas e o quanto elas viam vida e mudança, a real é que te escutando eu até acreditava que as coisas pudessem mesmo mudar. pessoas devastadas, quilombos destruídos e alagados, mas que seguiam auxiliando pessoas, resgate intenso dos bichos. lembro o quanto tu chorou quando viu o resgate do cavalo caramelo no telhado, parecia mesmo que era uma união entre bicho e gente no fim do mundo. não sei, eu via essa mudança, mas pra mim as coisas seguiriam iguais. os super ricos seguiram lucrando e o governador e o prefeito que faziam parte daquele projeto saíram ilesos. o racismo, a pobreza e a desigualdade de gênero ficaram ainda mais evidentes.. até o povo pelo povo os ultraliberais capturaram pra abalar o Estado. era muita coisa e eu acho que por isso eu não acreditava na mudança. tu sempre falava da terra e como um certo uso dela era o que tinha nos levado ao processo de fim. acho que muita coisa mudou, muita coisa não. acho que concordo contigo, o poder dominante seguiu mas os movimentos contrários também. de repente seja porque as pessoas seguiram acreditando e resistindo que hoje o Brasil anunciou internacionalmente que não vai mais permitir a monocultura como forma de plantio. até que enfim aceitamos a diversidade da terra e o que ela é. acho que foi isso que me fez lembrar que mesmo tanta coisa não mudando desde aquele horror, muita gente seguiu acreditando e lutando. hoje li o trecho que tu me escreveu na tua última carta daquela autora que tu gostava tanto. achei tão bonito, me fez chorar mas também ficar feliz com o dia de hoje - Em 2300, havia milhares de Oradores dos Mortos ao redor da Terra. Cada um era incumbido de trazer bichos irreparavelmente perdidos a uma presença potente, de modo a oferecer conhecimento e ânimo a todos os seres que continuavam a trabalhar pela recuperação parcial e robusta da Terra, ainda rica em diversidade. Ao longo de 300 anos, as Comunidades do Composto haviam construído uma potente rede planetária de refúgios e focos de

ressurgimento da diversidade naturalcultural. Os oradores dos mortos ensinavam práticas de rememoração e luto que envolviam bichos humanos e não humanos extintos no trabalho contínuo de romper as amarras da Morte Dupla, que havia estrangulado uma enorme quantidade de modos de viver e morrer no Plantationoceno, no Antropoceno e no Capitaloceno¹²

A terra tem sido em suas diferentes formas um dos pontos centrais da desigualdade brasileira. O processo de colonização e exploração sempre utilizou sua retenção como ferramenta política para manutenção de poder, controle e expansão dos impérios, de lógicas de vida e aparato econômico. Hoje, em tempos de urgência climática, pensar os modos que nos relacionamos com a natureza e a mesma como agente ativo do mundo é ponto diretamente ligado às problemáticas de gênero, raça e classe. A partir disso, se faz cada vez mais necessário afirmarmos a pluralidade e diferença como possibilidade de aliança entre os diferentes movimentos de luta pela importância de se pensar formas de habitar o mundo contrárias ao projeto moderno e suas diferentes instituições. “O primeiro traço do hábitat colonial foi a instituição da propriedade privada da terra” (Malcom Ferdinand, 2022, p.53).

A partir das ideias de Vandana Shiva (2003 e 2024), em seu extenso trabalho e ativismo, a monocultura imposta pela colonização é um processo que nos atravessa não apenas na forma alimentar e de agricultura, dos usos da terra, a monocultura se dá enquanto sistema de colonização das formas de ver o mundo e das subjetividades. Sistema que produz formas de viver molares, unas e binárias. Por isso; “Enquanto não combatermos a monocultura do pensamento não será possível reflorestar nossa existência” (Geni Núñez, 2021, p.5). Neste capítulo, objetivamos adentrar algumas reflexões sobre a importância da terra enquanto ponto comum das lutas minoritárias pela garantia de direitos e pluralidade das formas de vida. Afinal, os usos da terra expressam muito da aniquilação do sistema colonial-capitalista, das suas dominações e de como ele se espalha. Para isso, iremos dialogar com pessoas autoras que possibilitam lógicas de vida outras a partir das suas ideias enquanto ferramenta ético-política de reflexão e imaginação de outras subjetividades e possibilidades de vida em conjunto.

O que estamos experienciando com os efeitos da crise climática nos alerta não apenas para os limites do capitalismo tardio, mas como nos auxilia pensar Malcom Ferdinand (2022), foi o processo de colonização que possibilitou a exploração brutal desse sistema e a chegada

¹² Trecho de Donna Haraway, 2023, p. 288.

nesse extremo. Vandana Shiva (2003 e 2024) associa a monocultura como forma de exploração do mundo e da perda da diversidade de modo geral. O sistema das monoculturas é algo engendrado em diversas áreas da vida e por isso nas formas que nos relacionamos com a natureza e a terra. Regimes de poder impostos na colonização para exploração e controle absoluto da diversidade da terra, mas também das humanidades e não humanidades por um determinado sistema que se impôs como natural. “No entanto, o sistema dominante também é um sistema local, com sua base em determinada cultura, classe e gênero” (Vandana Shiva, 2003, p.21). A hegemonia do modo de vida eurocentrado impôs a hierarquização do humano/não humano e do humano para com a natureza na intenção de universalizar sua forma de viver e se estar no mundo a partir das distintas dominações. Algo que até hoje ressoa e produz violências na contemporaneidade.

A anulação das diferenças foi e é ferramenta para que o modo de vida ocidentalizado seja naturalizado universal. Dessa forma, também a hierarquização entre a própria humanidade, onde todas as pessoas que não se enquadrem no ideal da instituição - homem cishetero, branco e sem deficiências também estejam em precarização e sejam passíveis de dominação. Por isso nos interessa refletir sobre a monocultura enquanto sistema (Geni Núñez; João Oliveira; Mara Souza Lago, 2021) imposto pela colonização para exploração da terra, mas também como sistema de produção de subjetividades como o monoteísmo cristão e a monogamia, que são discutidos ao longo de outros capítulos. Nossa intenção nessa escrita é problematizar as lógicas anuladoras da diversidade que começam pela *extratificação* da terra e como ela é um dos pontos centrais para pensar os efeitos que se espriam para as diversas áreas da vida. Se espriam para preservação das unidades de valor do formato de vida ocidentalizado e cristão a partir das hierarquizações que acompanham a colonialidade (Aníbal Quijano, 2005). Esse sistema se reatualiza nos avanços da extrema direita e nas disputas de terra no país, algo diretamente ligado a precarização da vida e perseguição de movimentos que lutam pela garantia de direitos e coexistência da pluralidade dos modos de vida. Por isso, a terra e a Terra são pontos de urgência para repensarmos alianças nos enfrentamentos das anulações produzidas pela binariedade das lógicas coloniais-capitalistas em seu engendramento.

Segundo a ativista Vandana Shiva (2024), só há futuro, pluralidade e vida se tensionarmos as formas de monocultura como algo anterior aos usos da terra - uma lógica de vida. Para lidar com o dito fim do Mundo em possibilidade da construção de outros, é necessário compreender os tempos atuais, as dominações que o atravessam e como esses sistemas se dão. Falamos da terra enquanto sistema que produz diversidade em seu solo,

alimentação, mas há também entrelaçamentos dos sistemas de exploração que privilegiam seu uso pela forma colonial de habitar a Terra. Ao refletir sobre os limites climáticos, é preciso qualificar a importância da terra na garantia de direitos diversos, e repensar o Modo de vida que possibilita essas explorações. Para não operarmos em uma preservação da natureza com lógicas coloniais e neoliberais, é preciso romper com as fraturas criadas por esse modo de habitar o mundo, e adentrar a nossa relação com a natureza. Malcom Ferdinand (2022) aponta que esse extremo foi produzido pelo processo de colonização racista e hierarquizante, que ele pensa como Negroceno, não separar ou fraturar essas questões, evidenciá-las para adentrar perspectivas outras, na modificação da - nossa - relação com a terra. “Ao dissociar o destino das paisagens e dos ecossistemas da compreensão da colonização, o anticolonialismo desenvolveu-se sem modificar a relação de exploração intensiva da terra” (Malcom Ferdinand, 2022, p.144).

Neste capítulo refletimos sobre os usos da terra, pois a modernidade impôs a dualidade e binariedade em seu processo de colonização, questões entrelaçadas ao sistema de gênero e raça. Adentrar outras perspectivas de mundo passa pela relação com a natureza e pela fuga do processo de hierarquização centrado no Humano. A expansão das monoculturas tem mais a ver com políticas de poder do que com sistemas de enriquecimento e melhoria da produção biológica do solo, elas disseminam-se como ferramenta desse processo por aumentarem o controle de quem as retém (Vandana Shiva, 2003). Para vias de alianças pela garantia da pluralidade dos modos de viver é preciso que percebamos a monocultura que afeta as subjetividades e a vida em amplos sentidos, evidenciando a importância de reaver os usos da terra.

Temos pensado nessa metáfora da monocultura não só para se referir à soja, mas também a todo um sistema: a monocultura do pensamento, da sexualidade, da religião. Todos esses sistemas são muito articulados entre si. Como oposto desse princípio da monocultura a gente tem o princípio da floresta que é esta diversidade, a importância de uma coexistência de vários seres sem que haja uma hierarquia entre eles. (Geni Núñez, entrevista, 2021)

Essa lógica coloca a natureza e a terra sendo passíveis de exploração, objeto de uso e *extratificação*, dominação que começa pela natureza, mas se estende às pessoas. Como aponta Jason Moore (2022), a imposição desses ideais serve para viabilização da natureza como recurso e produto barato, levando o mundo ao seu limite por essa maneira e ecologia. É preciso retomar sistemas que visem a relação com a terra em composição a transvalorar o sistema de unidade e hierarquia, “Passar da uniformidade para a diversidade é essencial tanto ecológica quanto politicamente.” (Vandana Shiva, 2003, p.19). Para ruptura com o modo de

habitar colonial-capitalista é preciso modificar a relação com a natureza, a entendendo como agente do mundo e não mais como propriedade ou produto. Não há como lutar pela pluralidade dos modos de viver sem que a relação com a terra e a natureza seja pensada por outras vias que não a da hierarquização e dominação. “É um imperativo ecológico porque apenas um sistema baseado na diversidade respeita o direito de todas as espécies e é sustentável” (Vandana Shiva, 2003, p.19).

Gostaria que os brancos parassem de pensar que nossa floresta é morta e que ela foi posta lá à toa. Quero fazê-los escutar a voz dos *xapiri*, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandecentes. Quem sabe assim eles queiram defendê-la conosco? (Davi Kopenawa, 2015, p.65)

Os limites climáticos nos mostram que não há mais como enfrentarmos a desigualdade social, em seus diferentes pontos, sem pensarmos em outros modos de habitar o mundo. Para isso, é preciso refletir sobre as raízes desse sistema de produção. Não há enfrentamento possível sem os movimentos de descolonização com o que possibilitou essa relação com a Terra.

O limite que é o Antropoceno/Capitaloceno significa muitas coisas, incluindo o fato de que a imensa destruição irreversível está realmente ocorrendo, não só para os 11 bilhões ou mais de pessoas que vão estar na terra perto do final do século 21, mas também para uma miríade de outros seres. (Donna Haraway, 2016, p.141)

Os nomes em disputa para análise dos tempos em que vivemos expressam linhas de pensamento que possibilitam caminhos de reflexão para a complexidade dos mesmos. Nos interessa o diálogo com o termo Capitaloceno, de Andreas Malm que é trabalhado por Jason Moore, que pensa o Capitalismo como esse sistema da exploração absoluta e da utilização da natureza barata, fatores políticos e econômicos que atravessam a humanidade. Mas também nos interessa pensar o que possibilita esse sistema, sendo o processo de colonização essencial para o entendimento e enfrentamento desses extremos. “Essa dupla fratura apaga as continuidades em que humanos e não humanos foram confundidos como “recursos” que alimentavam um mesmo projeto colonial, uma mesma concepção da Terra e do mundo” (Malcom Ferdinand, 2022, p.47). As pistas do Plantationoceno de Donna Haraway (2016) compõem com as ideias de Malcom Ferdinand (2022) sobre o Negroceno; para se pensar outros mundos é preciso uma ecologia decolonial, pensar o projeto que possibilita a destruição necessita uma revisão das formas de se habitar o mundo sem a separação de seus entrelaçamentos. Ultrapassar as divisões modernas é forma de reaver nossos modos de vida e jeitos de habitar o mundo. “Proponho cuidar dessa dupla fratura retornando ao gesto principal da colonização: o ato de habitar” (Malcom Ferdinand, 2022, p.47).

O país teve avanço notável por parte dos movimentos de extrema direita e da imposição conservadora de vida. Esse processo teve seu auge na gestão Bolsonaro (2019 - 2022), que produziu efeitos nos mais diversos campos do viver. Durante esses anos a desqualificação dos modos que diferem a lógica de uma única forma de vida, família e Deus, produziu violência, perseguições e intenso dismantelamento das políticas públicas e direitos garantidos pelos distintos movimentos sociais. A saúde e seus dispositivos estiveram em constante ataque, como o meio ambiente e as populações indígenas. A violência policial sobre a população negra se intensificou e as pautas feministas e de gênero também estiveram em foco para sua desqualificação. Esses ataques não cessaram, seguem e seguirão sendo produzidos pela extrema direita. Eles demonstram que os pilares da extrema direita se conduzem pelo projeto colonial, tendo como centralidade de poder a instituição do Homem-branco, cishetero, burguês e cristão. Algo que está relacionado às lógicas de uma masculinidade universal, essencialista e produtora de violência. Essa forma de masculinidade tem servido para manutenção do habitar colonial e dominância do modo capitalista. Com os avanços da extrema direita a monocultura da terra fica explícita e também a quem serve esse projeto, que se utiliza desse sistema e narrativa para seus avanços.

O movimento conservador não está crescendo apenas no Brasil, ele tem tido avanço mundial e tem se localizado como resgate de todas as lógicas dominantes que sempre estiveram no poder, operando contra os movimentos que as têm colocado em questão. Um dos seus pontos de avanço, além das ideologias antigênero, que prezam família, Deus e Pátria, é a devastação da terra. “A quem pertence a terra e qual é sua destinação são as questões que fundaram o Brasil e atravessaram mais de cinco séculos de genocídios e destruição avassaladora da natureza” (Eliane Brum, Sumaúma, 2024). A terra é importante foco em todo esse aparato e trama de poder. Ela tem sido via essencial para diversos sistemas de controle no Brasil, seja por vias florestais ou urbanas. Seu processo de disputa é tão intenso que adentra o Estado brasileiro e atravessa diretamente o processo eleitoral. A gestão Bolsonaro explicitou essa importância com toda intensificação da grilagem e tomada de terras em favorecimento das elites brasileiras.

Largamente associada às elites brasileiras, a grilagem atravessa várias camadas de uma rede que obrigatoriamente infiltra seus agentes nos três poderes – Legislativo, Judiciário e Executivo. Infiltra em tal profundidade que em muitos casos se torna difícil – talvez impossível – separar essa rede criminosa do próprio Estado. (Eliane Brum, Sumaúma, 2024)

Segundo reportagem do Greenpeace (2021), “A área desmatada na Amazônia teve um aumento de 52,9% na média dos três anos de governo Bolsonaro (média de 11.405 km² entre

2019 e 2021) em relação à média dos três anos anteriores (média de 7.458 km² entre 2016 e 2018)”, fatores que demonstram o alto investimento na monocultura e favorecimento para retenção de terras como forma de manutenção das elites durante esse período. Esse modelo favorece a redução e diminuição de outras formas de plantio e dos processos de agroecologia e reforma agrária, algo diretamente ligado ao ataque dos povos indígenas e suas terras. Para retenção de poder e grande lucro econômico, a grilagem, a queima dos territórios, perseguição indígena e desmatamento viraram notícias cotidianas. Naturalizadas a cada dia, explicitam a morte embrenhada na urgência capitalista. “Parece ser urgente para o capitalismo matar tudo até a última onça, queimar tudo até a última arara, derrubar tudo até a última sumaúma” (Sidarta Ribeiro, Sumaúma, 2023).

A natureza não pode seguir distante ou ainda em lógica dual, separada da vida, das urbanidades, como se a terra não atravessasse todas as pessoas. Vandana Shiva (2024) nos alerta que a transformação da nossa relação com a natureza é o que irá possibilitar a garantia da diversidade geral e do enfrentamento às distintas formas de dominação. A violência colonial atravessa muitas esferas da vida, sendo necessário pensar esse processo de forma ampliada para encontrarmos possibilidades de enfrentá-lo de maneira coletiva. A brutalidade que envolve o uso da terra para favorecimento do modo de vida dominante fica cada vez mais explícita. Recentemente o Brasil teve o esclarecimento sobre o assassinato de Marielle Franco. O caso da vereadora revela a intensidade desse problema que atravessa o país e a democracia, e ao mesmo tempo revela que quem está lutando contra esses processos dominantes está em risco. Na investigação dos mandantes de sua morte, foi revelado que Marielle estava lutando contra os usos indevidos de terras no RJ. A vereadora que tinha uma mobilização por vários fatores de luta pelos direitos humanos e igualdade, entendia a importância das terras e esse fator de sua luta tem sido apontado como crucial para seu assassinato.

O motivo da execução: como vereadora, Marielle estava atrapalhando a apropriação ilegal de terras no Rio de Janeiro, apontada como um dos negócios da família Brazão e das milícias que dominavam vastas porções do território. Na mais emblemática cidade do Brasil, Marielle morreu pelo mesmo motivo da execução de uma longa – e contínua – lista de lideranças na Amazônia, entre elas Chico Mendes (1944-1988) e Dorothy Stang (1931 - 2005). (Eliane Brum, Sumaúma, 2024)

A grilagem é processo não apenas das florestas, a lógica de poder toma as cidades, e o urbanismo miliciano citado na reportagem é uma das outras formas de sua gestão, “A grilagem abre espaço e se conecta aos empreendimentos que, além de violar a função social da terra, violam a própria Terra. E isso diz respeito a toda humanidade” (Eliane Brum,

Sumaúma, 2024). O poder envolvendo a terra foi abafado por muito tempo e negligenciado como fator amplo de luta. Porém, nos limites climáticos o seu uso como ferramenta de controle e gestão de riquezas fica cada vez mais evidente, pois ele atravessa diversas esferas da vida, explicitamente conectadas a ela ou não. Para o enfrentamento do que anula a vida é preciso que haja enfrentamento do que anula a terra. Dessa forma, não há como pensar lutas minoritárias que não abarquem os usos de terra, a reforma agrária, as lutas indígenas, demarcação de terras e terras urbanas.

Não há ganho em pautas de gênero, por exemplo, sem ganho nessas áreas. “Sem a reforma agrária e demarcação de Terras Indígenas não haverá floresta em pé – e, sem respeitar a função social das moradias nas cidades, as milícias continuarão avançando e controlando porções cada vez maiores dos territórios” (Eliane Brum, Sumaúma, 2024). Lutar pela possibilidade de um mundo que garanta a liberdade das diferentes existências é também repensar os modos que se operam com a terra, uma atravessa a outra, em engendramento e produção.

O desmatamento elevado também evidencia um modo imposto de alimentação, é o que nos aponta Sandra Guimarães (2021) em suas reflexões sobre colonialidade da alimentação, veganismo e reforma agrária. Ela pensa sobre o aparato que coloca em centralidade a grande escala de produção e apenas uma via de se pensar a diversidade alimentar. Movimentos como o MST sempre estiveram em constante enfrentamento a esses processos, sendo de grande importância para a luta contra a precarização que tomou conta do país. Em seu último livro Vandana Shiva (2024) retoma que só haverá possibilidade de novos futuros com a terra viva. A autora reafirma cada vez mais a importância de olharmos para o enlace da biodiversidade com as sementes, alimentação e subjetividades para o enfrentamento do que o sistema colonial-capitalista as tem transformado. A autora e ativista têm contínuo embate e denúncia das grandes corporações que controlam as sementes, exploram as terras e retêm as vias alimentares. A partir de seus movimentos ela explicita essa via de controle das populações para retenção de poder, perda de diversidade e cerceamento das possibilidades de mudança. Por isso o ativismo de Vandana não se desconecta desses pontos para afirmar alternativas.

Ao longo dos anos tenho visto mais claramente as limitações e a violência da mente mecanicista, militarista e monocultural, e é por isso que cultivei conscientemente uma *biodiversidade da mente*, a capacidade de ver os processos da vida em toda a sua complexidade e multiplicidade. Para mim, conhecimento e ação, ciência e ativismo são um *continuum* (Vandana Shiva, 2024, p.165)

O MST, enquanto amplo movimento de luta brasileiro, deixa cada vez mais explícito a importância dos usos da terra em respeito à biodiversidade e como ruptura para que esses não sejam aparato de poder e grande retenção de lucro. Movimento que nos possibilita pensar as vias para lidar com a exploração da natureza e os limites do Capitaloceno e Plantationoceno no momento contemporâneo. Logo, alimentação, terra e natureza são pontos interessantes ou mesmo essenciais para circularem e estarem conectados aos diferentes movimentos sociais, pois a forma como nos alimentamos e nos utilizamos da terra é um processo que possibilita as diferentes existências ou as nega. Esse processo se reatualiza e atravessa existências por diferentes vias: a precarização dos corpos segue passando pelo uso dominante da terra, em urbanidades ou não, estando a lógica colonial-capitalista estampada nas formas de trabalho que circulam em nossa sociedade e ainda em tentativas de naturalização destas. Sandra Guimarães (2021) elucida essa ligação entre pecuária e o fim que sempre esteve em curso na tomada de terras como ganho de poder e anulação de vida. Sandra pensa o engendramento cruel e crucial entre o avanço da pecuária com a grande propriedade, monocultura e trabalho escravo.

E à medida que os territórios iam sendo invadidos e alargados pela pata do boi, a pecuária estruturava a sociedade luso-brasílica: grande propriedade, monocultura e trabalho escravo. Povos indígenas, privados de terra, floresta e de seu modo de vida ancestral, se viam obrigados a trabalhar na pecuária. 500 anos depois, pessoas de comunidades indígenas em zonas de forte desmatamento são obrigadas a trabalhar em abatedouros, despedaçando o boi que ocupa hoje seu território ancestral. (Sandra Guimarães, MST, 2021)

O caso das vinícolas do estado Rio Grande do Sul, no ano de 2023¹³, é uma dessas expressões que escancaram o racismo e brutalização passados pelas pessoas trabalhadoras em uma democracia que diz ter essas opressões como vencidas. Por um caminho contrário ao apontado, o processo da reforma agrária foi enfrentamento durante os anos de gestão do governo Bolsonaro e das lógicas que se intensificaram nesse período. Segundo reportagem retirada do site do MST (2022), o Movimento teve imensa importância no combate ao aumento da vulnerabilidade alimentar no país nesses quatro anos e durante a pandemia. “O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) contabiliza ter doado mais de 7.000 toneladas de alimentos pelo país desde o início da epidemia de Covid-19 no Brasil, em 2020” (MST, 2022). Esse fator nos demonstra que a luta do Movimento se liga às lutas da diferença, pois não há possibilidades de direitos onde há fome. Olhar para o processo de alimentação

¹³ Trabalhadores resgatados em situação de escravidão no RS: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/02/27/trabalhadores-resgatados-em-situacao-de-escravidao-no-rs-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-saber.ghtml>

como processo político amplia o entrelaçamento entre a problemática da exploração da terra e da luta por outras formas de produção alimentar - como a luta pela moradia e outros movimentos, como contra o racismo, machismo, ataques a pessoas lgbtqiapn+ e das populações indígenas. Na precarização fabricada a alimentação é um dos pontos centrais para a vulnerabilidade. Por isso, é também com a alimentação que as outras lutas se fortalecem. “Durante o auge da pandemia foram doados não só alimentos, mas também cuidados, conscientizando a população mais pobre com orientações sobre como combater o coronavírus e distribuindo ao longo dessas formações mais de 50 mil máscaras de proteção.” (MST, 2022). A produção de fome esteve em conjunto com o desmonte das políticas para mulheres, pessoas lgbtqiapn+, a população negra e indígena - também pela invasão de suas terras- as mais atingidas nessa gestão. Por esses pontos, é impossível desconectar a precarização que perpassa o processo alimentar e a retenção de terras.

Pessoas indígenas estiveram tentando fazer ecoar essa urgência por muito tempo, mas como retoma Geni Núñez (2021), é com certo atraso que isso nos chega, exatamente pelo maior espaço que pessoas brancas tiveram sob os efeitos dos processos de colonização e formação de saberes hegemônicos. Sob gestão de Bolsonaro, o MST sofreu constante ataque e criminalização, sendo alvo para que suas possibilidades de reconhecimento e resistências se enfraquecessem. Na fala de Chomsky, em entrevista ao MST (2022), ele evidencia a importância do mesmo como um dos movimentos populares mais importantes do mundo, sendo oposto ao movimento de destruição que é e foi o bolsonarismo. Olharmos para a conexão entre os feminismos e os movimentos que pensam a terra e a luta por diferentes modos de se estar com a natureza, é pensar amplamente nas formas de escape aos padrões coloniais-capitalísticos, patriarcais e conservadores.

Não podemos deter as mudanças climáticas sem uma agricultura ecológica de pequena escala. O que comemos, como cultivamos o alimento que comemos e como distribuimos esse alimento determinará se a humanidade sobreviverá ou se ela levará a si mesma, e a outras espécies, à extinção. (Vandana Shiva, 2024, p.105)

Alimentação é um processo político diretamente ligado aos usos da terra e esse tem sido, cada vez mais, individualizado como cuidado de forma neoliberal, sem a importância de alternativas coletivas para lidar com esse sistema. O que envolve produção, distribuição de terras, escalas, formas de taxaço, proteção da diversidade e diversos outros pontos que precisam ser tensionados nos processos de gestão de um Estado democrático. O processo dos usos da terra, como a relação do funcionamento das cidades com a natureza, se mostra novamente urgente em recente evento de inundação do RS (maio de 2024). Atravessadas pela

brutalidade desse evento, que ainda produz estranhamento em sua descrição através das palavras, e nos mostra a urgência de se problematizar as destinações da terra.

Esse evento escancarou o nível de brutalidade que o sistema colonial-capitalista sempre produziu e que hoje se espraia e fica ainda mais evidente, pois alcança maior número da população. “O branco esquece mas todo mundo vai sofrer igual” é o que disse o cacique Guarani Timóteo Karay em entrevista ao Sumaúma (2024). O que ele alerta é que esquecemos que a brutalização imposta às populações indígenas chegará também nas pessoas brancas. Esse evento, que pode ser chamado de projeto aniquilador e também de crime ambiental, revela a precarização que chega cada vez mais perto de camadas que nunca a tinham percebido. Ele também revela que as desigualdades ficam ainda mais evidentes nesse processo. Pessoas já precarizadas pelo sistema colonial-neoliberal são as que mais sofrem nesses momentos. O projeto de precarização segue em curso e explicita o lugar que coloca certas vidas.

As desigualdades de gênero, o racismo, o capacitismo e elitismo são expressos pela migração forçada, pelas violências que se perpetuam nos abrigos, pelo direito humano não garantido à moradia por uma gestão que anula o direito da ocupação de prédios vazios que beneficiam apenas o lucro e a especulação imobiliária. O que o cacique diz é que o sofrimento produzido por esse sistema-mundo chega para todo mundo, mas certamente em intensidades muito diferentes, e que uma menor parte da população não sente seu efeito porque coloca o seu desmanche sobre outros corpos. Dentre isso, os movimentos sociais e coletivos foram enfrentamento constante nesse período, como o próprio MST e MTST¹⁴ que esteve em intensa mobilização para garantia de direitos e acessos para as pessoas atingidas.

No processo de aniquilamento e negligência da lógica neoliberal-colonial, a importância dos movimentos sociais que buscam pensar alimentação, terra e terras urbanas, expressa o porquê de eles estarem sofrendo ataques e serem constante alvos da extrema direita: eles revelam a possibilidade de ação e imaginação de rupturas com esse sistema. É necessário tensionar a reificação neoliberal e sua possibilidade de lucro nas tragédias que seu próprio aparato produz.

Os movimentos minoritários contestam o que é dominante e a anulação das diferentes existências. A confluência pensada por Antônio Bispo dos Santos (2023) é possibilidade para rompermos com os sistemas monoculturais, pois ela nos permite pensar no compartilhamento e coletividade. A vida em composição com as diferentes existências é lógica contrária à

¹⁴ Movimento das pessoas trabalhadoras sem teto

imposição dominante. É aposta que garantias de vida precisam passar pela pluralidade. “Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluncia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende” (Antônio Bispo dos Santos, 2023, p.5). A possibilidade de enfrentamentos para as violências que nos perpassam passa por colocarmos em questão e tensão – nossos - modos de olhar para as práticas de vida a partir de referenciais únicos e universais. O questionamento do que é hegemônico é a abertura para afirmação das diferenças e diversidades de fato, seja da terra, seja das existências.

Por isso algumas questões nos acompanham: como a *extratificação* da terra se liga à anulação das diferenças? A ruptura com os binarismos e os padrões de gênero são um caminho para o barramento das violências? Como os processos micropolíticos, os processos que modificam as subjetividades afetarão o mundo futuro? Normalmente pensamos em lutas por um mundo com maior equidade e o que nos vem são lutas consideradas concretas, como moradia, mudanças econômicas e estruturais. Essas lutas e movimentos são extremamente importantes e em nenhum momento queremos minimizá-los, mas questionamos a compartimentalização dessas lutas e a desqualificação das micropolíticas de lógicas e subjetividades para mudanças concretas. Moradia, gênero, raça e classe se conectam à natureza, à economia, aos usos da terra, à coletivização de políticas de vida. “Ao final, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica” (Deleuze e Guattari, 2012, p.99). Se elas atravessam todas as áreas, por que ainda consideramos mudar lógicas e subjetividades menos importante ou menos urgente? Não seria exatamente essa a armadilha da manutenção do sistema colonial-neoliberal e cisteheteronormativo? Não estaria a hierarquização da terra e dos não humanos diretamente ligada à luta contra o racismo? Gênero não seria parte extremamente importante na sustentação desse sistema-mundo que anula a diversidade e faz parte do sistema monocultural?

Nesse sentido, quando pensamos na luta por outras formas de agricultura e alimentação, em modos de vida que ultrapassem os tempos do capitaloceno e plantationoceno, é preciso refletir sobre as conexões entre as distintas monoculturas que levam à violência, às hierarquias e ao hegemônico. O que impossibilita processos imaginatórios de outras relações, subjetividades, desvios e levantes. São questões que nos acompanharam, seguirão em aberto e em tensionamento, pois a construção de modos de vida outros é processo complexo e de contínua reflexão.

O exercício de descolonizar o pensamento gira em torno desse gesto de termos certa desconfiança em relação àquilo que nos ensinaram que era justo e correto porque era em nome do amor e do bem. (Geni Núñez, 2023, p. 29)

4. Familismo, monoculturas e violências de gênero: subjetivadores coloniais-capitalistas

pensei em ti de novo. não sei, tem sido difícil viver com 50 graus e não desanimar. falta água, café, comida. eu sei que tu diria que sempre faltou, sempre teve gente sem isso, eu sei. mas meu ponto é outro. agora é geral, isso falta pra todo mundo, a não ser pros bilionários e por isso eu lembro de ti. hoje todo mundo entende que precisa olhar para isso. tu achava que os bilionários não deveriam existir. eu tenho pensado muito em ti. não só por isso, mas pelo que tu passou quando tinha 4 anos pra fazer teu pai parar de bater na tua mãe. eu sempre achei essa cena bizarra. uma criança de 4 anos não deveria pegar uma faca pra fazer o pai parar de bater no rosto da mãe com um cinto, isso nunca me desceu. eu tenho lembrado disso porque queria que tu estivesse aqui. não queria te ver passar pelos 50 graus, mas queria tu visse o que a gente tem planejado. eu sempre achei uma chatice tu falar de monoculturas, tuas viagens sobre família, parentesco e todo resto. acho que eu te escutava porque lembrava dessa cena e do quanto ela tinha sido violenta pra ti, por isso aquelas chatices faziam um pouco de sentido. é estranho, cada vez menos gente tem conseguido engravidar, acho que a poluição e o calor extremo tão tendo seus efeitos e isso tem virado notícia. queria te contar que uma criança vai nascer e a pessoa que vai parir não quer ter ela, tá muito assustada com os 50 graus e o fim do Mundo. eu sei que tu sempre criticou a Família e como tu queria que a gente pudesse imaginar outras coisas, eu sei. mas naquela época isso parecia meio viagem, meio sem sentido. tá 50 graus, não tem café e nada mais faz sentido. eu e mais 15 pessoas vamos criar essa criança. isso me parece uma loucura, porque ninguém quer ser pai ou mãe, ninguém quer saber de onde ela veio. mas nós, em conjunto, decidimos que queremos ver o que ela pode ser além desses 50 graus, o que ela pode imaginar de diferente do que a gente foi. não sei, queria te contar isso. o que tu tanto imaginava tá acontecendo. e eu sei que não são as melhores condições, o calor extremo, a seca, a falta de comida e de água vão seguir. mas ninguém quer ser pai e mãe, ela não foi pensada pelo casamento. e ela vai ser uma criança com todas essas pessoas que não tem o sangue dela. acho que tu ficaria muito feliz em saber disso. queria que tu estivesse aqui pra gente falar das formas de viver e morrer bem, do que pode ser diferente, queria imaginar essas possibilidades contigo.

A cena acima nos ajuda a traçar questionamentos sobre o Mundo e quais aspectos de seu fim são urgentes para possibilidade da invenção de outros. Acreditamos nos movimentos macropolíticos e micropolíticos por outros modos de vida, que produzam subjetividades outras, que não façam crianças se aproximar de facas ou estarem brutalizadas por padrões de

vida hegemônicos que atravessam suas infâncias. Lógicas binárias e de monoculturas estão engendradas na produção de violências e preconceitos no sistema-sociedade vigente. São elas, em sua oposição e hierarquias, que viabilizam os pensamentos machistas, lgbtfóbicos, racistas, capacitistas, padronizantes e normalizadores. São Modos de subjetivação que criam cotidianamente cenas como essas, em suas diferentes formas, naturalizando as violências desse Mundo.

A pesquisa-trajetória é atravessada pelo viver, pelas experiências que nos compõem e guiam os afetos que nos levam a pensar o que pensamos. A curiosidade em refletir sobre as monoculturas é reverberação de como gênero acompanha minha trajetória, não apenas por ser mulher, mas em um primeiro momento através das passagens pela violência e por uma MPU¹⁵ familiar. Vivências que ao longo da vida e do processo acadêmico/profissional me fizeram adentrar na importância dos movimentos feministas e da ampliação das possibilidades críticas sobre os códigos binários e universais de sexo/gênero que produzem tanta violência social e relacional. Durante esse caminho, mesmo atravessada por situações de violência, me situo como uma mulher que teve mobilidade econômica e ampliação de acessos. A partir disso, entendo que minha localização enquanto mulher cis e branca também me possibilitou experienciar e estar sendo mulher com maiores acessos que mulheres negras, indígenas, trans, do campo, com deficiências, dentre outros marcadores da diferença e localizações que não estão apenas nas mulheridades. Afirmamos a importância da localização na produção de saber (Donna Haraway, 1995), com a ideia de que essa escrita está apoiada na noção da multiplicidade e diferença, tentando nela abranger a complexidade sobre o ser mulher e o que há de alianças e composições possíveis entre as diferenças. Em nenhum momento pretendemos universalizar ou dizer que há uma mulher única e sempre aliançável, esse caráter seria uma via essencialista da qual esse trabalho não aposta e não pretende operar.

Iniciamos este capítulo pensando a diferença e as possibilidades da coexistência de muitos mundos. Por isso, adentramos as conexões entre a terra e colonização para tensionar as formas binárias e monoculturais enquanto sistema. Para melhor entender como elas favorecem os modos capitalísticos-coloniais do existir, os modos hegemônicos de vida, produzindo violências. “Essa ideologia de um monocultivo do pensamento implica em uma certa agenda de ação no mundo, orienta um certo modo de se vincular com os demais seres” (Geni Núñez, 2021, p.3). Nos interessa refletir sobre os movimentos de luta pelas diferenças,

¹⁵ Medida Protetiva de Urgência - Trata-se de uma determinação do juiz ou juíza para proteger a mulher em situação de violência doméstica, familiar ou na relação de afeto, conforme a necessidade da solicitante. Conforme Lei Maria da Penha – nº 11.340/2006.

os movimentos sociais e minoritários como possibilidade de outras formas de viver, do desvio das hierarquias coloniais e formas de resistências. Esta dissertação se inicia pelo interesse em pensar a terra de forma ampla, conectada aos diferentes movimentos sociais. A monocultura da terra é próxima da monogamia das relações, expressando o sistema monocultural que atravessa os vários aspectos da vida, da produção de desejos e subjetividades.

Nos últimos anos o Bolsonarismo se utilizou da narrativa da família, da religião e das questões de sexualidade e gênero para o constante ataque de direitos e imposição de seus ideais. É nítido que essa questão vem sendo alvo da extrema direita e requer atenção para sua potência de naturalização e mobilização de sensações e noções de valor. Em oposição a essas ideias não há impedimento de que famílias sigam existindo, interferência nas sexualidades ou expressões de gênero, mas esse embate demonstra que os desvios dessas instituições são perseguidos e existências desqualificadas, inclusive pelo Estado.

Este capítulo surge na pesquisa dentre inquietações que me acompanham ao longo da vida e se intensificam nos últimos anos a partir dos movimentos da extrema direita e de sua gestão (2019-2022). Inclusive em suas produções de políticas públicas e políticas de Estado, como nos auxilia reflexão sobre o Ministério da Mulher, da Família e dos direitos Humanos, Marília Moschkovich (2023) analisa a comunicação e os efeitos da criação do ministério a partir do uso da família como ferramenta estratégica para avanço conservador nos direitos humanos e das pautas de gênero. Esses efeitos expressam os ganhos do neoconservadorismo enquanto movimento e como eles adentram as diversas esferas da vida. Essas inquietações também se conectam a questionamentos produzidos através da prática clínica, na qual encontro expressão das problemáticas sobre os modelos de relações românticas e das formas hegemônicas de família. Esses pontos se engendram nas ideias da pesquisa através dos tensionamentos das produções de violência de gênero e das monoculturas que acompanham os modos de subjetivação de lógicas ocidentalizadas, como o sistema binário de gênero, o sistema de propriedade capitalista e família patriarcal.

Há um grande movimento da extrema direita brasileira, que é também global, de ataque aos feminismos, aos movimentos lgbtqiapn+ e de questões raciais. Não há como pensar gênero sem colocar em tensão as ramificações das instituições que atravessam os modos de relação e parentesco, como o casamento e a família. As narrativas antigênero têm sido ferramenta para produção de pânico moral e naturalização das lógicas dominantes sobre as existências em tentativa de homogeneização dos modos de vida, essa expressa no discurso de Deus, Pátria e Família.

No Brasil, a propagação de mensagens antigênero nas mídias religiosas digitais nacionais começa a partir dos anos 2000 e vai ganhando corpo, especialmente após a visita de Ratzinger, como papa Benedito 16, em 2007, para a reunião do CELAM em Aparecida do Norte. A partir de 2013, esta ofensiva ganha nova visibilidade por conta do ataque ao Plano Nacional de Educação, em que católicos e evangélicos se juntaram ao movimento Escola Sem Partido num ataque sistemático à inclusão da perspectiva de gênero na educação. (Sonia Corrêa, entrevista, 2020)

O constante ataque aos movimentos de luta pela pluralidade e garantia de direitos se baseia em narrativas sobre a retomada da dita ordem natural da vida, das famílias, do gênero, da raça e da pátria, algo que, segundo esses grupos, os movimentos minoritários estariam destruindo¹⁶. Buscamos, nesse capítulo, pensar tais instituições e seu engendramento com os modos de subjetivação coloniais-capitalistas e patriarcais, como do sistema monocultural. Como elas têm sido ferramenta útil para a manutenção dos mesmos e, atualmente, para o avanço do conservadorismo e suas ideologias antigênero como ponto de ataque e produção de medo.

Embora interpretada como uma reação aos movimentos progressistas, a ideologia antigênero é impulsionada por um desejo mais forte, qual seja, a restauração de uma sonhada ordem patriarcal em que um pai é um pai; uma identidade sexuada nunca muda; as mulheres, consideradas “mulheres desde o nascimento” retomam suas posições naturais e “morais” dentro do lar; e a população branca detém uma supremacia incontestável. (Judith Butler, 2024, p.20)

Em seu trabalho e produção teórica, Judith Butler (2024) expressa que essas narrativas servem para restauração das lógicas dominantes como naturais e universais. A partir disso, pensemos em cenas, sejam as de filmes, as escutadas ou vistas no cotidiano, quais arranjos e formas de relacionamento predominam? Quais são as sexualidades e gêneros qualificadas? Em quantas delas o controle e vias de violência aparecem como amor? O que aparece como família? De que modos a garantia de direitos pelo Estado é atravessada pela instituição “família”? Como esses pontos atravessam o sistema democrático? Na intenção de pensar as formas de sentir e de como desnaturalizá-las, é preciso refletir como os modos de subjetivação dominantes as atravessam e a coletividade das mesmas. É preciso desviar do processo de naturalização e individualização que passa pela afetividade, relacionalidade e exclui as considerações políticas, culturais e econômicas.

¹⁶ No caso do Brasil, penso que devemos também interpretar a política de abstinência sexual proposta pela ministra Damare Alves como uma ramificação da política antigênero, pois o que a inspira é também uma concepção de “desordem sexual”. Esse é um exemplo de como o truque “ideologia de gênero” é metamórfico e mutável. Em suas várias manifestações e ramificações, sua função é ativar camadas profundas de conservadorismo social, mobilizando imaginários de desordem e suscitando sentimentos, desconforto e temor à diferença, mas também em relação a quem contesta ordens existentes. É bom lembrar sempre que disputa e contestação são inerentes à democracia. (Sonia Corrêa, entrevista, 2020)

Ninguém chega ao mundo isolado do conjunto de normas que nos aguarda de tocaia. As convenções, os modos de tratamento e as formas institucionais de poder já estão agindo antes do momento em que sentimos sua impressão pela primeira vez, antes do surgimento de um “eu” que pensa em si como alguém que decide quem ou o que quer ser. (Judith Butler, 2024, p.36)

Nesse sentido, a autora nos ajuda a refletir sobre as normas e instituições que atravessam constantemente o desejo, as relações, os jeitos de viver. Buscamos o tensionamento do sofrimento e da produção de violência que se entrelaçam à ideia de formatos universais/unos de relação, amor e também de família. Problematizamos essas instituições e como elas atravessam as subjetividades, e moldam ao longo dos anos os modos de sentir e se relacionar, tanto como a forma que pensamos afetividade, saúde e cuidados na psicologia. De que modo essas instituições operam como dispositivos de normalização e únicas vias para garantia de direitos através do Estado, deixando o que desvia desse formato em perda e precarização¹⁷. Esse formato/lógica colonial acompanha o que é percebido como vinculação e sistema de parentesco, produzindo socialmente homogeneização para explicação das subjetividades, relações e formas de cuidado.

Além dos pontos citados, hoje a linha central para o avanço do medo produzido pela extrema direita e ataque aos direitos adquiridos para equidade tem sido a família e a moralidade envolvida nessa instituição. O que interfere em diversos fatores da vida, como gênero, sexualidade, raça e classe – dentre outros. Movimento que se utiliza do discurso de proteção e centralidade da vida das crianças para expor as formas de vida não hegemônicas como negligentes e perigosas. Discurso facilmente desmontado quando há milhares de crianças morrendo por fatores de pobreza, crianças mortas por genocídio, crianças brasileiras negras mortas diariamente pela polícia, crianças lgbtqiapn+ em descuido e violência. Então qual seria a proteção de que esses movimentos falam? Essas narrativas de pureza e proteção, na verdade, são ferramentas para manutenção do poder centralizado no tipo dominante de família. Não produzem dispositivos de cuidado para as populações e infâncias ou garantem a proteção da vida. Elas são a via de imposição do que é hegemônico para sua duração e universalização. Por isso, nos perguntamos: dentro desse constructo, quem pode optar por ser

¹⁷ Esse tipo de “desrealização” certamente provoca consequências que vão mais longe do que ferir o sentimento de alguém ou do que ofender um grupo de pessoas. Isso significa que ao chegar para visitar seu amante no hospital, o acesso lhe é negado. Isso significa que quando seu amante entra em coma, você não pode assumir certos direitos executórios. Isso significa que quando seu amante morre, você não pode ser aquele que recebe o corpo. Isso significa que se a criança é deixada com o pai ou mãe não-biológico/a, esse/essa pode não ser capaz de contrapor-se às reivindicações de parentes biológicos na corte e que se perde a custódia e até mesmo o direito de visita. Isso significa que se pode não ser capaz de prover mutuamente benefícios de atenção à saúde. Essas são formas muito significativas de perdas de direitos, as quais se tornam ainda piores pelos “apagamentos” pessoais que ocorrem na vida cotidiana e pelas quais o relacionamento, invariavelmente, paga caro. (Judith Butler, 2003, p. 238)

família? A quem essas narrativas protegem? Nossa intenção foi refletir sobre a anulação das existências que diferem dos modos dominantes por diversas instâncias, estratégias e dispositivos.

Se nos utilizarmos das reflexões genealógicas de Foucault (2017)¹⁸, as noções de família e casamento passam necessariamente por processos de poder, onde discursos ganham força em prol da manutenção de alguns modelos e exclusão de outros. Afetam as subjetividades e relações, não sendo estas essenciais ou naturais, mas agenciamentos históricos e políticos. Atravessados por práticas econômicas, de preservação de patrimônio, da posse de terras, de arranjos sociais, modos de vida, economia e visão de mundo. O histórico de colonização e catequização dos povos originários expressa o caminho de imposição dessas práticas. Foucault (2017) explicita que a via da religião cristã, acompanhada do pecado, da doutrina do puro e do mono age como forma de anulação dos diferentes tipos de relação e arranjos, na imposição que sua lógica normalizasse um único Deus e Religião. A partir dessa doutrina, também uma única forma de relação na intenção de que esses fossem tidos como formatos universais e naturais.

Um princípio “monopolístico”: nada de relações sexuais fora do casamento. Uma exigência de “des-hedonização”: que as conjunções sexuais entre os esposos não obedeçam a uma economia do prazer. Uma finalização procriadora: que tenham por objetivo o surgimento de uma progeneritura [...] naquilo que a Igreja pôde exigir de um bom casal cristão. (Foucault, 2017, p.228)

Para Mariza Corrêa (1981) se acredita socialmente na imposição de uma lógica de família advinda da colonização portuguesa, a contando e a percebendo como uma experiência natural, sem disputas de poder e questionamentos possíveis sobre sua homogeneidade e naturalidade. Mais tarde, com o avanço da industrialização e crescimento do capitalismo, a família começa a fazer sentido para manutenção do privado, não apenas pela terra, mas também como aparato de cuidado e produção de pessoas para esse sistema. Atualmente a produção de pessoas para esse sistema entra em conflito pela necropolítica adentrada no sistema neoliberal que constantemente violenta pessoas negras, ainda assim, sua centralidade segue para outros quesitos. A família nuclear eurocentrada ainda é tida como universal mesmo após tanto tempo dos estudos de Mariza Corrêa, ainda que seus pontos de naturalização não se sustentem nem mesmo historicamente. As pessoas sempre estiveram os desviando, vivendo em outras lógicas, outros arranjos, por distintas formas de perceber as relações, até mesmo por não alcançar o Estado ou por não querer a formalização do mesmo.

¹⁸ História da Sexualidade. Eu e os Outros III. 2017.

A história das formas de organização familiar no Brasil tem se contentado em ser a história de um determinado tipo de organização familiar e doméstica – a família patriarcal – um tipo fixo onde os personagens, uma vez definidos, apenas se substituem no decorrer das gerações, nada ameaçando sua hegemonia, e um tronco de onde brotam todas as outras relações. (Mariza Corrêa.1981, p.6)

Pensamos as instituições família e casamento para o tensionamento do processo histórico linear e reflexão de sua complexidade. Colocando em questão o aparato colonial que anulou do histórico brasileiro todos os movimentos, organizações e arranjos que já existiam antes desses dispositivos serem impostos como único meio de sistema-sociedade. Também todas as resistências que sempre estiveram em embate com essas imposições ao longo da história brasileira e desviam da família nuclear-cisheteronormativa como universal. Oyèrónké Oyěwùmí (2004) aponta a necessidade da ampliação dos modos de se pensar as relações, afetividades, cuidado, parentesco e reprodução para além da família nuclear. Nesse sentido, a autora nos ajuda a localizar a imposição dessa forma específica de família para explicação das existências e formas de relação, quando ela é apenas um dos muitos modos existentes no mundo e não comporta a pluralidade das existências e organizações relacionais. Como se antes dessas formas serem impostas não houvesse vida, arranjos e sistemas outros ao redor do mundo.

A família nuclear, porém, é uma forma especificamente euro-americana; não é universal. Mais especificamente, a família nuclear continua a ser uma forma alienígena na África, apesar da sua promoção pelos Estados colonial e neocolonial, agências internacionais de (sub)desenvolvimento, organizações feministas, organizações não-governamentais (ONGs) contemporâneas, entre outros. (Oyèrónké Oyěwùmí, 2004, p.4)

Além disso, seria situar uma igualdade existente nas formalizações das garantias de direitos pelo Estado, afirmando que as formas democráticas do sistema-mundo em que vivemos não seriam sempre atravessadas pela raça, nacionalidade, gênero e classe. O sistema democrático brasileiro ainda é excludente, de distintas formas, para pessoas negras, indígenas, amarelas, pessoas gênero/sexo dissidentes, pobres, imigrantes, com deficiências e mesmo as que tentam outros arranjos e relações - dentre outros fatores que escapam o que pensamos aqui.

Ao criticar o Bolsonarismo, Angela Davis (2023) nos alerta a posição crítica enquanto o que os Estados-nação representam e como a democracia precisa ser pensada em seus acessos para que possamos lutar por mudanças no que apostamos enquanto sistema atualmente. “Eles querem voltar a um passado no qual os direitos dos negros, dos indígenas e das mulheres simplesmente não eram respeitados. Quero sugerir que seria um grande absurdo

assumir que a democracia almejada reside no passado” (Angela Davis, 2023, p.31). Pensar de modo único a família é desconsiderar que há diferenças intensas nessas possibilidades, ainda mais se a única forma de constituí-la for através do casamento. É também não considerar outras possibilidades que ultrapassem esse constructo.

Os pensamentos feministas decoloniais, como as perspectivas da diferença e também as teorias queer, são aliança que possibilitam tensionar tais questões e ampliar o referencial teórico e de mundo. Trazem possibilidades para se diferir nas relações, pensar outras produções de subjetividades e lutas políticas pela garantia de múltiplas escolhas de vida. Ao analisar as conexões entre a colonização e seu modo de *extratificação*, monocultura e catequização, é preciso atenção em como o processo histórico que anula a diversidade e pluralidade de diferentes modos de ser é algo diretamente relacionado ao domínio da natureza e aos modos de explorar a Terra, humanos e não humanos.

Para perspectiva eurocentrada não se tratava de apenas existir e qualificar seu modo de vida, mas impor toda sua estrutura às diferentes localidades do mundo como única forma possível. A natureza foi o primeiro ponto de exploração e noção de inferioridade, mas esse domínio se espria através da noção de uma única Humanidade válida. Possibilita que o domínio não seja apenas da natureza, mas de todas pessoas que escapem desse ideal. A lógica de hierarquização foi central para esse processo e para o apagamento das diferentes perspectivas das pessoas que habitavam as terras exploradas ou das pessoas negras escravizadas e forçosamente migradas. Tal lógica atravessa diretamente o fundamento da instituição família.

Pensando na maneira como a catequização ocorreu em nosso território a partir de 1500, percebemos que a ideologia monoteísta do cristianismo fazia com que, para os jesuítas, apenas a própria referência de deus contasse como verdadeira e justa. (Geni Núñez, 2023, p.28)

A imposição das lógicas de monocultura pensada pela autora serve para anulação da diversidade, do que é em si a natureza, a colocando em um lugar objetificado e de não agência. Essa ideia está engendrada no apagamento de todas as perspectivas que não a da via branco-eurocentrada, impondo seus Modos de subjetivação para idealização de todo esse sistema: religião, raça, educação, percepção da natureza, amor, gênero, humano¹⁹ como modelos a serem seguidos. Pensar o monoteísmo, como nos possibilita Antônio Bispo dos Santos (2023), é caminho para entendermos melhor os processos de anulação das

¹⁹ Quando se localiza humano é de acordo com matriz ocidental e sua produção da unidade humana.

diversidades, sendo a imposição de um Deus umas das vias para as monoculturas das subjetividades, das relações, exploração da terra e pessoas.

A contracolonização. Ou seja, o politeísmo, porque a cosmofobia é germinada dentro do monoteísmo. Se deixamos o monoteísmo e adentramos o politeísmo, nos imunizamos. No mundo politeísta não existe pecado original, ninguém foi expulso do Jardim do Éden, ninguém tem memória de terror. Os deuses e as deusas são muitos e não temos medo de falar com eles. No mundo politeísta, ninguém disputa um deus, porque há muitos deuses e muitas deusas – tem para todo mundo. Como no mundo monoteísta só há um deus, é uma disputa permanente. (Antônio Bispo dos Santos, 2023, p.9)

As instituições citadas são ferramentas que favorecem a lógica dominante de pensar e viver, e também as formas de sentir e experimentar as relações como se fossem a única possibilidade viável. Judith Butler (2024) mostra que nesse constructo de pensamento, desvios de seu Modo estariam contra a dita civilização ideal, seriam pecado e ruptura com as lógicas “naturais” do viver. A própria ideia de civilização desqualifica as formas de viver que eram – e são - múltiplas no mundo. Esses aparatos coloniais se atualizam e se expressam como precarização extrema do que escapa a essas matrizes de pensamento no capitalismo tardio. Seja através das ideologias antigênero, do negacionismo climático, do nacionalismo ou da proteção da família hegemônica. Eles se manifestam de muitos modos, com diversas ramificações para o impedimento da ampliação das possibilidades de vida e rupturas com a colonialidade e binariedade social.

Em 2012, como papa Bento XVI, ele foi mais longe, sustentando que tais “ideologias” negam a “dualidade preordenada de homem e mulher” e, portanto, negam “a família” como “uma realidade estabelecida pela criação”. Como homem e mulher são criações de Deus, argumentou, aquelas pessoas que buscam criar a si mesmas negam o poder criador de Deus, supõem que têm poderes divinos de autocriação e são iludidas por uma série de crenças ateístas. (Judith Butler, 2024, p.43)

Nossa escrita, atravessada não apenas pelas afetações da clínica, mas pela experiência com as políticas de proteção em situações de violência, nos leva a questionar o que, muitas vezes, se expressa nos acolhimentos dessas diferentes práticas: a sustentação da produção de sofrimento e violência em nome do amor e da família. Os dispositivos de saúde e acolhimento atravessados por lógicas hegemônicas como naturais e únicas, acabam por anular e moralizar formatos que escapam a esses padrões. É necessário problematizar como essas instituições anulam a própria diferença e multiplicidade que há nas formas de ser família e amar, nas relações, nos cuidados, na produção de saúde. É preciso reparar o quanto essas instituições cerceiam as possibilidades de pensar e trabalhar as relações e o parentesco. Por serem fundamentadas na monocultura e na propriedade, onde o laço sanguíneo se torna essencial

para sustentação desse formato, nos levam a operar em dispositivos de saúde a partir desse guia e centralidade. “Portanto, não é possível separar as questões de parentesco das relações de propriedade concebendo pessoas como propriedade e das ficções de “laços sanguíneos”, assim como dos interesses nacionais e raciais que sustentam esses laços” (Judith Butler, 2003, p.222).

Em vários sentidos, falar sobre essas instituições abrange uma complexidade intensa, pois criticar sua rigidez e o modo como elas funcionam como dispositivos de regulação não quer dizer que não dependamos delas de maneira individual para diversas garantias. Ao problematiza-las não há intenção de criticar escolhas individuais, mas pensar coletivamente seus efeitos. As formas de relação que não passavam ou passam pela formalização do Estado burlam essas imposições, ao mesmo tempo, enfrentam diversas consequências em seus cotidianos que ultrapassam as questões de posse: legalidade de opinar sobre a saúde e morte, questões de criação e procriação, dentre as diversas negociações que passam pela vida e sua legalidade. Por que então as únicas vias de garantias pelo Estado são essas? Há possibilidades de pensarmos em Estado e ao mesmo tempo diversidade? Ou seria esse sempre um dispositivo de regulação para um único formato de vida e normalização?

Por que não existiriam maneiras de se organizar os direitos de atenção à saúde de modo que todos, independente do estado civil, tenham acesso a eles? Se defendermos que o casamento é uma maneira de assegurar esses direitos, não estaríamos afirmando também que um direito tão importante quanto a atenção à saúde deve continuar sendo alocado com base no estado civil? Como isso afeta a comunidade dos não-casados, dos solteiros, dos divorciados, dos não interessados em casamento, dos não-monogâmicos – e como o campo sexual torna-se assim reduzido, em sua própria legibilidade, se o casamento se torna a norma? (Judith Butler, 2003, p.231)

Não há resposta simples para tamanha conjunção histórica, mas podemos questionar por que as únicas vias para garantias desses pontos sigam sendo lutas pela diversidade do casamento. Desse modo, não é discordar da importância do mesmo como uma via no sistema que está dado, ainda mais quando o mesmo é negado para quem não está dentro da cisheteronormatividade. É importante lidar com as contradições que essas problemáticas produzem, mas também questionar o porquê, mesmo depois de longo tempo das reflexões de Judith Butler (2003), de não haver imaginação de lutas por outras formas de garantia.

De fato, uma transformação social mais radical está em jogo precisamente quando não permitimos, por exemplo, que o parentesco seja reduzido à “família”, ou quando não permitimos que o campo da sexualidade seja medido em relação ao casamento. Pois tão certo quanto o fato de que os direitos ao casamento e à adoção e, de fato, à tecnologia reprodutiva, devam ser assegurados a indivíduos – bem como sua aliança – fora da moldura do casamento, seria uma drástica privação da política sexual progressiva permitir que o casamento e a família, ou mesmo o parentesco, fossem os

parâmetros exclusivos dentro dos quais se pode pensar a vida sexual. (Judith Butler, 2003, p.259)

Como não legitimar que a única possibilidade de garantia em um Estado democrático seja feita pelo mesmo caminho que coloca toda pluralidade das existências em desqualificação? A ideologia antigênero, a defesa da Família e da Pátria, cada vez mais impostas pelos movimentos neoconservadores, atacam o que escapa aos moldes hegemônicos. Não os considerando nem amor e nem família, produzem movimentos constantes de perseguição e desqualificação. São processos de colonialidade que seguem no sistema social e cultural, inclusive como dispositivos de Estado, que se expressam em diferentes tipos de políticas públicas.

A forma de ser família, permitida pelo Estado, é monogâmica e nucleada, centrada na consanguinidade, baseada na cisheteronorma, onde a reprodução, cuidados, decisões sobre a vida e a morte, além das questões de partilha econômica, são validadas pelo casamento. Desse modo, há uma regulação das sexualidades, relações e cuidados, que cerceiam a legalidade de direitos por outros arranjos e escolhas, e ainda que as pessoas as façam e resistam através da informalidade, fazendo torção com os moldes rígidos dessas instituições, são atravessadas pela precarização.

Esses pontos de vista podem se conectar de diversas maneiras; uma delas consiste em sustentar que a sexualidade deve se prestar às relações reprodutivas e que o casamento, que confere estatuto legal à forma da família, ou, antes, é concebido de modo a dever assegurar essa instituição, conferindo-lhe esse estatuto legal, deve permanecer como o fulcro que mantém essas instituições em equilíbrio. (Judith Butler, 2003, p.221)

As narrativas que defendem a Família e alegam que essa estaria em ataque, não defendem de fato que as famílias possam existir, mas uma forma única de o ser²⁰. Nessa disputa de poder, esses discursos são centrais para o avanço do conservadorismo, e ainda que esta instituição esteja engendradora nas políticas de esquerda, as tomadas em seu significado são muito distintas. No golpe de 2016, o que foi mais falado como justificativa durante a votação foi a palavra Família²¹. O processo de constante ataque às possibilidades de famílias lgbtqiapn+ explicita a desqualificação e imposição de uma forma universal, que tem em sua base a manutenção da família dominante – que representa o poder desigual de uma elite que

²⁰ Durante debate da eleição Bolsonaro faz agradecimento em nome de Deus, Pátria, família e liberdade. Seus ideais para preservação dos mesmos. Canal UOL, 2022.

²¹ “Com ajuda de Deus, pela minha família e pelo povo brasileiro, pelos evangélicos da nação toda, pelos meninos do MBL, pelo Vem pra Rua. Dizendo que Olavo tem razão senhor presidente, dizendo tchau para essa querida, e dizendo tchau ao PT, partido das trevas, eu voto sim!” Fala de Marco Feliciano, El país, 2016.

pretende manter sua concentração de riqueza – através da única via de parentesco válida. Essa Família está longe de pensar cuidado e sistemas de parentesco de outras formas ou garantia de cuidados coletivos por dispositivos de Estado, essa instituição serve como ferramenta para manutenção de poder.

Esse tipo de parentesco não é o mesmo reivindicado pelas populações indígenas que estão no Brasil ou o articulado por (Donna Haraway, 2023) em sua proposta radical de repensar o parentesco como formas de criação de garantia de vida através da coletividade. Formas de lidar com a crise climática, racismo ambiental, migrações, tomada conservadora e políticas nacionalistas. “Ao meu ver, o alargamento e recomposição de parentescos são possíveis pelo fato de que todos os seres da Terra são parentes no sentido mais profundo do termo. Já é passada a hora de oferecer um cuidado melhor com tipos-como-agenciamentos (e não uma espécie por vez)” (p.186). Dialogamos com as ideias da autora sobre os parentescos estranhos, não consanguíneos, para ruptura com o sistema de valor que perpetua a moral cristã e também a propriedade privada. Além disso, é válido questionar o porquê desses movimentos estarem cada vez mais em busca da “proteção” da Família. Esse aparato não é apenas via de moralização e centralidade em modos conservadores, aliadas ao neoliberalismo, essas narrativas individualizam e centralizam a responsabilidade dos cuidados de forma privada, na família. Assim, se abstém da garantia de políticas que visam os dispositivos de cuidado coletivo para pessoas que fazem parte do sistema-sociedade e deveriam ter esses direitos garantidos pelo Estado democrático:

Esse tipo de ambiguidade parece ser uma das chaves para a produção de políticas públicas de direitos humanos baseadas no dito “familismo”, ou seja, na transferência de problemas sociais para um domínio supostamente privado, com a responsabilização das famílias sobre eles. Isso pode estar associado, por sua vez, a um projeto político mais amplo de redução das estruturas estatais ou, ao menos, de diminuição do controle público sobre o Estado e de sua transparência. (Marília Moschkovich, 2023, p.3)

O apoio entre o neoconservadorismo e o neoliberalismo fica evidente quando há constante tentativa de que o Estado seja cada vez menos denso em suas garantias a partir da centralização do discurso da família nuclear como um ideal, se utilizando dessa instituição como dispositivo que substitui a importância estatal. Ainda que essa não represente a maior parte dos arranjos da população brasileira, que produz desvios constantes desta noção e que em sua maioria não tem cuidados nucleados. Esse formato se demonstra central para que a retenção de capital e poder sigam pensadas de modo individual, favorecendo a concentração

de uma minoria que segue passando seu aparato de privilégios de geração em geração²², em articulação com as políticas de Estado:

Está claro que quando se trata de cuidados e dependência, o neoliberalismo não se contenta apenas com o reconhecimento da família, mas inventa ativamente relações familiares que não são emocionalmente reais ou consensuais e força as pessoas nestas relações a subsidiarem-se mutuamente para substituir o Estado. Assim, a responsabilidade familiar é um pilar absoluto da ideia neoliberal progressista. (Melinda Cooper, 2024, entrevista)

Tal ideia de família não condiz com a própria realidade brasileira, mas segue tendo lugar de representação universal e também de única via desejante. A maior parte das famílias já rompem por si a lógica nucleada e patriarcal, além de todas as outras formas de família e cuidado existentes que não optam por ser família. Se há aposta em um Estado democrático como via de garantia de cuidados em coletividade, é preciso então rever as formas que o Estado opera em suas possibilidades. Também questionar como as naturalizações dos papéis rígidos e generificados de cuidado e família operam para a ausência do campo de garantias. Tensionar a base de seu aparato em lógicas privadas, feitas a partir do casamento e da monogamia. A lógica familista requer atenção, pois ela favorece a retenção, a manutenção de poder por parte privada e, por outra via, culpabiliza e centraliza cada vez mais as responsabilidades que poderiam ser pensadas através de políticas coletivas e dispositivos de cuidado que seriam do Estado para a responsabilidade da família.

Eles compreenderam que a família tinha uma função econômica e pensaram que poderiam restaurar a ordem capitalista se desmantelassem o estado de bem-estar social, por isso pressionaram para que as pessoas regressassem a algumas formas de parentesco – voluntário, forçado, normativo, não normativo... – porque isso funcionaria como um substituto do bem-estar social. Portanto, neste momento, os neoliberais e os novos conservadores encontram este estranho ponto de convergência onde veem a crise econômica em relação à desagregação da família e da ordem de gênero, e concordam que esta deveria ser restaurada. (Melinda Cooper, 2024, entrevista)

Esse aparato não atravessa apenas o Estado, ele atravessa o desejo, e por isso é útil para a individualização neoliberal. Suely Rolnik (2018) evidencia a relação entre a produção de subjetividade neoliberal e o sofrimento constante em vivermos com modelos rígidos e pré-estabelecidos, que aprisionam e ditam noss-os modos de estar no mundo. Para a autora, esses códigos hegemônicos atravessam a possibilidade do viver, as sensações e as subjetividades, que estão cada vez mais precarizadas ou como ela aponta “cafetinadas”. Um engendramento de micro e macropolíticas que afetam de modo rizomático a humanas e não humanas, a biosfera, noss-as percepções e força de vida. “Tal abuso é a medula micropolítica do regime

²² Reportagem que exalta as famílias bilionárias brasileiras. Forbes, 2023.

colonial-capitalístico. A hegemonia dessa dinâmica micropolítica constitui uma patologia altamente agressiva com graves sequelas não só para o destino da humanidade, mas para o do planeta como um todo, já que afeta os quatro planos de seu ecossistema” (Suely Rolnik, 2018, p.124). Por isso, nos utilizamos de ideias que possibilitam imaginar fugas dos aprisionamentos dos Modos de subjetivação que negam a multiplicidade do sentir e do viver. Esses que produzem sofrimento e violência em seus modelos enrijecidos e universalizantes, seja por via do Estado ou por vias do desejo.

Deleuze e Guattari (2011)²³, na obra *O Anti-Édipo*, chamam atenção sobre as formas rígidas em que a psicologia/psicanálise situou suas práticas e análises em processos que sempre buscam falhas baseadas em modelos sobre família e relações com formas unas. Se ao longo dos anos todas as relações passam pelo Édipo, é porque as produções de subjetividade estão tão colonizadas a ponto de não nos permitirem ver nada mais. Inclusive, que há parentesco que não necessariamente precisa ser família ou que não é orientado por um pai e uma mãe, nem por lógicas binárias, e nem o precisaria ser. Tal enquadre acontece nos diferentes âmbitos que fogem à normalidade e ao hegemônico, o que escapa diretamente é psicologizado e desqualificado. Para Oyèrónké Oyèwùmí (2004) essa universalização imposta pela colonização nega a multiplicidade de outros sistemas de parentesco possíveis, impondo como natural o modo nucleado e seus papéis esperados dentro o sistema generificado.

Ela universaliza a experiência da maternidade nuclear e toma-a como um dado humano, estendendo assim os limites desta forma euro-americana muito limitada para outras culturas que têm diferentes organizações familiares [...] A família Iorubá tradicional pode ser descrita como uma família não-generificada. É não-generificada porque papéis de parentesco e categorias não são diferenciados por gênero. Então, significativamente, os centros de poder dentro da família são difusos e não são especificados pelo gênero. Porque o princípio organizador fundamental no seio da família é antiguidade baseada na idade relativa, e não de gênero, as categorias de parentesco codificam antiguidade, e não gênero. (Oyèrónké Oyèwùmí, 2004, p.5/6)

O processo de questionar esse formato único causa constante desconforto, porém nunca seu questionamento é o mesmo que impedimento. Tensionar a instituição família e todas suas problemáticas não é impedir pessoas de experimentarem esses arranjos, mas pensá-los como múltiplos, e de que outras também os possam negar e serem validadas em seus direitos e suas existências. Ampliar as formas de família, as possibilidades de quem o pode ser e inclusive a possibilidade de não se escolher essas formas de vida, é aposta em sistemas que qualificam a multiplicidade. Para que haja a oportunidade da coexistência de distintos

²³ Capítulo II: Psicanálise e familismo: a santa família

modos de se relacionar é preciso entender a hegemonia dos sistemas que vivemos, baseados em hierarquias e ideais que colocam quem os escapa em desqualificação.

A monogamia faz parte da conjuntura da família defendida pelo Estado, caracterizada também pela heterocisnorma que orienta a misoginia e as demais violências sofridas por pessoas sexo-gênero dissidentes. O Brasil, país onde cerca de 90% da população se afirma cristã, é um dos líderes mundiais nos índices de assassinatos de mulheres cis e pessoas trans. (Geni Núñez, 2023, p.37)

Dentre os tensionamentos, não há intenção de se criar modelos ideais ou unos, em que deixemos de lado a densidade dessa problemática. Pelo contrário, abarcamos a complexidade das relações, das pessoas e suas singularidades. Buscamos problematizar como os modos hegemônicos sociais, que moldam as subjetividades em coletivo, com suas maneiras universais e rígidas sobre família, amor e parentesco, nos encurralam a únicos modos de sentir, de viver e estar nas relações. Essas noções estabelecidas a priori produzem adoecimento, pois cerceiam movimentos, criações em conjunto, e formas distintas de cuidado. Tais moldes são adoecedores, pois não são baseados na ética e nem na estética dos encontros, mas sim em valores morais que induzem à repressão, impedimento do diálogo e culpabilização.

Esse sistema também desqualifica as diferenças raciais e de gênero no quesito cuidado e família, quando a maior parte do cuidado já é exercido por mulheres e principalmente negras. Negligencia o fato de que todas as experiências desses campos são atravessadas pelos marcadores de gênero, raça, classe e outros. A narrativa da naturalização do instinto da maternidade expressa os sistemas políticos que colocam o cuidado como algo natural e também o porquê de apostarem sempre em um mesmo formato de família. Lógicas de cuidado generificadas que privilegiam a hierarquização do Homem²⁴ e colocam o trabalho doméstico como forma natural de cuidado, não sendo parte de um sistema de produção e exploração.

Além disso, nesses ideais de relação, há atravessamento constante de uma lógica de controle, a mesma que está enraizada no sistema monocultural e na produção neoliberal de propriedade e de privado. “Nesse caso, podemos perceber que a imposição jurídica da monogamia está diretamente relacionada ao direito à propriedade, à previdência, à pensão. Seu objetivo é assegurar que esses direitos circulem apenas entre sujeitos ditos da “família normal” (Geni Núñez, 2023, p.40). Das políticas de Estado ao processo de desejo e produção de subjetividades, a colonialidade transpassa as existências. A anulação das diferenças e o sistema monocultural atravessam o sistema-sociedade para que ainda hoje tenhamos um mesmo Deus, únicas formas de vida, de relação e parentesco.

²⁴ Nos utilizamos da palavra Homem em maiúscula para situar o homem dominante do ideal eurocentrado.

Relações em construção, subjetividades outras, apostas outras...

Geni Núñez (2023) fala sobre a artesanaria dos afetos, entendendo que se relacionar requer implicação e é um ato constante. Dessa forma, ela não nega a complexidade das relações, que abarcam erros e acertos, mas evidencia a naturalização da violência que passa pelas imposições dominantes de vida. Ela nos convida a pensar em formas mais potáveis de relação, onde amarras sejam soltas e os padrões unos e rígidos que produzem sofrimento sejam rompidos. As conexões entre a produção do familismo e do próprio amor romântico servem para manutenção de um tipo família, esse que é composto por um homem e uma mulher cishetero, que produzem filha/e/os, que são branco/as, e se adentram nos diferentes ideais desse sistema. Algo que anula a diversidade nas formas de ser família e nas formas de amor que existem de outros modos, com outros arranjos. Tais parâmetros são produtores de sofrimento por suas amarras rígidas e normativas, seja para quem escolhe esses Modos, onde há pressão pelo segmento dos contratos sociais dessas relações, seja pela desqualificação e valor moral por quem escolhe viver de outros jeitos.

Além disso, o amor romântico em busca do ideal do casamento se conecta não apenas ao início de uma família que se adentra nessas normas, mas que mantém a todo custo esse contrato, pois outros arranjos não seriam corretos e nem saudáveis. Esses Modos de subjetivação se expressam como produtores de sofrimento e de violência nas relações pela função social de manutenção dessas instituições. Geni Núñez (2023) através de sua análise das cartas dos colonizadores evidencia o processo de subjetivação de unicidade imposto para adoração de apenas um Deus. Só seria possível adorar um Deus, sendo obrigatória a negação de qualquer outro. Esse modelo cristão impera na subjetividade coletiva de lógica ocidental-centrada, produzindo formas de viver a partir da *extratificação* e da monocultura, em planos binários, sem possibilidades de deslocar ou escapar no sentir e nas expressões das relações. O casamento é fundado por essa mesma lógica, não apenas da divindade que se rompida é lida como pecado, mas também na unificação da divindade com a manutenção do privado. Dito isso, a família nucleada é feita para durar, para estar nos ideais desse sistema, caso não seja como esperado, como as linhas molares que a constroem, ela vira um fracasso. Esse fracasso na maior parte das vezes produz violência pela tentativa de reprodução de um formato universal, nesses moldes a criação não se torna possível.

Fatores atrelados às violências lgbtfóbicas normalmente produzidas pelos núcleos familiares que são guiados como reprodutores de distintas formas de normalização. Também

pela expressão de violências domésticas que revelam não apenas subjetivadores machistas nas relações cisheteronormativas, mas a violência envolvida na noção de posse e unidade (Geni Núñez, 2023).

A família hegemônica anula o parentesco enquanto sistema múltiplo, como se não houvesse outras formas de pensar as relações, e como se elas estivessem à parte dos contextos sociais, culturais e políticos. Algo que o trabalho de Marilyn Strathern (2015 e 1992) nos mostra ser oposto, sendo esse sistema variável e diferente em distintas culturas e também atravessado por diferentes tecnologias. Tensionar a naturalidade imposta no sistema de parentesco que vivemos, não apenas para lutarmos concretamente por políticas de Estado que pensem o cuidado e forneçam dispositivos coletivos de sua garantia, mas também pensar em parentescos estranhos (Donna Haraway, 2023). Que operem pelo coletivo, que ultrapassem a instituição família, e permitam imaginarmos a vida em companheirismo. Através de apostas em conexões que escapem e rompam com as vias únicas que a colonialidade expõe como forma de relação e amor. Operar com o mundo, seja em parentesco sanguíneo ou não, humano ou não.

Há psicologias que seguem atuando na manutenção e reprodução das lógicas citadas através da psicologização e individualização do sofrimento em prol da normalização. Nessas atuações, os valores dominantes são constantemente reproduzidos como forma de saúde, desqualificando diferentes arranjos e perspectivas de relações, vínculos, afetividades e vida. Tensionando essas práticas, há diversos movimentos dentro da psicologia que tentam romper com as lógicas hegemônicas. Pensam processos de linhas de fuga das formas dominantes para qualificar a criação de agenciamentos distintos de vidas e outras formas afirmativas de saúde em sua pluralidade. Práticas que não estão desconectadas das questões de raça, gênero, sexualidade e classe, inclusive da natureza, para compor saúde e pensar nossas formas de trabalho.

Na prática clínica ou em outros dispositivos, cartografamos com as pessoas atendidas o que produz sofrimento e o que produz potencialidades. Para esse mapeamento conjunto pela abertura de caminhos é preciso que nos guiemos em uma prática que seja ética-estética e política, não tendo sua base em valores morais já estabelecidos, mas produção em encontro. Algo muito comum nos atendimentos desse campo é o sofrimento pelo término das relações afetivo-sexuais e casamentos, o que normalmente acarreta na produção do que é tido e qualificado como famílias desestruturadas. De fato esses podem ser fatores de sofrimento, mas é válido o questionamento de que o sejam pelo seu status prévio de valor e verdade.

A forma *extratificadora* e monocentrada produz relacionamentos impeditivos, onde normalmente as pessoas envolvidas se guiam por contratos não ditos. A forma já dada para estar em relações é a de abstenção e unificação a outra pessoa, deixando de lado a maior parte das adorações que não envolvam a pessoa da relação e outras relações que não as afetivo-sexuais. Lógica cristã, que como apontada por Geni Núñez (2023), permeia a forma de vida no geral, de pessoas com ou sem religião. Tal lógica atravessa também os moldes familiares, onde muitas vezes as famílias se baseiam em lugares rígidos e violentos, porém se mantém em uma dinâmica onde essa, por sua “divindade”, nunca pode ser negada ou abandonada. Muitas dessas dinâmicas servem para a manutenção do que é hegemônico, por isso há tanta violência relacionada às questões de gênero e contra pessoas lgtbsqiapn+ e sexo-gênero dissidentes - a família serve como regulador social do sistema binário de gênero. Tal expectativa produz sofrimento e culpa nas pessoas envolvidas, o que acaba anulando outras formas de se relacionar e a criação de outras éticas familiares ou de relação. Logo, relações que ampliam essas possibilidades, como: criação ou procriação que não envolvam o casamento ou sejam a partir de relações afetivo-sexuais, partilha de bens por pessoas em relações de amizade, famílias por escolha que não são consanguíneas e diversas outras possibilidades que não adentram os formatos citados, rompem com a lógica monocultural. Adentram a não monogamia como possibilidade das múltiplas formas de se relacionar e valorar as afetividades.

Esses padrões são tão rígidos que acabam por moralizar a forma dos cuidados e práticas em saúde. O sistema de parentesco centrado na lógica de consanguinidade busca afirmação da natureza como via eterna, sendo que há outras lógicas que não operam o sistema de parentesco pelo vínculo sanguíneo, mas por diversos outros fatores (Marilyn Strathern, 2015). A busca normalmente se dá pela volta ao modelo uno, impedindo a diversidade da expressão e produção de saúde pelas pessoas envolvidas.

Quando operamos nesses moldes, não damos espaço para possibilidade de criação e devires. Parece-nos de grande importância pensarmos nos processos universais que atravessam ao longo dos anos as maneiras de sentir, pensar e se relacionar, e como as direcionam para modos monos e de manutenção de valores morais coloniais. A dúvida até mesmo do que sentimos é necessária, desse modo, quiçá, alcancemos caminhos distintos dos hegemônicos; descafetinemos nossas subjetividades, nos soltemos das linhas molares que nos aprisionam e adoecem (Suely Rolnik, 2018). Que encontremos a artesanaria dos afetos proposta por Geni Núñez (2023) para atuarmos de forma ética, com erros e acertos, mas com

processos coletivos de responsabilidade, abertura, busca por outras formas de vida mais potáveis e saudáveis.

Reconhecemos a complexidade de se pensar parentesco, casamento, família e relações, e entendemos que esse capítulo não abrange tudo que poderia ser pensado sobre esse campo. Assim, localizamos que ao se pensar questões de gênero, monoculturas-monogamia e relação com o momento climático contemporâneo, as instituições que percebemos como naturais fazem parte de um modo de sistema de parentesco que se localiza na ideia de família nuclear e casamento. Expressão do processo de sistema-mundo que vivemos, que espraia tecnologias para que permaneça sendo dominante e único. Por isso, ainda que brevemente, decidimos tensionar e pensar esse engendramento para que questões se abram e que possibilidades adentrem noss-os imaginários, noss-as subjetividades. Que sejam caminhos para vias de luta, de outras formas de relação e companheirismo, para o enfrentamento e criação no extremo do mundo.

Meu propósito é fazer com que parente signifique algo diferente, para além das entidades atadas por ascendência ou genealogia. A princípio, esse suave movimento de desfamiliarização pode parecer um erro, mas logo (com alguma sorte) ele parecerá ter sido sempre o certo. Fazer parentes significa fazer pessoas, não necessariamente como indivíduos nem como seres humanos. Ainda na universidade, fui movida pelo trocadilho de Shakespeare entre kin [parente, afim] e kind [categoria, tipo, espécie, gentil] – os kindest [os mais gentis] não eram necessariamente parentes de uma mesma família consanguínea. Fazer parentes e fazer afins (categorias, cuidados, parentesco colaterais, sem laços de nascimento e tantos outros ecos) alarga a imaginação e pode mudar a narrativa. (Donna Haraway, 2024, p.185/186)

As próprias questões climáticas quando em pauta são atravessadas pelo discurso familista: é preciso preservar o mundo que deixaremos para os filhos. A pergunta seria: só se preservaria o mundo para as crianças que são filhas ou a ideia de coletividade seria - pensar em um mundo para as pessoas, para crianças, para vidas humanas e não humanas, para que haja vida em dignidade, até mesmo das pessoas que nem conhecemos? No parentesco estranho se visa um mundo onde crianças não sejam mortas pelo abandono do Estado, não passem pelo genocídio ou pela necropolítica, que não sejam atacadas nas ruas pelas dissidências de sexo-gênero. Um mundo para todas as existências.

Escapar a via de criação e procriação sempre ligada à relação enquanto casal e o que se impõe de culpabilização e frustração a pessoas que não conseguem procriar/gestar. A exaltação da ligação biológica como laço de amor não seria também uma ficção? Reparar nas narrativas que visam o progresso individualizante e começam a culpabilizar de maneira individual a produção de poluição, os processos de cuidado, sem considerar o sistema

econômico e político que gera desigualdades. Para escaparmos de mudanças centradas em políticas individuais é preciso reparar as intensidades dessas produções, como, por exemplo, uma pessoa bilionária produzir mais pegadas de carbono em um voo particular do que uma pessoa comum durante toda sua vida. A junção do neoliberalismo aos movimentos conservadores precisa estar em constante tensão no que elas pretendem preservar e restaurar com suas narrativas.

O parentesco de Donna Haraway (2023) é sempre pela via de uma radicalidade sobre proteção e cuidado, imaginação que abre caminhos para outras formas de relação, para lidarmos com o problema que nos atravessa enquanto mundo. Desse modo, seria um giro intenso, onde questionamos o que foi imposto como cuidado, o que serve para manutenção de riqueza e poder, que nega a coletividade, e outras formas de mundo. Criemos outras vias, questionemos as instituições impostas como naturais, questionemos a unicidade do amor, olhemos para o cuidado que ultrapassa a consanguinidade, mas preza pela vida de quem habita o mundo, humanos e não humanos e do mundo em si.

5. O FEMINISMO? De quais feminismos falamos? Em quais apostamos?

hoje pensei em ti de novo, que falta tu faz! e mesmo que tu não acreditasse na falta, não tenho outra palavra pra descrever o que eu sinto, é falta mesmo! sabe do que eu ando lembrando? da gente nos protestos. lembrei dos que fomos no ele não e tudo que rolou depois. lá a gente sonhava que a extrema direita não teria todos os movimentos que tem até hoje e lembro que a gente foi feliz. não foi? eu fui. fui até mesmo quando tu tava irritada porque gritar mulher naquele dia pareceu algo estranho quando tu viu uma mina xingando a mulher que vendia ceva. lembro de ela ser negra e mais velha. tu ficava muito irritada, e o que era local seguro de protesto já te deixava incomodada por escancarar todas as contradições daqueles gritos de unidade. eu gostava de gritar, mas hoje lembro de ti e tuas queixas fazem tanto sentido. acho que hoje a gente concorda, queria ter percebido isso antes, mas eu tava muito focada em um tipo de feminismo e de mulher. queria te dizer que no calor extremo ou frio inesperado, tudo que tu falava faz mais sentido, hoje não tem como afirmar que uma luta pra mudar o Mundo é das mulheres, sei lá, já não gosto dessa unidade, as de extrema direita tão aí pra nos lembrar disso. cada vez mais é uma luta dos bichos todos, por isso eu lembro tanto de ti. queria hoje rir contigo e pensar em lutas que agregassem as abelhas, os cogumelos, os fungos, sei lá. sei que tu ia adorar e falar que lá atrás tu tava certa. quero te dizer que sim!

A universalidade normativa paira em nosso ar, parecendo não haver fuga de certos parâmetros e ideais, ela traça caminhos únicos de vida. Toma conta das subjetividades, fazendo enxergar sempre o mesmo, desejar o mesmo, sem possibilidades de desvio e criação. O feminismo, enquanto movimento de luta, seria a possibilidade de questionar as lógicas dominantes, o que é imposto como universal e essencial, que aprisiona a vida em vias únicas. Mas todo feminismo tem a mesma aposta? Há diversos movimentos feministas no feminismo, e não há como explicar esse processo de forma única, pois ele não é homogêneo em suas ideias ou intenções. Ao longo dos anos o feminismo me foi palavra tão importante, com tantas possibilidades, mas que também tomou lugares outros com diversos limites evidentes por parte desse grande movimento. Produziu afastamento e estranheza por discursos hegemônicos e individualizantes estarem cada vez mais em centralidade e popularidade na sua definição. Trazemos esse capítulo na intenção de seguir apostando na afirmação de lutas feministas, mas a diversidade nesse movimento, tão distinto, complexo, mostra que nem todas as apostas e ideias de mudanças são as mesmas. É preciso localizar com quem se aposta.

As últimas décadas expressam o tempo limite para reflexão sobre os possíveis deslocamentos do feminismo branco-eurocentrado, e de localizar ideias que se aliam enquanto sul global²⁵. Às outras experiências que fissuram as ideias universais e alianças que escapem da manutenção neoliberal de formatos ainda hegemônicos e binários do viver. Sendo assim, como pensar a habitação e relação com a Terra como parte das ideias/lutas feministas? Como a descolonização possibilita imaginação de outros mundos? Esse capítulo tem a intenção de localizar por onde se aposta e a possibilidade de lutas que abranjam pluralidade. Um movimento que se localiza em aliança ao que tenta romper com os processos aniquiladores do capitalismo tardio, da colonialidade, do racismo, do capacitismo, da destruição da natureza e do que não é humano. Nesse sentido, pretendemos evidenciar com quem apostamos e pensamos (Donna Haraway, 2023).

María Lugones (2007 e 2014) nos coloca em profundo questionamento, propondo intensa reflexão sobre o processo binário de gênero se dar na colonização, estando o modo de vida capitalista e eurocentrado interligado na atualização da padronização dos modos de vida durante a catequização e colonização. Ao pensar sobre o sistema moderno de gênero a autora nos convoca a ampliarmos as percepções e, logo, a forma de entender os feminismos. Com seus questionamentos sobre o sistema colonial, nos faz refletir sobre a repetição das hierarquias e binarismos nos pensamentos feministas ocidentalizados. Nesse sentido, pensarmos gênero de forma a desuniversalizar é um processo de descolonização, no sentido de entendermos que o funcionamento do sistema binário de gênero é advindo deste. A autora descreve a complexidade de refletir sobre esse aparato de pensamento e sobre as lógicas binárias que nos acompanham, não sendo possível responder de forma linear tudo que envolve sua construção e manutenção com o capitalismo. Assim, é preciso que seja um processo constante de revisão das formas únicas do viver, pois elas são manutenção da colonialidade e do apagamento das diferenças.

No processo de pensar os feminismos e o gênero de maneira decolonial, um dos pontos de partida é a própria noção de hierarquia entre o humano e a natureza. Nos apoiamos nas pistas de María Lugones (2014 e 2007) para adentrar as reflexões sobre esses fatores e como eles permitem um sistema econômico de extrema exploração do que não se enquadra no aspecto referencial criado. Nesse sentido, a exploração da natureza e o uso da terra estão ligados ao sistema de gênero, pois mesmo em suas diferenças são a reprodução de uma lógica que se sustenta a partir da imposição de sua perspectiva de hierarquias para exploração. Em

²⁵ Sul global enquanto perspectivas que ultrapassam limites territoriais e geográficos, ainda que contenham os mesmos, são alianças em ideias que pensam o sul como movimentos contra-hegemônicos.

composição com essas ideias, gênero como pauta feminista é ruptura da naturalidade dos discursos do sistema binário da colonialidade, em movimento contrário ao cerceamento desse processo.

Minha intenção é focar na subjetividade/intersubjetividade para revelar que, desagregando opressões, desagregam-se as fontes subjetivas/intersubjetivas de agenciamento das mulheres colonizadas. Chamo a análise da opressão de gênero racializada capitalista de “colonialidade do gênero”. Chamo a possibilidade de superar a colonialidade do gênero de “feminismo descolonial”. (María Lugones, 2014, p.941)

O movimento feminista branco-eurocentrado ou hegemônico, em sua luta, acabou direcionando suas pautas a partir do próprio sistema colonial-capitalístico e cisheteronormativo. Reproduzindo lógicas binárias e também universais de vida. Muitas linhas de pensamento reproduzem essencialismo no feminismo branco-ocidentalizado, o fundando na centralidade da família nuclear e cisheterossexualidade como experiências universais:

Em grande parte da teoria feminista branca, a sociedade é representada como uma família nuclear, composta por um casal e suas/seus filhas/os. Não há lugar para outros adultos. Para as mulheres, nesta configuração, a identidade esposa é totalmente uma definição; outros relacionamentos são, na melhor hipótese, secundários. Parece que a extensão do universo feminista é a família nuclear. (Oyèrónké Oyèwùmí, 2004, p.50)

Também embasam suas lutas nas ideias de que haveria um modo natural de ser mulher e homem, não trazendo a complexidade das disputas de poder que atravessam as existências. Como, por exemplo, a colonização e o neoliberalismo, que colocam qualquer pessoa dissidente à instituição do Homem em precarização a partir dos diversos sistemas de opressão. É uma parte da luta que se centra em vias estreitas de mudança, expressando os limites de seus fundamentos que não adentram ampliação ou inclusão da diversidade das pessoas, mulheres, práticas de vida, localizações e experiências.

O longo processo de subjetificação dos/as colonizados/as em direção à adoção/internalização da dicotomia homens/mulheres como construção normativa do social – uma marca de civilização, cidadania e pertencimento à sociedade civil – foi e é constantemente renovado. Encontra-se esse processo em carne e osso, mais e mais nas oposições ancoradas em uma longa história de oposições, experienciadas como sensatas em socialidades alternativas, resistentes, situadas na diferença colonial. (María Lugones, 2014, p.942)

Atualmente, com a captura neoliberal dos movimentos de luta e individualização dos processos coletivos como mérito e busca individual por sucesso, as disputas de poder dentro do próprio movimento ficam ainda mais evidentes, explicitando suas diferenças e multiplicidade. Por que popularmente ainda se fala em uma unidade feminista? Em um

movimento? Por que a ideia de que há um feminismo, com uma centralidade de pautas, ainda prevalece? Ao longo dos anos há constante tensionamento do que se populariza e se historiciza como feminismo através das ideias do feminismo negro com seus embates teóricos, políticos e de luta. Parte do movimento que reproduz lógicas hegemônicas e não abrange as outras diversas questões que passam pelo campo das mulheridades, como raça e classe, também colocam a categoria mulher como central em sua luta. Pensam as opressões de formas binárias, centradas em uma luta de mulher x homem, como se essas categorias fossem fixas e universais.

Essa disputa de poder sobre as narrativas e intenções do que seria e representaria a luta feminista sempre esteve presente em seu processo histórico. Toda proposta de indagação de bell hooks (2022) em *E eu não sou uma mulher?* Demonstra o tensionamento que acompanhou as limitações do feminismo centrado em formas de representação universal. O feminismo negro sempre esteve em tensionamento por lutas que fossem amplas e coletivas em seu modo de imaginar outros cenários de garantia de vida não apenas para mulheres, mas para todas as pessoas em precarização pelos diversos sistemas de opressão.

Todos esses feminismos negros nos convocam a reimaginar nossas conectividades, nossas relacionalidades, e a perguntar como elas podem se expressar se não estivermos sempre onerados pelas estruturas cada vez mais obsoletas do Estado-nação capitalista. Povos Indígenas ao redor das Américas nos lembram continuamente que esse não é o mundo que sempre existiu. (Angela Davis, 2023, p.28)

Ainda assim, as ideias feministas que mais se disseminaram são as da trajetória europeia, como se essa fosse a história única e universal. Pensar sobre os engendramentos entre o feminismo eurocêntrico/hegemônico e a monocultura é adentrar nas possibilidades de desvios do mesmo. Adriana Arroyo (2019) afirma que para pensarmos em lutas amplas, precisamos entender que nem todo o feminismo luta pela mesma coisa. Seu processo de descolonização da memória e do feminismo é aposta para o desvio do processo universal e do dito natural, analisando os movimentos políticos que envolvem cada trajetória de luta. Pensar como a colonialidade dos modos de vida dominantes atravessa a produção das subjetividades não é olhar para novidade, é olhar para as vidas e movimentos que sempre existiram e foram anulados no histórico hegemônico. Descolonizar é começar a rever esses processos no intuito de ruptura e tensionamentos das lógicas dominantes, não como descoberta, mas como encontro com vivências distintas das hegemônicas. Vivências que produzem outros modos de vida há muito tempo, e mesmo esses que hoje nos parecem novidade são na verdade rupturas com o que nos fez naturalizar e centralizar o modo de vida capitalista-colonial.

Eu chamo de “caravela epistêmica” esse costume dos não indígenas de descobrir o que já existia e assinar, ainda, sua autoria em conhecimentos que já vínhamos tecendo havia tanto tempo. (Geni Núñez, 2023, p. 34)

Se a história contada envolve constante embate, disputas de poder em sua contação, e na lógica dominante a imposição de sua universalidade “O universal então é um e não é neutro é uma estratégia de colonização²⁶” (Adriana Arroyo, 2019, p.6). Através da produção de sua naturalização feita em todo processo de exploração e colonização, por que não haveria essa disputa ao longo da história do feminismo? Se não há universal, mas sempre processos políticos de vida, por que no feminismo ou feminismos isso seria diferente? Desejamos feminismos plurais em sua luta, que possibilitem criação e se desloquem das lógicas dominantes que produzem violência e sofrimento. Por isso, precisamos colocar em tensão o porquê do que circula como feminismo seguir sendo as perspectivas que têm as mesmas lógicas de alcance de poder, com pautas individuais neoliberais, que negligenciam as diversidades das experiências. Para isso, é importante desviarmos da categoria mulher universal e pensar os demais sistemas de opressão.

Há portanto, no movimento negro, uma crescente consciência política do racismo, sua manifestação e relação com a exploração de classe. Em segundo lugar, o movimento de mulheres, originado nos setores mais progressistas da classe média branca, frequentemente “se esquece” da questão racial. (Lélia Gonzales, 2020. pg.irregular)

Os ideais neoliberais e a colonialidade atravessam as subjetividades, os modos de vida, e também o que se estabelece enquanto movimento feminista. O que se populariza como dominante não quer dizer que seja dominante em movimento de fato (Judith Butler, 2018). Para se pensar em ideias de pluralidade, aliança e comunidade, é preciso deslocar e tensionar o que universaliza o ser mulher. Também a centralidade de ideias que anulam diferenças e, em seus modos binários de percepção, inviabilizam alianças.

Não há como pensar as questões de gênero sem pensar na ruptura com os padrões de vida hegemônicos-coloniais/neoliberais “Entre outros, permitem-me afirmar que o gênero é uma imposição colonial. Não apenas por se impor sobre a vida vivida em sintonia com cosmologias incompatíveis com a lógica moderna das dicotomias, mas também por habitar mundos compreendidos, construídos” (María Lugones, 2014, p.942). Logo, não há como desvencilhar o chamamento para movimentos que abranjam uma luta ampla, com a possibilidade de ruptura aos padrões estabelecidos. Por esse caminho, apostamos em feminismos que estejam pensando a categoria de gênero como amplitude de suas lutas, e

²⁶ Tradução nossa.

descentralização da unidade mulher da luta feminista-branco-eurocentrada e suas ideias de sexo/gênero.

Para mim é uma mitologia esse negócio do gênero, é uma mitologia do mundo colonial. E eu não acredito nessa mitologia. No entanto, em vários espaços é através desses termos que é posto, é lido, é escrito. Mas quando há espaço para problematizar, eu tento apontar essa questão, depois a gente pode até falar um pouquinho mais sobre isso, de uma recusa da não binariedade do gênero. Então, é nesse lugar que se aproxima um pouco mais do meu desconforto com esse sistema. (Geni Núñez, entrevista, 2021)

É pelo próprio tensionamento do que se impõe como universal que não foi traçada uma linha do tempo, nem intenção de localizar as autorias que produzem as ideias de uma universalidade de mulheres. Ao adentrarmos o gênero ou questões de gênero, localizamos que a perspectiva é de amplitude e descentralização. O que vem sendo apontado nas teorias queer é apropriação de gênero em torção ao que foi instituído no sistema colonial-binário. Algo que tem sido constantemente atacado pela Igreja Católica e pelos movimentos de mulheres cis transexcludentes, que tentam centralizar gênero como uma imposição imperialista ou apagadora. Esse termo é o oposto e está em aliança com as discussões que problematizam a categoria universal e essencial de mulher e suas as lógicas binárias através da colonização.

A Igreja é responsável por parte dessa missão colonizadora, identificando famílias heterossexuais normativas como a meta da colonização. No entanto, se incluímos no “gênero” desvios desse mesmo sistema normativo [...] o gênero não está a serviço da missão cristã que lança sua própria história colonizadora para fora de si mesma em uma “ideologia de gênero” que ameaça colonizar o Sul global. (Judith Butler, 2024, p.236)

Letícia Nascimento (2021) é uma autora que nos possibilita encontrar os desvios necessários para pensarmos em quais ideias feministas queremos apostar e como perceber as emboscadas da universalidade que produz fechamentos sobre o ser mulher. Uma categoria que se fixa na cisheteronormatividade, expressa sua falência ligeiramente, quando nem as próprias mulheres cishetero-brancas, que estariam na centralidade esperada, alcançam o ideal das experiências homogêneas. Cada experiência é singular e expressa diversidade. Buscamos feminismos que alcancem a ideia de diferença não apenas como algo de pessoas sexo-gênero dissidentes, mas que a diferença seja algo do feminismo. É preciso romper com a manutenção de sistemas que em seus diferentes níveis e intensidades violentam. Os feminismos que interessam a essa pesquisa são os que possibilitam caminhos para desviarmos das imposições transexcludentes, do essencialismo e dos binarismos. “Nossos corpos se materializam em formas diversas de feminilidades, não há essa pretensa natureza feminina que nos define” (Letícia Nascimento, 2021, p.41). A fuga da pretensa universalidade para atenção às

desigualdades de raça, classe e outros sistemas de opressão. O termo mulheridade é usado para tentar afirmar que não há essa forma universal sobre ser mulher no mundo e ele acompanha essas páginas mesmo quando me utilizo da palavra mulher. “Há diferentes modos de viver as mulheridades e as feminilidades, são muitas as possibilidades de se performar gêneros” (Letícia Nascimento, 2021, p.41).

No feminismo eurocentrado ou ocidentalizado, as instituições como o lar, o casamento cisheterossexual e a família nucleada se colocaram como ideais e como se todas as lutas feministas fossem guiadas por essa centralidade, sendo pontos que alcançariam e representariam as vivências de todas as mulheres. Porém, esses são pontos centrais para uma lógica de vida que se baseia em ideias ocidentalizadas, com formas advindas das noções de igualdade e oposição em relação aos Homens e formas de direitos. Tais ideias já partem das heranças que produzem a colonialidade e sua imposição de uma narrativa centrada no Homem como ideal e a mulher como sua sombra. Logo, o feminismo eurocentrado é uma luta em oposição a isso e através desses parâmetros. Essas narrativas invisibilizam formatos de comunidade e organizações sociais outras, além de todo processo de racialização e colonização. São essas ideias que explicitam as limitações de se ter as ideias do feminismo ocidentalizado como universais nesse processo de luta, sendo elas apenas uma parte. Com suas limitações e localizações, que hoje acabam por reproduzir lógicas de uma disputa por lugares dominantes de poder e relações com o mundo através da binariedade imposta, centralizam a unidade de mulher de caráter essencial como embase de sua luta.

O conceito de gênero, quer entendido como performance ou, de outro modo, como construção cultural, deveria ser suficiente para haver mulheres transexuais e travestis no feminismo – afinal, não se nasce mulher, torna-se mulher. A questão que me parece limitante é: quem pode se tornar mulher? (Letícia Nascimento, 2022, p.42)

É através do questionamento da autora que afirmamos interesse pela busca de alianças com diferentes marcadores e localizações, esse parece ser caminho para pensarmos no processo político das práticas psis e quais as possibilidades de subjetividades outras, que passem pela diferença e multiplicidade. Buscamos olhar e pensar a historicidade dos movimentos feministas para o tensionamento da forma que a colonização atravessa essa luta. Mulheres originárias já produziam resistência aos processos de colonização, mas foram apagadas e não consideradas pela luta feminista embranquecida/ocidental. Inclusive as próprias noções de resistência teriam que ser tensionadas, uma vez que havia pluralidade de percepção do mundo e as lógicas não passavam necessariamente pela binariedade e as noções de relação eram outras. Nesse sentido, as monoculturas atravessam as políticas de vida, de

subjetividades, em como elas estão engendradas também nos processos de luta e movimentos sociais.

É através da compreensão desse sistema de pensamento que podemos reconhecer os efeitos de suas práticas violentas. Nessas monoculturas um dos eixos centrais é o pressuposto da não concomitância: só um deus seria verdadeiro, só um amor seria legítimo, apenas uma sexualidade a ser escolhida, apenas um plantio na terra e assim por diante. (Geni Núñez, 2021, p.2)

Por isso, afirmamos a necessidade de apostar em feminismos que se aliam à pluralidade do que é ser mulher e das existências que passam por esse código, sem que caiamos em modelos universais e únicos sobre o ser ou sobre os modos de vida que fazem parte dessa luta. Narrativas dominantes não consideraram como luta e como mulheres o que não reproduz as instituições/modos de ser hegemônicos, cisheteronormativos, colonizados e capitalísticos. Para romper com binarismos e monoculturas, pensar os feminismos engloba mas também ultrapassa o ser mulher. No processo histórico das imposições desse sistema-mundo todos os bichos e gentes que não o ideal Humano foram violentadas de diferentes formas, foram desumanizadas para a tomada de suas existências, exploração de suas corporalidades e brutalização.

Na história, os corpos mais pornificados têm sido os dos animais não humanos, os das mulheres e os corpos das crianças, o corpo racializado do escravo, o corpo do jovem trabalhador, o corpo do homossexual. (Paul. B Preciado, 2018, p.50)

Inspiradas nas ideias de Paul. B Preciado (2018), gostaríamos de qualificar esses movimentos como processos minoritários, onde o campo de pensar mulheres passa pela fuga de uma mulher molar, de sua forma una e encontra pluralidade dessas existências. Encontra todas outras pessoas, compondo com a ideia de que pessoas sexo-gênero dissidentes e pessoas/corpos que escapam ao modelo universal hegemônico - cisheterobranco - enfrentam violências diariamente, sendo a luta feminista uma luta ampla, minoritária e não mais uma luta entre homem x mulher.

[...] o feminismo funciona, ou pode funcionar, como um instrumento de normatização e controle político se reduzir seu sujeito às “mulheres”. Sob aparente neutralidade e universalidade do termo “mulher”, esconde-se uma multiplicidade de vetores de produção de subjetividades: sexo, raça, classe, sexualidade, idade, capacidade, diferenças geopolíticas e corporais e etc.. Em termos lauretianos, o sujeito do feminismo é inevitavelmente excêntrico, não coincide com as “mulheres”, mas se apresenta como uma força de deslocamento, uma prática de transformação da subjetividade. (Paul. B. Preciado, 2018, p.118)

Tensionamos as problemáticas de se acreditar em uma unidade feminista e um movimento universal para seguir apostando nos movimentos que se aliam à oposição da imposição de um modo de vida único. Esses que adentram as noções de comunidade,

coletividade, multiplicidade e diferença em sua luta. Em breve trecho sobre capitalismo, racismo e abuso animal, Angela Davis (2020)²⁷ interliga a desumanização com a exploração da carne em diversos sentidos, ela nos possibilita refletir como o antropocentrismo serve para manutenção de todos esses regimes e sistema de produção de alimentação. Através desses caminhos, nos interessa pensar em movimentos que deslocam o que domina noss-as subjetividades e produz fechamentos em noss-as maneiras de viver. Paul. B. Preciado (2018) expressa os sistemas que atravessam as existências e produzem de maneira orgânica, cultural e desejanje diversos limites e cerceamentos nas possibilidades de expressão de gênero e vida. Um feminismo que se centra no que há de hegemônico e universal se afasta das possibilidades de que possamos nos relacionar, viver e estar no mundo de outras formas. Ele acompanha o que tem nos trazido até aqui.

Gostaríamos de olhar para todo o resto de vida e mundo. O Mundo em alerta, geleiras derretendo, florestas em chamas, rios transbordando, vidas em mais precarização. De quem o feminismo tem falado? Há criação de rupturas com a lógica desse Mundo que desaba ou apenas a reproduz por outros lugares? Pela diferença e multiplicidade localizaremos a possibilidade de alianças, não havendo intenção de universalizar ou unificar as experiências e singularidades, mas entender o que nesse Mundo as apaga: como rachar essas ideias, picotá-las, até que possamos sentir e existir de modos muitos.

Nessa escrita achamos de extrema importância retomar que as reflexões contidas são de uma pessoa cis e branca, e me inquieta pensar que quando falamos de questões de gênero ou de diferença estaríamos falando apenas de pessoas sexo-gênero dissidentes. Os parâmetros, ideais, lógicas e formatos de vida atravessam todos os corpos e, por isso, é necessário evidenciá-los para produção de implicação e mudança. Apesar das diferentes intensidades de violência através dos distintos marcadores e localizações, não podemos esquecer que seguir apostando nas lógicas vigentes é apostar também no que violenta e nos faz violentar. Burlar caminhos únicos de ativismos para enxergarmos possibilidades de uma luta para além dessas centralidades históricas.

Durante o caminho de pensar essas conexões e adentrar nas possíveis rupturas com as dominâncias, buscamos movimentos que possibilitem encontrar e criar outras lógicas de vida, diferir em nossas subjetividades e relações. Para isso, é preciso que entendamos com quem dialogamos, pensamos e contamos nossas histórias (Donna Haraway, 2023). Nessa dissertação, tenho tentado estar muito atenta em quem busco diálogos, em quem engajo

²⁷ O abuso de animais é uma consequência direta do capitalismo global
. <<https://www.youtube.com/watch?v=n2UcaDdd0Q0>>

minhas ideias e questões. Dentre muitas falhas e erros, almejo cada vez mais estar com feminismos que me levem por outros sentidos, que despertem vias de ruptura com os distintos sistemas de dominação. Gostaria de ser afetada desse jeito quando escuto essa palavra tão cara, mas para isso precisamos de uma grande torção dessa ideia de tomada de poder colocada de modo individualizante dentre essa ampla luta e das dominâncias que foram se instituindo e se engendrando nessa palavra. Como nos ajuda a refletir Donna Haraway (1995) localização nos permite lidar com as armadilhas de uma universalização das experiências, pois é a partir dela que a diferença é anulada e negligenciada, até mesmo em processos de luta.

Em seu último livro, Judith Butler (2024) refaz o caminho de pensar gênero e o movimento antigênero de forma global, a autora novamente expressa em seus estudos o quanto o movimento feminista ou as questões de gênero precisam ser possibilidades para o que aniquila escolhas múltiplas de vida. Ela evidencia como ano após ano o que desestabiliza as unidades e dominâncias é atacado e reatualizado em seus discursos e narrativas, criando alvos que estariam produzindo a “destruição da vida”. A autora nos explicita que normalmente esses alvos são alvos, pois apontam o que vem aniquilando a vida e, por isso, são tão perseguidos. Feminismos não podem estar em aliança na busca de alvos, eles precisam estar em aposta e embate aos movimentos que o produzem, não se aliando em ideias coloniais de hierarquias, mas entendendo que só há luta quando pensamos nas diversas linhas de opressão. O companheirismo e a coletividade a partir das alianças que lidam com o que produz precarização, com o que aniquila a possibilidade de escolha por diversas formas de vida. Precisamos olhar para o problema e pensar em maneiras de lidar com ele, para que no mundo caibam as múltiplas existências e os muitos mundos.

Seus antepassados não descobriram essa terra, não! Chegaram como visitantes! Porém, logo depois de terem chegado, não pararam mais de devastá-la e de retalhar sua imagem em pedaços, que começaram a repartir entre si. Alegaram que estava vazia para poder se apoderar dela, e a mesma mentira persiste até hoje. Essa terra nunca foi vazia no passado e não está vazia agora! Muito antes dos brancos chegarem, nossos ancestrais e os de todos os habitantes da floresta já viviam aqui.

.....

Temo que sua excitação pela mercadoria não tenha fim e eles acabem enredado nelas até o caos. Já começaram a tempos a matar uns aos outros por dinheiro, em suas cidades, e a brigar por minérios ou petróleo que arrancam do chão. Também não parecem preocupados por nos matar a todos com as fumaças de epidemias que saem de tudo isso. Não pensam que assim estão estragando a terra e o céu e que nunca mais vão poder recriar outros.²⁸

²⁸ Bruce Albert e Davi Kopenawa, 2015, p.253 e p.419.

6. OLHAR PARA O PROBLEMA: companheirismo e outras produções de vida

essa semana chorei tanto. fazia tempo que não chorava assim, acho que desde o teu dia. tanta coisa se passou no último mês que só agora consegui sentir, acho que tava acumulado.

quatro semanas atrás batemos 51 graus em diversas partes do mundo. o calor foi insuportável, mesmo pros nossos novos parâmetros. os jornais mostravam esse terror e também os índices que revelavam que o número de mortes pelo calor ultrapassou as expectativas de todos os estudos e previsões. eu acho que nunca te contei, às vezes quero me sentir compartilhando as coisas mais brandas contigo, mas os super ricos construíram uma cidade-bolha na suíça, que lembra aquele trem do filme que tu gostava. eles viram que marte não ia rolar e inventaram uma vida preservada- com seus luxos- aqui mesmo. eles têm tudo lá, seguem a vida como sempre a tiveram, com tudo, e todo restante, nada. isso é terrível, eu sei, é mais bizarro do que a gente imaginava. mas o que eu queria te contar é que essa bolha estourou e eu acho que tu ficaria muito feliz com isso. depois dos 51 graus o mundo parou. todas as pessoas que não os super ricos pararam. sem luz, sem água, sem tantas coisas, mas todo mundo se sentiu bem, era uma sensação de mudança. a cidade-bolha não teve mão de obra e quem mora lá não sabe como gerir ou fazer nada daquele sistema funcionar, eles nunca souberam, e não saber a manutenção fez parte dela literalmente explodir. essa explosão intensificou a greve mundial e acho que pela primeira vez as pessoas governantes sentiram o medo do fim. depois de muitas reuniões houve um acordo global, algo que eu nem sei explicar como foi feito, mas foi. todo dinheiro dessa mini população da cidade-bolha não poderá mais existir dessa forma, e eles vão ter que sair de lá. criaram uma lei de herança coletiva, essas fortunas agora são da terra inteira. outra loucura é que nessa última semana um grupo de pessoas encontrou uma onça pintada bebê. não sabem explicar de onde ela veio, mas ela veio e nos mostrou que as vidas que a gente achou que tinham acabado seguiram.

Em seu último livro, Donna Haraway (2023) produz desconforto e ao mesmo tempo alento. Através de suas incansáveis viagens imaginatórias, há sempre um convite ou provocação a olharmos e nos implicarmos na construção de brechas e possibilidades para se lidar com as ideias de fim de mundo que atravessam os tempos atuais. Ela não anula o problema em que nos encontramos, decide mantê-lo para construção de alternativas, para adentrar a complexidade dos enfrentamentos de um mundo que expressa seus limites e busca diferir das diversas soluções que mantêm as lógicas produtoras desse extremo. Perceber os

limites da crise climática é de muita intensidade, pois nos traz sensações carregadas de contradições sobre a humanidade e também sobre o que funda nossa própria existência. Sobre o que estaria acabando e das muitas medidas e nuances de quem produz seu fim. Ao adentrar o problema em sua complexidade, a autora cria brechas para se olhar e refletir sobre as contradições desse sistema-mundo, mas também as produções contraditórias adentradas em nossas subjetividades. Com a noção de Chthuluceno, ela localiza a importância de relações outras, de processos múltiplos e adentra suas ramificações e tentacularidades para construção de outras relações com o mundo e no mundo. Afinal, o mundo não acaba pela intervenção da humanidade, pois há diversos tipos de humanidades, de gente, o mundo acaba por um modo de vida em específico. Modos de vida dominantes que não passam por todas as pessoas e suas práticas do viver. Com suas produções scifi ela traz constante tensão em suas colocações, pois não busca uma resposta única para algo tão complexo, mas deslocar as formas prontas de ver, sentir e se relacionar no e com o mundo.

A autora busca pensar e produzir diferentes alianças com as resistências ao que se coloca como modo uno e universalizante. Para lidar com o fim do Mundo é preciso que imaginemos os parentescos estranhos, que nos imaginemos de outros jeitos, de outras formas e toda essa mudança está diretamente conectada aos nós das nossas relações e nós na/da trama da vida (Donna Haraway, 2023). São propostas de tramas outras, processos tentaculares, apostas nas vidas miceliare. Aos encontros e alianças que nos permitem escaparmos da via da exploração, das subjetividades capitalísticas como única forma de vida e desejo. O processo de descolonização é a ampliação das perspectivas, sendo através desses encontros a possibilidade de desejarmos as relações, o mundo e a vida de outras formas. Formas que possibilitem desvios do que levou à exploração brutal da natureza, de humanos e não humanos como algo natural. “As mundificações relacionais historicamente situadas fazem troça da divisão binária entre natureza e sociedade e da nossa submissão ao progresso e à sua gêmea maligna, a Modernização” (Donna Haraway, 2023, p. 96).

Nos interessou adentrar caminhos imaginatórios, mas que não anulam a tensão que os desvios contém. Não almejamos respostas únicas para questões tão rizomáticas e múltiplas, mas buscamos localizar nossas reflexões nas possibilidades dos deslocamentos com as formas de vida prontas e estáticas. Como reflete Anna Tsing (2022), é preciso adentrar fábulas outras nesse trajeto, contações que escapem à história dominante, seja da humanidade ou da natureza. “Ficou a cargo dos fabuladores, incluindo contadores de histórias não ocidentais e não civilizadores, lembrar-nos das vidas pulsantes de todos os seres - humanos e não humanos” (2022, p.29). Pensamos essa escrita-pesquisa com pessoas que propõem criação

implicada dentre o tensionamento das problemáticas que nos atravessam. Que lidam com a imposição do fim como trama complexa, mas que não adentram o fim como a única alternativa, não cedendo para a narrativa capitalista do fim sem outras possibilidades.

Ao longo da dissertação acompanhamos distintas pessoas autoras que pensam os tempos do planeta e natureza com ideias que nos possibilitaram a aposta na invenção de alternativas e outros conjuntos de relação e de vida. Desvios de uma unidade humana que produz exploração para apostas outras na habitação do mundo. Pensando em conjunto com (Donna Haraway, 2023), ao seguir com o problema nos deparamos com as angústias da não resposta, de não haver solução universal para tamanha complexidade dos nossos tempos, mas com isso nos deparamos com a diversidade dos distintos mundos que habitam o mundo. Percebemos que a construção de outros jeitos de viver passa por muitos lugares e muitos conjuntos, rompendo por si só o que a universalização moderna impôs. É um processo tentacular e múltiplo, de muitos agentes e, muitas vezes, em conjuntos menores.

Cada vez mais precisamos olhar para o problema, que apesar de muito distante quando pensamos nas grandes fortunas, na exploração brutal do sistema capitalista e de sua dinâmica de retenção e poder também nos é próximo. Em algum sentido o problema passa por nós, mas passa em formas díspares e intensidades muito diferentes. Ao longo dessa dissertação nos interessou pensar com pessoas que tensionam as unidades, o molar do mundo, mas também o que produzimos, entendendo o conjunto dos processos micro e macro políticos como extremamente válidos em suas diferenças. É preciso torção no olhar para com a terra e a Terra, com as noções de propriedade e também para com a nossa relação com a natureza. “Partindo da pluralidade constitutiva das existências humanas e não humanas na Terra, das diferentes culturas, tomar o mundo como objeto da ecologia é trazer de volta para o centro a questão da composição política entre essas pluralidades e, portanto, de um agir conjunto” (Malcom Ferdinand, 2022, p.39). O problema fica na intenção do agir conjunto proposto pelo autor, na intenção da criação de outros processos relacionais. Para que encontremos, como diz Donna Haraway (2023), as “formas de viver e morrer bem”, em conjunto, com o fim deste Mundo e a possibilidade de outros.

Para essa construção, é preciso repararmos e compreendermos que os níveis de prejuízo atravessarão, cada vez mais, maior parte da população. Isso não quer dizer que todas as pessoas o sentirão na mesma intensidade e com os mesmos efeitos. Algo que sempre acompanhou a história do capitalismo e da colonização, agora expressa suas máximas de desigualdade, onde os prejuízos climáticos escancaram a precarização imposta a diferentes corpos nesses enfrentamentos. Pensar um sistema que aniquila a terra, objetifica a natureza

para usufruto de poder e benefícios de uma pequena parte da população precisa estar dentro dessa equação. “Não pensam que assim estão estragando a terra e o céu e não e que nunca vão poder recriar outros” (Davi Kopenawa, 2015, p.419). Não há como pensar a crise climática distante da colonização por suas conexões exploratórias e racistas, que se reatualizam e expressam as reverberações das desigualdades, elas são crise em conjunto. “A primeira proposta parte da constatação de uma dupla fratura colonial e ambiental da modernidade, que separa a história colonial e a história ambiental do mundo” (Malcom Ferdinand, 2022, p.23). Essa história segue interligada e, por isso, há imensa diferença entre quem a poluição atravessa em cerceamento de escolhas, e quem a produz.

O 1% mais rico da população mundial produziu tanta poluição em 2019 quanto cerca de 5 bilhões de pessoas (dois terços da humanidade), revela o relatório Igualdade Climática: Um Planeta para os 99%, lançado nesta segunda-feira (20/11) pela Oxfam às vésperas da Cúpula Climática na ONU (COP 28) em Dubai, entre os dias 30 de novembro e 12 de dezembro deste ano. Um dos temas centrais da COP 28 é a necessidade de manter a meta de 1,5°C no aumento da temperatura global para evitar um colapso climático. (Oxfam, 2023)

Não são todas as pessoas responsáveis por esses efeitos e algumas já sentem e sentirão seus prejuízos com maior intensidade por negligência do Estado e por falta de aparatos de proteção. As conexões entre o neoconservadorismo e o neoliberalismo deixam explícitos os impasses e contradições desse sistema, cada vez mais em tensão e decadência, evidenciam o problema da grande escala exploratória envolvida no mesmo. Se por muito tempo as denúncias feitas pelas minorias foram abafadas pelo desejo de lugares de privilégio, o capitalismo tardio escancara que essa produção é inalcançável para maior parte da população e que sempre esteve em conjunto com a aniquilação de grande parte. Ailton Krenak (2022) aponta que são tantas as ficções sobre o mundo e a vida, mas nos levaram a acreditar que o modo dominante de vida seria o real e natural.

As reflexões acerca dos tempos atuais, das consequências climáticas cada vez mais explícitas ao redor do mundo, são expressas através de diversos nomes. O termo Antropoceno, cunhado por Paul Crutzen e Eugene Stoermer²⁹, abre uma gama de possibilidades para pensar os tempos geológicos ou tempos, mas também contradições quando localiza que esses tempos são efeitos da atuação da humanidade, como se essa fosse homogênea e una. O termo é amplamente pensado, questionado, utilizado e também atravessado por torções em sua própria criação e apropriações outras. Nesta pesquisa, nossa tentativa foi pensar um trajeto de enlances e engendramentos do aparato que produziu sistemas

²⁹ The “Anthropocene”, Crutzen e Stoermer, 2000.

de hierarquia em uma forma de humanidade racista, que se utilizou da monocultura para anulação das diversidades, para imposição da instituição do Homem como expressão da humanidade e da universalização de um modo de vida. Nossa intenção foi pensar a terra e a natureza como parte desse longo trajeto de imposição e hierarquização. “O par Natureza/Sociedade, não menos do que os binarismos do eurocentrismo, do racismo e do sexismo, está diretamente implicado nas colossais, violência, desigualdade e opressão do mundo moderno” (Jason Moore, 2022, p.15).

Os dualismos, como afirma Jason Moore (2022), são fundamentais para esse sistema e para o que hoje situamos como extremo climático. “Tais dualismos são parte do problema: são fundamentais para o raciocínio que levou a biosfera à transição atual em direção a um mundo menos habitável” (p.15). Esse constructo centra o humano como superior e a própria humanidade como algo uno. Por isso, ao longo dessa dissertação escolhemos compor com o Capitaloceno pela sua possibilidade de pensar os limites da exploração da natureza a partir de uma ecologia-mundo, em intensidades que adentram o sistema econômico e se conectam às diferentes habitabilidades. O Plantationoceno e o Negroceno também foram utilizados para explicitar que o Capitaloceno só é possível pela colonização e sua forma de habitar racista e hierarquizante, que implanta os plantations como esse modo de usar o mundo. Ainda há diversos outros nomes para se pensar o momento atual, mas pelo tempo hábil localizamos nossa escolha com o que mais fez sentido para reflexão desta pesquisa pela composição do engendramento de um sistema que produz a própria noção de humanidade e valor da natureza.

Das emboscadas de homogeneização da humanidade, de uma psicologia ou vida universal, o que desvia nos chama atenção. Nesta trajetória de reflexão sobre as conexões entre as produções de violência, os binarismos e as monoculturas, precisamos retomar o que escapa às narrativas dominantes. Tensionar a importância das lutas sociais precisarem de uma lógica rizomática para mudanças dos diferentes sistemas hegemônicos. É escapar das lógicas de poder e encontrar coletivos que abranjam alianças sem anular as diferenças e multiplicidade. “Ou você ouve a voz de todos os outros seres que habitam o planeta junto com você, ou faz guerra contra a vida na Terra” (Ailton Krenak, 2020, p.73). Como seria pensar o desejo e as garantias de direitos para além do poder? Para além das instituições impostas? É um processo extremamente complicado, localizando que nem todos os corpos têm os mesmos acessos em ocupar lugares, e nem ao que já está dado enquanto direito. Por isso, a possibilidade de escolha é uma luta extremamente fundamental. A questão não é desqualificar as vias contraditórias que passam por essas reivindicações, nesses sistemas estaremos lidando constantemente com isso, mas importa seguir o tensionamento se elas seriam as únicas formas

de qualificarmos a vida. Há lugares que seriam mais interessantes se não quiséssemos chegar. Acessar, mas também em processos de desejos outros, de lugares outros e vidas outras.

Importa quais pensamentos pensam pensamentos. Importa quais conhecimentos conhecem conhecimentos. Importa quais relações relacionam relações. Importa quais mundos mundificam mundos. Importa quais histórias contam histórias. (Donna Haraway, 2023, p.67)

Nessa dissertação interessou localizar com quem pensamos e estar com quem aposta na coexistência de muitos mundos para lidarmos com o fim em desvio das narrativas neoliberais de alternativas engenhosas de consumo e produção. Buscamos relações com o mundo que desviem das práticas de vida mecanicista e em prol do “avanço” exploratório. Nos interessou pensar sobre as diferentes existências como abertura e possibilidade de construção conjunta.

O Bem Viver será, então, uma tarefa de (re)construção que passa por desarmar a meta universal do progresso em sua versão produtivista e do desenvolvimento enquanto direção única, sobretudo em sua visão mecanicista do crescimento econômico e seus múltiplos sinônimos. (Alberto Acosta, 2016, p.77)

Caminhos abertos, ideias finais...

A intenção da construção dessa pesquisa não passou pela busca de conclusões e planificações de manuais ou guias imperativos sobre o viver, mas adentrar tensionamentos e imaginações. Nosso desejo foi despertar questões, reflexões, caminhos, sensações, como as pessoas autoras citadas nos despertaram ao longo deste trajeto com as suas ideias. Reflexões que nos ajudam a imaginar e propor a prática psi de outras formas, a viver e entender os modos de subjetivação em tentativas constantes de abertura para diferir. Descolonizar noss-o inconsciente parece de extrema importância para pensarmos em outros mundos, outras formas de vida. As relações, como o próprio planeta e a crise climática, demonstram a urgência da coexistência das existências e de relações outras com/na Terra. “É a partir da instauração cosmopolítica de um mundo entre os humanos, juntamente com os não humanos, que a Terra pode se tornar não apenas aquilo que se partilha mas também aquilo que se tem ‘em comum, sem possuir de fato’ ” (Malcom Ferdinand, 2022, p.39). Por isso, estar com a natureza de outros modos é uma aposta em outras formas de mundo e, logo, formas de aliança e aposta em mundos porvir e subjetividades outras.

Nos interessa pensar as práticas psi para poder criar caminhos que permitam ampliar as subjetividades e apostar na invenção de outras formas de sentir o mundo, de viver o mundo e as relações. Com todas as limitações contidas em uma pesquisa-escrita, aqui depositamos as

problemáticas e questões sobre os modos de subjetivação, no sentido de poderem ser outros. Por caminhos onde pluralidades, multiplicidades e diversidade operem. Isso nos possibilita desindividualizar certas questões e buscar a construção de rupturas com a violência em suas diferentes formas. Nessa trajetória em pensar como se dão, se enlaçam e se atravessam as questões de gênero, monoculturas e o momento extremo que estamos vivendo em relação a exploração do capitalismo tardio. Campo de muitas ramificações e, ainda assim, nossa aposta foi explorá-las, algo difícil considerando o tempo cronológico. Será que deveríamos ter excluído alguns de seus ramos? Ainda não sabemos. Mas acreditamos na ramificação pela possibilidade da ampliação do que podemos viver, quando encontramos a possibilidade de relações potáveis, entre nós e com o mundo. Assim criamos maneiras de reflorestar nossos imaginários e a partir disso movimentar ações que encontrem o reflorestamento do sistema-mundo. (Geni Núñez, 2021).

Nas diversas práticas psi, como a clínica ou o trabalho com as políticas públicas, dentre outros, é preciso que haja atenção aos modos de intervenção. Pois muitas vezes adentramos a reprodução de lugares colonizadores e de vias moralizantes. É preciso encontrar caminhos que não se alinhem às lógicas hegemônicas que nos atravessam com modelos universais e conservadores de vida. Pois justamente elas são o que produz sofrimento e violências pelo apagamento das diferenças e multiplicidades.

As questões que possibilitaram esta pesquisa seguem em aberto, e acreditamos que os questionamentos e tensionamentos são vias necessárias para que consigamos seguir na busca por alianças. Também por lutas que movimentem e produzam micro e macro políticas de vida e companheirismo, como lutas amplas por garantia de direitos ou movimentos diários. Ficar com o problema (Donna Haraway, 2023) adentra a complexidade do mundo, das relações, da vida, pois não produz respostas fáceis e caminhos únicos. Nos coloca em implicação a repensar os aparatos hegemônicos de vida e nesse sentido produz desconforto. Assim, atentar-se cotidianamente, buscar outras lógicas, práticas diárias, desvios, pequenas brechas. Pensar as relações e outras economias/ecologias de mundo. É preciso rever com quem queremos contar – nos embates de força – outras histórias (Donna Haraway, 2023). Com quem queremos apostar em outras formas de vida, com quem pensamos pensamentos em um emaranhado de linhas que requer a busca por redes. Dentro de uma lógica colonial-capitalista, essa produção requer intensa abertura para questionarmos nossos próprios olhares para com o mundo, com as nossas vidas. Há tempo?

Se no tempo neoliberal essa possibilidade não existe, busquemos, então, composição com todos os tempos outros que sempre estiveram no mundo. Acreditamos na produção de

desejo como ferramenta ético-política e estética, pois é o desejo que possibilita desvios cotidianos, lutas, estratégias, subjetividades outras – que permitem a desnaturalização de tudo que foi imposto como único. Apostamos na articulação das ecologias que constituem o mundo como via de criação para a crise que nos encontramos. “E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do socius em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época” (Guattari, 2001, p.56).

Essa aposta é desvio da produção da sensação de desespero e medo do capitalismo tardio. Como se não houvesse mais saída senão a de um fim em chamusca ou tomado pelas águas em uma enchente, que possivelmente seria salvo por uma grande engenharia para ainda manter o Mundo do mesmo jeito, em suas mesmas dinâmicas. Como no *Expresso do amanhã*, filme de Bong Joon-ho, 2013, em que a humanidade dominante cria um trem que circula ao longo do globo congelado, com todas as facilidades de uma vida exatamente igual ao sistema-mundo de hoje. Em todas suas desigualdades separadas por vagões, necropolítica, fronteiras, pobreza e retenção de riqueza. A narrativa para que o trem siga funcionando do mesmo jeito é a preservação da humanidade dentre o fim, afinal fora dos vagões só haveria gelo e nenhuma vida. Ao final, depois de movimentos políticos de resistências para sua explosão, duas crianças sobrevivem, uma menina asiática e um menino negro, e ao saírem do trem encontram um urso adulto e um urso bebê. Havia vida. Sempre houve. Há um grande perigo na ilusão de que a única possibilidade seja o fim e que necessariamente o fim seja do todo e negativo. Não apenas pela produção de paralisia que nos causa, mas pelo medo como via da manutenção das formas dominantes que estariam próximas do fim.

Ficar com o problema não é olhar para o fim em fechamento, sem possibilidades ou futuros possíveis, mas lidar com tudo que ele expressa e contém. Olhá-lo em perspectiva do que acaba e do que pode diferir. Em uma das *Conversas na rede*, Ailton Krenak e Viveiros de Castro falam sobre as problemáticas climáticas, capitalismo tardio e outras possibilidades de economia-mundo. Ao refletirem sobre o fim do mundo que já aconteceu e segue acontecendo para as diferentes humanidades e não humanidades, Krenak retoma uma possibilidade: “Ao mesmo tempo que a gente pode dizer que o povo indígena é especialista em fim do mundo, a gente podia também afirmar que são especialistas em inventar mundos, e diferentes dos brancos eles não ficam no fim do mundo, eles criam outros”³⁰. O fim desse sistema-mundo também abre a possibilidade de driblarmos as chamuscas e encontrar vida em conjunto, não

³⁰ Ideias a partir da conversa de Krenak e Viveiros de Castro disponível em *Conversas na Rede*. Citação retirada dos 36 minutos.

sendo apenas as nossas, mas de todas outras existências que vivem por aí. Quando Ailton fala sobre a invenção de outros mundos, em nenhum momento se alia ao fim desse mundo como proposta neoliberal de explorá-lo até seu extremo e descartá-lo como mais uma mercadoria. Pelo contrário, quando falamos do fim é sempre o fim de habitações dominantes, para que nesse mesmo mundo, nessa mesma Terra, existam diversos mundos, da coexistência dos viveres. Algo que a modernidade cerceou e agora o capitalismo tardio nos priva de imaginar. Ao fim desta dissertação localizamos que a nossa aposta foi na possibilidade de desvio da aniquilação do mundo, das humanidades e não humanidades. Desvios de um sistema que transforma a vida em mercadoria para o seu fim. Aposta na imaginação, mas também na invenção de um habitar onde se possa experimentar a fruição da vida em compartilhamento.

A singularidade dos encontros interespecies é importante; é por isso que o mundo continua ecologicamente heterogêneo, apesar da abrangência dos poderes globais. A complexidade das coordenações planetárias também são importantes; nem todas as conexões têm os mesmos efeitos. Para escrever uma história da ruína, precisamos seguir os fragmentos quebrados de muitas histórias e mover-nos para dentro e para fora de seus muitos retalhos e manchas. No jogo do poder global, os encontros indeterminados continuam sendo importantes.

... em brechas e manchas (Anna Tsing, 2022, p.313)

Das palavras que não cabem em uma dissertação...

Esse é um recado para quem me lê, para quem estiver percorrendo essas páginas por algum motivo. Escrever tem sido um processo difícil, ainda mais pelo peso de uma escrita acadêmica, essa que nos coloca em lugares de suposto saber com sentidos tão instituídos. Esse lugar esperado diversas vezes me paralisou e paralisa, levando a pesquisa por outros caminhos, afastados de sensações e sentidos. Por isso, retomo Gloria Anzaldúa (2000) e toda sua potência e delicadeza em lidar e subverter com o lugar único e dominante estabelecido do escrever. Afetos fizeram essas páginas existirem; também a tentativa de ocupar esse lugar na arriscação de que a junção dessas ideias e palavras produzam efeitos, sem saber quais, sem saber por onde. Arrisquei as palavras na possibilidade de seguirmos imaginando, sonhando e tentando. Arrisquei também pelas diversas pessoas que me acompanharam e incentivaram esse arriscar. A escrita acontece em coletivo e é isso que nos possibilita sua construção. A escrita em nosso país ainda é um privilégio e, por isso, escrever pode ser forma de denunciar os distintos sistemas que a negam para a maior parte da população. Ainda que atravessada por falhas constantes, apostei na ideia de imaginar possíveis outros, em que todes nós tenhamos essa possibilidade, sem impedimentos, sem barreiras, a de apenas arriscar.

O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. (Gloria Anzaldúa, 2000, p.233)

Agradeço o carinho de quem esteve por aqui!

Referências:

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo. Autonomia literária, Elefante. 2016.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, ano 8, 2000 [1981], pp. 229-236.

ARROYO, Adriana Guzmán. **Descolonizar la memoria descolonizar los feminismos**. Bolívia, 2019. Disponível em <https://we.riseup.net/assets/652996/Descolonizar+Los+Feminismos+Feminismo+Com+unitario+Antipatriarcal.pdf>.

BEDIN DA COSTA, Luciano. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. **Paralelo 31** ed 15. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/20997>. Acesso em 15 Jun 2024.

BEDIN DA COSTA, Luciano. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014**. Acesso em 10 Julho 2024.

BRUM, Eliane. SUMAUMA. Marielle: a quem se destina a terra? Abril de 2024. Disponível em [https://sumauma.com/marielle-a-quem-se-destina-a-terra/#:~:text=Na%20mais%20emblem%3%A1tica%20cidade%20do,Stang%20\(1931%2D2005\)](https://sumauma.com/marielle-a-quem-se-destina-a-terra/#:~:text=Na%20mais%20emblem%3%A1tica%20cidade%20do,Stang%20(1931%2D2005)). Acesso em 15 Maio 2024.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. Judith Butler. Tradução de Veronica Daminelli, Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo edições, 2019

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, Olhares alternativos, v.21, p. 219-260, 2003. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/vSbQjDcCG6LCPbJScQNxw3D/?format=pdf> . Acesso em 13 Março 2024.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** / Judith Butler; tradução Heci Regina Candiani. 1.ed. São Paulo. Boitempo. 2024. 272.p.

CONNECTAS. A ofensiva antigênero como política de Estado. Entrevista Sonia Corrêa. **Conectas**. 2020. Disponível em <https://www.conectas.org/noticias/ofensiva-antigenero-politica-estado/>. Acesso em 20 Abril 2024.

CONVERSAS NA REDE. Partícula particulares. Ailton Krenak e Eduardo Viveiros de Castro. 16 de Agosto de 2023, Selvagem ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wp5NlnNE4BI>. Acesso em 5 Março 2024.

COSTA, Luis Artur. Narrar-se para se desgarrar do razoável: a ficção como dispositivo clínico-político ético-estético. **Revista Paralelo 31**, ed. 15. Pelotas, dez 2020; pp.180-207. Disponível em

<=<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/21006/12956>
Acesso em 15 dez 2022.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil. 1981. Disponível em:
<http://www.iea.usp.br/eventos/cursos/mariza>. Acesso em 25 Abril 2024.

CRUTZEN, Paul; STOERMER, Eugene F in: Global Change Newsletter, 41 (May 2000): 17-18. Disponível em
<http://people.whitman.edu/~frierspr/Crutzen%20and%20Stoermer%202000%20Anthropocene%20essay.pdf>. Acesso em 05 Abril 2024.

DA CRUZ, Lilian. Et.al. Vertigens do Exercício (po)ético de Pesquisar. in: **A pesquisa como criação de mundos** [livro eletrônico] : 20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção da psicologia social / organização Fernanda Amador...[et al.].-Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora, 2023. PDF

DAROS, Raphaella Fagundes. Escrever como quem coleciona cacôs: uma aposta metodológica. Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI -. UERJ. 2018. Disponível em
<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>. Acesso em 13 Março 2024.

DAVIS, Angela. **Democracia pra quem?:** ensaios de resistência / Angela Davis, Patricia Hill Collins, Silvia Federici. 1 ed. São Paulo. Boitempo, 2023.

DAVIS, Angela. O abuso de animais é consequência direta do capitalismo global. advindo de: <https://cov19chronicle.com/> e canal Frank Barat. . Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=n2UcaDdd0Q0>. Acesso em 22 Março 2024.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**; tradução de Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1** / Gilles Deleuze, Félix Guattari; – São Paulo: Editora 34, 2011. 2ª Edição. 128.p

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3** / Gilles Deleuze, Félix Guattari; – São Paulo: Editora 34, 2012 (2ª Edição). 144 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4** / Gilles Deleuze, Félix Guattari; – São Paulo: Editora 34, 2012 (2ª Edição). 200 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**/ Gilles Deleuze e Félix Guattari; tradução de Luiz B.L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011. 560 p.

DE PAULA-SOUZA, Tadeu. O método da cartografia: conhecer e cuidar de processos singulares. **Revista Facultad Nacional de Salud Pública**, vol. 33, núm. 1, 2015, pp. S75-S83. Universidad de Antioquia.png, Colombia. Disponível em

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=12042407007>. Acesso em 10 Março 2024

EL PAÍS. Elogio à tortura, dupla moral e enrolados na Justiça em nove votos na Câmara. Abril 2016. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/19/politica/1461019293_721277.html. Acesso em 07 Julho 2023.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro. Malê. 2016.

EVARISTO, Conceição. Trecho retirado de sua página de instagram, 2023. Disponível em <https://www.instagram.com/reel/CpXZVpAgGfK/?igshid=Mzc1MmZhNjY%3D> Acesso em 05 Mar 2023

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho** / Malcom Ferdinand. Tradução Letícia Mei; prefácio Angela Davis; posfácio Guilherme Moura Fagundes. – São Paulo: Ubu Editora, 2022. / 320 pp.

FERNANDES, Rhuann; MEDRADO, Andreone. **Não monogamia: trânsitos entre raça, gênero, e sexualidade**. / Andreone Teles Medrado, Rhuann Fernandes; Prefácio de Letícia do Nascimento. Rio de Janeiro: Telha, 2023.

FORBES. Conheça as famílias bilionárias do Brasil. Outubro de 2023. Disponível em <https://forbes.com.br/forbes-money/2023/09/lista-forbes-2023-no-dia-do-irmao-conheca-as-familias-bilio-narias-do-brasil/>. Acesso em 10 Abril 2024

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si** / Michel Foucault; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; 15^a ed. Rio de Janeiro/ São Paulo : Paz e Terra - 2017.

GLOBO. Trabalhadores resgatados em situação de escravidão no RS. 27 de Fevereiro de 2023. Disponível em <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/02/27/trabalhadores-resgatados-em-situacao-de-escravidao-no-rs-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-saber.ghtml>. Acesso em 10 Maio 2023.

GREENPEACE. greenpeace.org.br . **Com Bolsonaro Amazônia tem maior desmatamento desde 2006**. Disponível em <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/com-bolsonaro-amazonia-tem-maior-desmatamento-desde-2006/>. Acesso em 10 Nov 22.

GROSFUGUEL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidental. In: **Decolonialidade e Pensamento Afrodiáspórico**. Organizadores Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado- Torres, Ramón Grosfoguel. –2. Ed., 3. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias** / Félix Guattari; tradução Maria Cristina F. Bittencourt.— Campinas, SP : Papirus, 1990. Ed. 11^a. 2001.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: **Cartografias do desejo**. 12. Ed. RJ: Vozes, 2013.

GUIMARÃES, Sandra. Movimento Sem Terra – (MST). **MST e veganismo popular**. Disponível em <https://mst.org.br/2021/11/10/mst-e-veganismo-popular> Acesso em 3 Março de 2024.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes*. In: *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte I* Ano 90 3 - N. 5 / Abril de 2016 / ISSN 2359-4705. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4197142/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf. Acesso em 16 Fev. 2023.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**/ Donna Haraway, traduzido por Ana Luiza Braga. – São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, Donna; ISHIKAWA, Noburu; GILBERT, Scott; OLWIG, Kenneth; TSING, Anna; BUBANDT, Nils. (2015/2016) Anthropologists Are Talking – About the Anthropocene, *Ethnos*. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00141844.2015.1105838>. Acesso em 10 Abril 2024.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Situando diferenças, v.5, p. 7-41, 1995. Disponível em <https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020/31102009-083336haraway.pdf>. Acesso em 26 Março 2024.

HILLESHEIM, Betina et. AL. “Com o sangue de quem foram feitos nossos olhos?”: uma proposta de tensionamento de ferramentas foucaultianas por olhares periféricos. In: **Nos rastros de Foucault: diálogos contemporâneos** / Vinícius Barbosa Cannavô (Organizador), Tainá Suppi Pinto (Organizadora), Cristianne Maria Famer Rocha (Organizadora). – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** : mulheres negras e feminismo / bell hooks; tradução Bhuvan Libanio - 11^a ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

INSTITUTO MARIA DA PENHA (IMP). **A lei na íntegra e comentada**. Fortaleza, 2009. Disponível em <http://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/lei-maria-da-penha-na-integra-e-comentada.html>. Acesso em 15 Julho 2023.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami** / Davi Kopenawa e Bruce Albert; tradução Beatriz Perrone- Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. 1^aed. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. Pesquisa e organização Rita Carelli. 1^a Ed. São

Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LARA, Lutiane. Et.al. **Ganhamos e agora? Como se agenciar diante da ameaça fascista?** in: *Ética e política contracolonial* / Flávia Cristina Silveira Lemos, Dolores Galindo, Pedro Paulo Gastalho de Bicalho, Aluísio Ferreira de Lima, João Paulo Pereira Barros, Silvio José Benelli, Manoel Ribeiro de Moraes Júnior, Fernanda Teixeira de Barros Neta (organizadores) – Curitiba : CRV, 2024. 856 p.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. *Debate Colonialidade do Gênero e Feminismos Descoloniais* • **Rev. Estud. Fem.** 22 (3) • Dez 2014 • P. 935- 952

LUGONES, Maria. Heterosexuality and the Colonial/Modern Gender System Lugones, Maria, 1944- *Hypatia*, Volume 22, Number 1, Winter 2007, pp. 186-209 (Article).

Disponível em

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4251730/mod_resource/content/0/heterosexuality%20and%20the%20colonial%20modern%20gender%20system%20maria%20lugones.pdf. Acesso em 10 Abril 2024.

MOORE, Jason. O surgimento da natureza barata. In: **Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo** / organizado por Jason W. Moore; tradução de Antônio Xerxesky, Fernando Silva e Silva. São Paulo: Elefante, 2022. 344p.

MOSCHKOVICH, Marília. “Família” e a nova gramática dos Direitos Humanos no governo de Jair Bolsonaro (2019-2021) Marília Moschkovich. 2023. **Mecila**.

Disponível em: <<https://mecila.net/wp-content/uploads/2023/01/WP-Moschkovich-Online.pdf>>. Acesso em: 5 Abril. 2024

Movimento Sem Terra – (MST). MST. org. br. **Nossa História**. Disponível em <<https://mst.org.br/nossa-historia/inicio/>> Acesso em: 15 Agost. 22.

Movimento Sem Terra – (MST). MST. org. br. **Bolsonaro é um instrumento da guerra de classe global**. Disponível em <<https://mst.org.br/2022/10/28/bolsonaro-e-um-instrumento-da-guerra-de-classes-global-uma-entrevista-com-noam-chomsky/>> Acesso em: 23 Fev. 23

Movimento Sem Terra – (MST). MST. org. br. **MST já doou mais de 7 mil toneladas de alimentos desde o início da pandemia**. Disponível

em<<https://mst.org.br/2022/09/12/mst-ja-doou-mais-de-7-mil-toneladas-de-alimentos-desde-o-inicio-da-pandemia/#:~:text=Durante%20o%20auge%20da%20pandemia,50%20mil%20m%C3%A1scaras%20de%20prote%C3%A7%C3%A3o.>>> Acesso em: 29 Nov. 23.

NASCIMENTO, Letícia Carolina do. **Transfeminismo**. Letícia Carolina do Nascimento. São Paulo. Jandaíra, 2021. 192 p. (Feminismos Plurais/ Coord. Djamila Ribeiro)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhem. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NÚÑEZ, Geni. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. Climacom, 2021. Disponível em <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2021/12/GENI.pdf>. Acesso em 10 Março 2024.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar**. Geni Núñez. São Paulo. Planeta do Brasil. 2023

NÚÑEZ, Geni; OLIVEIRA, João Manuel; SOUZA LAGO, Mara. Monogamia e (anti)colonialidades: uma artesanania narrativa indígena. UFJF. 2021. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/download/34439/24552> Acesso em 10 Julho 2024.

OUTRAS PALAVRAS. Assim o neoliberalismo capturou a família. Melinda Cooper entrevista. 2024. Disponível em <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/assim-o-neoliberalismo-capturou-a-familia>. Acesso em 15 Maio 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. CODESRIA Gender Series, v. 1, p. 1-8, 2004.

OXFAM. O 1% mais rico do mundo emite a mesma quantidade de poluição que 5 bilhões de pessoas. 2023. Disponível em <https://www.oxfam.org.br/noticias/o-1-mais-rico-do-mundo-emite-a-mesma-quantidade-e-de-poluicao-que-5-bilhoes-de-pessoas/#:~:text=Em%202019%2C%20as%20emiss%C3%B5es%20de,um%20Planeta%20para%20os%2099%25>. Acesso em 10 Maio 2024.

POLESSO, Natalia Borges. **A extinção das abelhas** / Natalia Borges Polesso - 1ªed - São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

PORTAL CATARINAS. Não há cura do indivíduo, se não há cura da terra. Entrevista Geni Núñez em 24 ago 2021, 18h37. Disponível em <https://catarinas.info/nao-ha-cura-do-individuo-se-nao-ha-cura-da-terra/>. Acesso em 20 Agosto 2023.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**. Paul B. Preciado. Traduzido por Maria Gurgel Ribeiro. São Paulo. n-1 edições, 2018

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (Ed.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Clacso), 2005. p. 1-27.

RIBEIRO, Sidarta. SUMAÚMA. O problema não indígena. 23 de Outubro de 2023. Disponível em <https://sumauma.com/o-problema-nao-indigena/#:~:text=s%C3%ADTios%20de%20mi nera%C3%A7%C3%A3o-,Parece%20ser%20urgente%20para%20o%20capitalismo%20matar%20tudo%20at%C3%A9%20a,botos%20cozidos%20e%20peixes%20asfixiados>. Acesso em 10 Março 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023

SHIVA, Vandana. **Terra viva: minha vida em uma biodiversidade de movimentos** / Vandana Shiva; tradução de Marina Kater. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2024. 216.p

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e biotecnologia**. Vandana Shiva / tradução Daniela de Abreu Azevedo - São Paulo: Gaia, 2003. 240p.

STRATHERN, Marilyn. **Parentesco, direito e o inesperado: parentes são sempre uma surpresa** / Marilyn Strathern; tradução Stella Zagatto Paterniani - 1ed. - São Paulo: Editora Unesp, 2015.

STRATHERN, Marilyn. 1992. *After Nature: English kinship in the late twentieth century*. Cambridge: Cambridge University Press.

SUMAÚMA. O branco esquece mas todo mundo vai sofrer igual. 29 de maio de 2024. Disponível em <https://sumauma.com/o-branco-esquece-mas-todo-mundo-vai-sofrer-igual/>. Acesso em 5 Junho 2024.

TSING, Anna. *O cogumelo no fim do mundo* / Anna Tsing; traduzido por Jorge Menna Barreto, Yudi Rafael. - São Paulo: n-1 edições, 2022. 412p.

UOL. Debate na Globo: melhores momentos de Bolsonaro e Lula no último debate antes do 2º turno. 29 de Outubro de 2022. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=IITaa_B1qjI. Acesso em 03 Fev. 2024.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Análise dos sistemas mundais*. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). **Teoria social Hoje**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.